

ISSN 2318-3446

RÓNAI

REVISTA DE ESTUDOS
CLÁSSICOS
E TRADUTÓRIOS



vol. 11
n° 1
2023

ufjf
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Expediente

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios

Volume 11, Número 1

Editores

Prof. Dr. André Rodrigues Bertacchi (UFJF)

Profa. Dra. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Profa. Dra. Noemi Teles de Melo (UFJF)

Avaliadores e avaliadoras

Prof. Dr. Bruno Amaro Lacerda (UFJF)

Prof. Dr. Carlos Renato R. de Jesus (UEA)

Prof. Dr. Emerson Cerdas (Unesp/Araraquara)

Prof. Dr. Gustavo Henrique Montes Frade (UFMG)

Prof. Dr. Henrique Fortuna Cairus (UFRJ)

Profa. Dra. Júlia Batista Avellar (UFU)

Prof. Dr. Leonardo Medeiros Vieira (UFBA)

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)

Profa. Dra. Mara Gonzalez Bezerra (UNIASSELVI)

Profa. Dra. Marly de Bari Matos (USP)

Prof. Dr. Matheus Trevizam (UFMG)

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp)

Prof. Dr. Pedro Baroni Schmidt (URFJ)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho (UFES)

Profa. Dra. Renata Senna Garrafoli (UFPR)

Prof. Dr. Robson Batista dos Santos Hasmann (IFSP)

Prof. Dr. Rogério G. de Campos (UNILA)

Apresentação

Este é nosso primeiro número da edição de 2023. Nele contamos com um artigo e cinco traduções. A seguir, apresentamos brevemente cada um dos textos publicados aqui.

Na seção de artigo, em **Modos absolutos e relativos de julgar em Xenofonte e Varrão – Elementos de uma gramática cultural comparada**, Lorenz Rumpf tece uma comparação entre os modos de pensar grego e romano a partir de exemplos sobre como esses dois povos trataram da questão de qual o melhor terreno para a agricultura. Para isso, o autor explora as diferenças entre as duas culturas a partir da análise de dois tratados – o *Econômico*, de Xenofonte, e o *De re rustica*, de Varrão. A investigação conclui por justificar a antiga oposição entre a tendência teórica dos gregos, contraposta à maneira mais prática com que os romanos tratavam os mesmos problemas, mostrando como tal diferença de perspectivas se reflete nas particularidades linguísticas de cada autor, mesmo tratando das mesmas questões.

Abre a seção de traduções a **Tradução de Cícero, Orator 1-19**, parágrafos que compreendem o prefácio do diálogo. Como discute Sidney Calheiros de Lima, neste prefácio Cícero retoma Platão e sua teoria das Formas a fim de apontar para a importância do conhecimento filosófico na formação do orador eloquente.

No texto que segue – **Amor riscado nos muros: tradução de grafites latinos de temática amorosa** –, Danilo Oliveira Julião e Gelbart Souza Silva dão continuidade a trabalho publicado nesta revista (vol. 10, n. 2, 2022) sobre os grafites romanos. Enquanto previamente, porém, o foco esteve nas inscrições com temática jocosa, aqui os tradutores se voltam a grafites de teor erótico.

Ainda neste número, temos a tradução do *Pro Marcello*, de Cícero, acompanhada de um estudo introdutório, de autoria de Bruno Amaral Lacerda e Leni Ribeiro Leite, acompanhada de um estudo introdutório. É nesse discurso em que o orador romano se vale do gênero epidítico para louvar as virtudes de César, ao mesmo tempo em que aconselha este a também agir de forma virtuosa.

Em **Dois cantos de mulheres ao toque do teponaztli dos Cantares mexicanos**, Sara Lelis de Oliveira apresenta a tradução de cantos de mulheres (*cihuacuicatli*), originalmente acompanhados do instrumento *teponaztli* e preservados por manuscritos coloniais em seu náuatle clássico. A primeira dessas composições, “Canto de mulheres sobre a ressurreição de Nosso Senhor”, reflete o impacto dos colonizadores europeus nas culturas americanas, enquanto a segunda, “Canto de mulheres Chalca” data de antes da chegada de Colombo.

Fechando este número, temos a **Morte de Actêon (Ovídio, Metamorfoses, 3. 143-252)**, vertido por João Ângelo de Oliva Neto. Oferecendo uma tradução poética deste episódio das *Metamorfoses*, o autor explica, no estudo introdutório, os recursos métricos do português empregados para reproduzir a métrica de

Apresentação

Ovídio. Ademais, há um breve comentário sobre o mito de Actêon e suas versões anteriores ao poema latino.

Despedimo-nos agradecendo aos autores, pareceristas e demais colaboradores - que tornaram possível não somente este número, mas a continuidade de nossa revista -, e desejando ao nosso público uma leitura prazerosa e proveitosa!

A equipe editorial
André Rodrigues Bertacchi
Carol Martins da Rocha
Noemi Teles de Melo

Modos absolutos e relativos de julgar em Xenofonte e Varrão – Elementos de uma gramática cultural comparada

RESUMO: Com base em um estudo detalhado de Varrão, *De re rustica* 1,23, e Xenofonte, *Oeconomicus* 16, o objetivo deste artigo é identificar alguns padrões típicos que poderiam ser úteis para uma análise comparada de certos modos de pensar de *longue durée* romanos em oposição aos gregos. Em foco estão especialmente os modos de julgar (neste caso, a qualidade de um terreno), que tendem a ser absolutos em Xenofonte e relativos em Varrão. Duma maneira comparável àquela que foi descrita pelo autor num trabalho anterior sobre Políbio e Lívio, manifestam-se diferenças estruturais específicas. Nos textos gregos, os juízos em geral se fazem num quadro predefinido teoricamente, enquanto que nos textos romanos os modos de pensar são mais flexíveis e mais abertos a desenvolvimentos imprevistos. Em termos linguísticos, isso se reflete nas maneiras de usar formas superlativas (nos textos gregos) e comparativas (nos romanos). Em termos de história social, estas diferenças podem ser interpretadas como indicadores de formas diversas da ética de trabalho.

Palavras-chave: Xenofonte, Varrão, agricultura, estudos comparativos culturais, ética de trabalho.

3

Absolute and relative modes of judgement in Xenophon and Varro. Some elements of a comparative cultural grammar

ABSTRACT: Starting from an in-detail case study of Varro, *De re rustica* 1,23 and Xenophon, *Oeconomicus* 16, the paper aims at identifying some patterns which might prove useful for a comparative analysis of basic Roman, as against Greek, *longue durée* ways of thinking. A special focus has been laid on the modes of judging (for the issue at hand, of assessing the quality of the soil of a piece of ground), which tend to be absolute in Xenophon and relative in Varro. In a manner comparable to what was described by the author in a paper on Polybius and Livy, certain structural differences emerge: In the Greek texts judgements are generally made within a theoretically predefined frame, as against the more flexible ways of thinking in the Roman texts which allow for unpredicted developments. In linguistic terms, this is reflected in the ways of using superlative and comparative forms, respectively; in terms of social history, these pattern differences may be indicative of different types of work ethics.

Modos absolutos e relativos de julgar em Xenofonte e Varrão – Elementos de uma gramática cultural comparada

Keywords: Xenophon, Varro, agriculture, comparative cultural studies, work ethics.

Introdução¹

No foco deste artigo estão as ideias de algo “pequeno” e algo “grande”. Mais precisamente, o objetivo será buscar o “grande” no “pequeno”. Antes de tudo, algumas palavras em relação às coisas “grandes”: a questão de “o que é tipicamente romano” e “o que é tipicamente grego” são padrões interpretativos com que tenho lidado no mínimo desde que li Políbio e Richard Heinze (1960). Refiro-me não tanto à representação de ideologemas presentes na consciência dos atores ou a momentos de autointerpretação coletiva, mas antes a figuras e fórmulas elementares culturais, elementos de um *habitus* comum, que não são questionados ou tematizados, simplesmente por serem vistos como premissas autoevidentes pelos autores. Suponho que esses elementos são visíveis também nos modos essenciais da argumentação e que consigam revelar-se ao longo da investigação nos detalhes linguísticos. Assim eles também são objetos de estudo da filologia, e o alvo da pesquisa aqui pode ser considerado uma espécie de gramática cultural.

Que um tal projeto contenha, do princípio ao fim, elementos especulativos, está na natureza das coisas; uma certa ênfase aguda na comparação tem como objetivo formar hipóteses acentuadas. Naturalmente, não pretendo propor uma reintrodução de conceitos de caráter duvidoso e obsoleto ou, então, generalizações sobre “os gregos” e “os romanos” como pessoas. Contudo, acredito que a temática da formação do *habitus* típico seja de enorme interesse. Imagino essas estruturas mentais e habituais como sendo bastante estáveis e considero que elas se encontrem, no sentido de Fernand Braudel e da escola das *Annales*, na escala de tempo da *longue durée*. O como e o porquê de terem surgido logo estas formações do *habitus* e não outras é uma questão demasiado grande para um filólogo responder. De qualquer forma trabalhamos todos na nossa prática de interpretação com as categorias abrangentes “grego” e “romano”, sem que isto tenha de desviar-se em obscuras ideias nacionais da cultura grega e romana. Por exemplo, os estudos da História Antiga sobre a política da república romana, sobre relações de aculturação ou sobre as maneiras agonais específicas e o processo de tomada de decisões dentro da aristocracia romana² não seriam imagináveis sem um plano subjacente de características determináveis e específicas da cultura, mesmo que os seus contornos não sejam sempre muito nítidos.

¹ Os meus agradecimentos calorosos vão a Ariana Mendes pela tradução e a Carol Martins da Rocha pela ajuda linguística inestimável. Queria expressar minha gratidão também aos avaliadores anônimos de *Rónai* pelas sugestões úteis, assim como aos que acompanharam minhas falas sobre o tema em Heidelberg, Frankfurt, Bologna, Juiz de Fora, Salvador da Bahia e Accra.

² P. ex. GRUEN, 1990; FLAIG, 1993; HÖLKESKAMP, 2010.

Para esclarecer do que trato, gostaria de recorrer brevemente a um estudo comparativo que realizei sobre dois historiadores, Políbio e Tito Lívio (RUMPF, 2006). Estava interessado nos modos de julgamento, a partir dos quais surgiu a seguinte oposição: em Políbio, as argumentações e os raciocínios se desenvolveram, tipicamente, num espaço do pensamento claramente definido desde o início, no qual os superlativos de cada qualidade negociada formaram uma base da argumentação. Assim se obteve um “raciocínio em sistema fechado”, um cosmo de validades absolutas, estendido entre os extremos; os superlativos pareciam, a quem falava e argumentava, ser quase como a coisa mais evidente. Nos textos de Tito Lívio, ao contrário, era característico um tipo de avaliação comparativa – seja em discursos, seja em passagens avaliativas do próprio historiador. Além disso, o padrão dos julgamentos era tipicamente formado não por extremos absolutos objetivamente existentes, mas sim marcado por um modo relativo de mostrar a superioridade.

Tentei demonstrar como isso aparece na apresentação que ambos os autores fazem da última tentativa de negociações entre os protagonistas Aníbal e Cipião, antes da batalha de Zama. Dentro das estratégias dos discursos dos dois protagonistas apareceram particularidades específicas de cada autor. Em Políbio (15,6-9), os dois se moviam num espaço relativamente fechado. Aníbal foi apresentado até certo ponto quase como um filósofo-historiador, não tanto situacional quanto *sub specie aeternitatis*. Ele efetivamente buscou, no âmbito de um modelo histórico por um lado teleológico, por outro lado cíclico, observar todas as possibilidades imagináveis e recorreu, numa situação para ele delicada, a ponderações de caráter geral. Aníbal remeteu seu adversário Cipião à deusa Tique, que um dia deixaria cair aquele que subiu, e afirmou que os romanos e os cartagineses deveriam ser, de uma vez por todas, declarados os dominadores mais apropriados da Europa e da África, que seriam os domínios mais “belos” para eles (κάλλισται δυναστεῖαι). Ao eliminar o fator tempo, Aníbal também tentou contrabalançar a situação anterior, na qual ele se encontrara pouco antes de ir a Roma, e a presente, na qual Cipião ameaça Cartago.

Uma forma de um pensar tão “absoluto” encontra-se também na resposta de Cipião em Políbio. Assim como Aníbal nunca lhe acedeu um passo construtivo, Cipião acabou por exigir do seu adversário inesperadamente a *deditio* formal, a capitulação incondicional (*Hist.* 15,8,14). Todas as ponderações anteriores relativas a uma solução negociada e a um contrato novo foram esquecidas de uma só vez. Além disso, foi possível observar que mesmo Políbio como historiador - igualmente como os oradores na história dele - observa a história posicionando-se fora dela, como se ela fosse um espaço fechado, no qual o máximo e o extremo se deixam designar. Assim ele também designa a ascensão de Roma à superpotência, caracteristicamente com dois superlativos – τὸ

κάλλιστον ἄμα κώφελιμώτατον ἐπιτήδευμα τῆς τύχης (“a mais bela e mais instrutiva obra da Sorte”, *Hist.* 1,4,4; tradução de KURY, 1996) – e assim formula uma sentença absoluta e atemporal.

Lívio (*Ab urbe condita* 30, 30-31), em contrapartida, fez com que os dois gerais dirigissem os olhares mais a aspectos específicos da situação em vez de se concentrarem num tal sistema de referências absolutas. Aníbal parece conseqüentemente mais confiante e não se apresenta como um mero fantoche da Tique: Ele foi, sem dúvida – assim diz ele mesmo na obra de Lívio –, um adversário excelente e não pediria a paz, se isso não lhe fosse útil (*Ab urbe condita* 30,29). Eu tentei defender que havia em Lívio uma maior abertura para possibilidades inesperadas ou imprevisíveis, o que se pode entender como características de um pensar comparativo ou pelo menos de um pensar que não tem a tendência de se valer de superlativos insuperáveis.

Os padrões que descrevi aqui brevemente seriam padrões básicos. Assim, pretendo continuar minha análise discutindo se é possível estender esses padrões a algo específico do pensar e da argumentação “grega” e “romana”. Essas categorias são sem dúvida interminavelmente problemáticas. Mas uma vez mais: quando me refiro a “tipicamente romano”, não me refiro, pateticamente, a um “espírito do Povo”, à “natureza inata do romano” ou a coisas semelhantes. Refiro-me à elaboração de categorias usadas na prática, ou ainda, a hipóteses sobre esquemas operativos fundamentais do pensar, que se formaram em sociedades. Além disso, me pergunto se a filologia pode contribuir para a formulação de tais hipóteses. Fernand Braudel, como um dos representantes mais importantes da escola *Annales*, descreve o poder de tais estruturas de longa duração com termos que indicam sua tenacidade, mas também seus encargos e sua penosidade: ele chama-lhes “prisons de longue durée” (BRAUDEL, 1958, p. 731), “de vieilles habitudes de penser et d'agir, de cadres résistants, durs à mourir, parfois contre toute logique” (BRAUDEL, 1958, p. 733) e define a longa duração como “un personnage encombrant, compliqué, souvent inédit” (BRAUDEL, 1958, p. 733).

Neste texto gostaria de me basear até certo ponto no estudo comparativo prévio que fiz daqueles dois textos históricos. Gostaria ainda de prosseguir investigando as hipóteses já lá obtidas e de exemplificar as questões já discutidas, agora a partir de dois textos sobre problemas agrícolas. O trato com estes textos será determinado por uma abordagem caracterizada por uma ingenuidade artificial. O propósito é tratar também o conhecido e aparentemente óbvio, se possível, como algo “não evidente”, é tornar visível algo que não precisaria ser assim, e, por fim, é se aproximar dos modos de pensamento desde sempre pressupostos e dos padrões argumentativos elementares que escapam de uma paráfrase de texto sumária. O objetivo é, se possível, extrair o que é característico

diretamente a partir do “mínimo”, ou seja, da frase, da construção, da formulação e da palavra, para aproximar-se ao máximo das estruturas organizacionais mentais e lógicas subjacentes a esses elementos.

1. Análise dos textos

Os dois textos que serão examinados comparativamente são uma passagem do *De re rustica* de Varrão e uma do *Econômico* de Xenofonte. Ambos são diálogos sobre problemas da economia doméstica e da agricultura como parte dela. O erudito universal Marco Terêncio Varrão faz, no primeiro livro da sua obra tardia *De re rustica* (de 37-36 a. C., segundo, p. ex., Dieter Flach (1996, p. 7-15)), para além de outras pessoas, reunirem-se dois agrônomos respeitados, Gneu Tremélio Escrofa e Caio Licínio Estolão³. Xenofonte, no seu *Econômico*, apresenta Sócrates, que, mediante um diálogo (possivelmente concluído depois do ano 362⁴) com o *bon vivant* Critóbulo, reconta a conversa sobre problemas da economia doméstica e da agricultura como parte dela, que ele próprio tivera com Iscômaco, que aparece aí como um exemplar proprietário de terras. O verdadeiro tema, porém, é o saber e a formação da personagem do καλὸς κἀγαθός. Iscômaco, entre outras coisas, comprovou a Sócrates, que também este, o cidadão, no fundo, sempre soube tudo sobre a agricultura. Como a mais útil, mais respeitável, mais distinta, mas ao mesmo tempo também a mais fácil de se aprender das artes, ela aparece aqui como uma escola da virtude (*Oec.* 15,4)⁵. A estrutura peculiar do diálogo com Iscômaco inverte a forma típica do diálogo socrático: dessa vez, Sócrates é submetido ele mesmo ao seu próprio método, a prática da maiêutica em que é despertado um conhecimento – pelo menos teórico⁶ – sobre a agricultura antes nele dormente. Permito-me agora deixar de lado a discussão potencialmente interminável sobre a comparabilidade, e contento-me com o fato de que, por um lado, nos dois autores se encontram estas duas passagens bem comparáveis quanto ao conteúdo e, por outro lado, de que, além disso, Varrão certamente conhecia Xenofonte. Como base para a formulação de hipóteses ricas em conteúdo e para a proposição de modelos de comparação potencialmente produtivos, os textos serão, sem dúvida, suficientes. Nos dois textos que estão

³ Sobre a estrutura do livro primeiro e a organização do material, veja SKYDSGAARD, 1968. Para uma interpretação recente da obra no contexto do imperialismo romano, veja NELSESTUEN, 2015; sobre a importância de conhecimentos relacionados à agricultura na competição da aristocracia romana – e a problemática de os apresentar em forma escrita –, veja DOODY, 2017. Sobre as personagens e a estilização delas, veja KRONENBERG, 2009, p. 77-85; NELSESTUEN, 2011.

⁴ DELEBECQUE, 1951; datações mais cautas propõem POMEROY, 1994, p. 5-8; HOBDEN, 2017, p. 153.

⁵ VERNANT, 1988, p. 282; NATALI, 2001; DANZIG, 2003, p. ex. p. 61. Sobre o Sócrates do *Econômico* como representante das ideias político-morais de Xenofonte, veja PLÁCIDO, 2008.

⁶ Sobre o caráter quimérico do *Econômico* e a sua concepção didática, veja FÖLLINGER, 2006; sobre as tensões e contradições inerentes à construção do plano didático e do “Sócrates econômico”, veja DORION, 2008. O ironismo da obra inteira já foi discutido por STRAUSS, 1970.

sendo comparados, aborda-se a questão de o que deve ser cultivado numa específica propriedade de terra.

Começemos por Varrão:

(1) ... *Scrofa, Quoniam fructum, inquit, arbitror esse fundi eum, qui ex eo satus nascitur utilis ad aliquam rem, duo consideranda, quae et quo quidque loco maxime expediat serere. alia enim loca apposita sunt ad faenum, alia ad frumentum, alia ad uinum, alia ad oleum, sic ad pabulum quae pertinent, in quo est ocinum, farrago, uicia, medica, cytis[c]um, lupinum.* (2) *Neque in pingui terra omnia seruntur recte neque in macra nihil. rectius enim in tenuiore terra ea quae non multo indigent suco, ut cytisum et legumina praeter cicer ...* . (Var. R. 1,23,1-2; ed. GOETZ, 1912)

(1) ... Escrofa disse: “Como penso que a produção de uma propriedade é aquilo que brota dela pelo plantio e tem alguma utilidade, dois pontos devem ser observados: o que e onde é melhor cultivar cada item. Pois alguns locais são apropriados ao feno, outros aos cereais, outros às videiras, outros às oliveiras, e ainda há os que dizem respeito à pastagem, em que se incluem o trevo, a ferrã, a ervilhaca, a luzerna, o codesso e o tremoço. (2) Não é correto plantar tudo numa terra rica ou nada numa pobre. Pois é melhor plantar em terra mais pobre o que não necessita de muita seiva, como o codesso e os 'legumes', exceto o grão-de-bico.” (Tradução de TREVIZAM, 2012)

9

Segundo Escrofa, a diretriz de cada atividade agrícola é o uso (o adjetivo *utilis*) do produto (*fructum*) com um propósito (*ad aliquam rem; maxime expediat*). Logo no início é nomeado o espaço da observação, ou seja, aquele dentro do qual se realiza a observação, uma entidade singular, que se confronta com a entidade singular *fructus*, em relação à qual o “todo” foi pensado a princípio. O fruto (*fructus*) já “é”, nessa altura, semeado, e brota em seguida (portanto, não existe uma idéia de transformação), e até vem do *fundus*, segundo Escrofa, e não da terra. O pedaço de terra é visto a princípio completamente pelo que se deseja produzir – o fruto –, e não existe nenhuma relação de ansiedade ou de incerteza entre *serere* e *fructus*. Nesse ponto, o princípio já apresenta o propósito incontestável, e o que tem a ver com o processo não importa. Mais um termo abrangente é *res* como designação da utilidade, à qual o *fructus* tem de servir. Com a formulação *quoniam ... arbitror*, Escrofa entra por um momento na área da concepção pessoal, mas logo a seguir, *duo consideranda* nos leva de novo para a esfera de uma necessidade objetiva (ele não diz, por exemplo, *consideranda*

arbitror). Depois do “opinar”, segue-se imediatamente outra vez uma pressão objetiva. O objeto da necessidade designado agora é uma ponderação relacionada à situação, então um processo mental, de forma que o objetivo e o processo dentro do sujeito que reflete, estejam aqui de novo interligados, contudo no sentido inverso. O sujeito é agora desafiado, ou seja é obrigado a refletir. Ao mesmo tempo *duo* já determina a área que deve ser considerada como altamente estruturada e nítida. O *fundus* continua a ser o quadro de referência, dentro do qual agora têm de ser encontradas as atribuições certas, num processo dirigido pela categoria do “relativamente mais útil”. Em *De re rust.* 1,23,1, usa-se um superlativo na formulação *quae et quo quidque loco maxime expediat serere...*, e, com isso, faz-se uma afirmação potencialmente absoluta. Porém, essa afirmação – e com ela o superlativo – permanece em si relativa, visto que, com *quidque*, os superlativos estão sempre relacionados com uma certa planta ou com um determinado lugar, implicando sempre o olhar comparativo para o outro. A categoria principal continua a ser a utilidade (*expediat*), assim como é necessário localizar o local que traz a maior utilidade para cada semente. Com isso, pressupõe-se como evidente que o mesmo *fundus* dispõe de diferentes tipos de *loca*, ou seja, que ele é, então, polimórfico e estruturado, e que assim se deixam encontrar os lugares que são mais adequados para plantas diferentes. *Loca* não significa “solos” e não implica um interesse biológico ou qualitativo de pormenores, mas a escolha da palavra expressa uma visão em perspectiva e também um interesse pela ordenação geral do espaço. Posteriormente são denominadas não as plantas que crescem em diferentes lugares, mas os produtos deles resultantes (*faenum, vinum, oleum, pabulum*; só *frumentum* ocupa uma posição intermédia). Apenas a seguir especifica-se quais são as plantas que pertencem à categoria *pabulum*. Na sequência, é possível observar em primeiro lugar uma qualificação ascendente em relação à preciosidade e ao cultivo (feno – cereais – vinho – óleo). Uma posição excepcional tem a última expressão *ad pabulum quae pertinent*; nela as plantas forrageiras são designadas primeiro no plural, antes que a expressão *in quo* (relacionada com *pabulum*) volte a fazer referência a um singular. Esta expressão é formulada sem um foco claro, com *sic...* sem um predicado explícito (“o mesmo é válido para...”). Então as próprias plantas, em *quae pertinent*, tornam-se o sujeito⁷. Mais uma vez, no início há, com *pabulum*, um conceito geral no singular como referência, que garante a unidade da expressão. As plantas forrageiras, que a seguir são enumeradas individualmente, fazem todas juntas parte da categoria abrangente *pabulum*. Só depois de ser estabelecido, por assim dizer, o quadro institucional é que, em seguida, os diferentes tipos de terra serão relacionados tematicamente de forma

⁷ Uma relação de *quae* para *loca* está fora de questão; veja acima, TREVIZAM, 2012; FLACH, 1996: “und so steht es auch mit den Pflanzen, die zum Grünfutter gehören, worunter ... fallen”.

direta e serão qualificados por meio de adjetivos (*De re rust.* 1,23,2: *neque in pingui terra omnia seruntur recte neque in macra nihil*). A avaliação aqui feita por Escrofa é bastante reveladora: a classificação dos tipos de solo não varia meramente de uma terra “muito boa” a uma “muito má”; mas sim em cada tipo de terra cresce algo, e até mesmo na terra mais “gorda” (rica ou fértil) nem tudo cresce. Não se trata de uma competição de excelência. Além disso, a formulação não é “elitista”: o sentido é que mesmo a terra mais inferior é boa para algo (ao menos para plantas forrageiras), mas – como indica a construção *neque ... neque ...* “igualitária” –, ou seja, existe para cada terra algo adequado.

O *recte*, que a princípio parece “fundamental”, é relacionado logo a seguir com o comparativo *rectius* (*De re rust.* 1,23,2), assim como também o atributo que caracteriza a terra é, por sua vez, expresso por um comparativo (*tenuiore*, *ibid.*), um adjetivo que designa uma qualidade mais positiva do que o anterior, *macer* (*ibid.*). “Magreza”, como qualidade da terra, é uma falha; *tenuis* designa em contrapartida fineza e delicadeza. Tampouco a expressão *non multo ... suco* possui um caráter absoluto. As formas do comparativo e o modo de pensar relativo agem como reafirmação de que, aqui, não se trata de algo absolutamente correto. Se antes o ato de encontrar o melhor possível, sempre correspondente com o respectivo lugar e as respectivas circunstâncias, e portanto relativo, foi formulado como objetivo, agora aparece uma idéia de relatividade explícita com um modelo de uma escala gradual e potencialmente aberta para escalar ascendentemente. A lógica não é aquela do errado e do certo, do apropriado ou inadequado absoluto; mas a de que no âmbito da “coisa certa” existem possibilidades de melhoria, graduação e relatividade. Dentro do enquadramento espacial e institucional do *fundus*, serão possíveis adaptações variadas, sempre relacionadas com a situação e dependentes do material.

O texto de Xenofonte é o seguinte:

(1) Πρῶτον μὲν τοίνυν, ἔφη, ὦ Σώκρατες, τοῦτο ἐπιδειῖξαι βούλομαι σοι, ὡς οὐ χαλεπὸν ἔστιν ὃ λέγουσι ποικιλώτατον τῆς γεωργίας εἶναι οἱ λόγῳ μὲν ἀκριβέστατα αὐτὴν διεξιόντες, ἤκιστα δὲ ἐργαζόμενοι. (2) φασὶ γὰρ τὸν μέλλοντα ὀρθῶς γεωργήσειν τὴν φύσιν χρῆναι πρῶτον τῆς γῆς εἰδέναι. Ὄρθῶς γε, ἔφην ἐγώ, ταῦτα λέγοντες. ὃ γὰρ μὴ εἰδῶς, ὃ τι δύναται ἢ γῆ φέρειν, οὐδ' ὃ τι σπείρειν οἴμαι οὐδ' ὃ τι φυτεύειν δεῖ εἰδείη ἄν. (3) Οὐκοῦν, ἔφη ὁ Ἰσχόμαχος, καὶ ἀλλοτρίας γῆς τοῦτο ἔστι γινῶναι, ὃ τι τε δύναται φέρειν καὶ ὃ τι μὴ δύναται, ὀρῶντα τοὺς καρπούς καὶ τὰ δένδρα. ἐπειδὰν μέντοι γινῶ τις, οὐκέτι συμφέρει θεομαχεῖν. οὐ γὰρ ἂν ὅτου δέοιτο αὐτός, τοῦτο σπείρων καὶ φυτεύων μᾶλλον ἂν ἔχοι τὰ ἐπιτήδεια ἢ ὃ τι ἢ γῆ ἤδοιτο φύουσα καὶ τρέφουσα. (4) ἂν δ' ἄρα δι' ἀργίαν τῶν ἐχόντων αὐτὴ μὴ ἔχη τὴν ἑαυτῆς δύναμιν ἐπιδεικνύναι, ἔστι καὶ παρὰ γείτονος τόπου πολλάκις ἀληθέστερα

περὶ αὐτῆς γυνῶναι ἢ παρὰ γείτονος ἀνθρώπου πυθέσθαι. (X. *Oec.* 16; ed. MARCHANT, 1921)

(1) “Pois bem, Sócrates! disse. Quero demonstrar-te que não é difícil aquilo que dizem ser o aspecto mais complicado da agricultura os que, em seus discursos, sobre ela discorrem de maneira pormenorizada, mas não têm a mínima prática sobre o assunto. (2) Afirmam eles que, para praticar a agricultura, deve-se, em primeiro lugar, conhecer a natureza do terreno.”

“É correto, disse eu, o que dizem. Quem não soubesse o que a terra pode produzir, não saberia, julgo eu, nem o que deve semear, nem o que plantar.”

(3) “Pois bem! disse Iscômaco. Mesmo sobre um terreno alheio é possível reconhecer o que ele pode produzir e o que não pode, olhando para as colheitas e as árvores. Uma vez sabido isso, não vale a pena lutar contra os deuses. Não é semeando ou plantando aquilo de que ele próprio carece que alguém teria o necessário para viver, mas aquilo que a terra gosta de fazer crescer ou nutrir. (4) Se, por acaso, por causa da preguiça de seus donos, não pode mostrar do que é capaz, pode-se obter informações mais verdadeiras sobre ela observando o terreno vizinho do que falando com o agricultor vizinho. ... ” (Tradução de PRADO, 1999.)

No texto do Xenofonte, Iscômaco descreve inicialmente, perante Sócrates, o problema da agricultura como um problema de conhecimento. Mas como obter o conhecimento necessário? Iscômaco inicia sua fala com uma clara crítica à pedanteria dos livros didáticos, a qual, na ótica dele, complica as coisas desnecessariamente. Aquilo que na área da agricultura – em especial quando ela é objeto de discussões teóricas – em geral se considera o mais complicado, nomeadamente informar-se, em primeiro lugar, sobre a natureza da terra de uma propriedade, é, na verdade, algo completamente simples (FRAZIER, 1997), porque a φύσις da γῆ (*Oec.* 16,2) é única e uniforme. Φύσις é, no mesmo parágrafo do texto, um termo em destaque (VERNANT, 1988, p. 280-283), cujo análogo não encontramos em Varrão. Há também o termo *terra* no texto citado de Varrão, porém, lá, ele não ocupa uma posição tão proeminente como γῆ em Xenofonte (Varrão começa, como vimos, com os termos de classificação mais abstratos *fundus, fructus, res e loca*). Com toda a polêmica envolvendo os teóricos da agricultura e os autores de livros didáticos, em § 1-2 Iscômaco e Sócrates, pelo visto, concordam entre si (e um com o outro) a respeito da posição central da φύσις da γῆ. A questão é apenas como esta “natureza” se deixa apurar. Iscômaco compartilha a opinião de que aqueles que, aqui, entram em detalhes e insistem

que as coisas sejam complexas, complicam-nas desnecessariamente. Naturalmente ele não se refere aos autores de livros didáticos do ponto de vista de um trabalhador árduo praticante, mas sim de um teórico-generalista, de visão abrangente. Ele reivindica um conhecimento sobre as propriedades da terra que seja determinado como absoluto, que não seja sujeito a nenhuma graduação ou diferenciação e que seja fácil de se obter. Assim sendo, está ausente também por completo a idéia de uma subdivisão do espaço da propriedade, e está ausente um termo correspondente. Nenhuma palavra indica que, em lugares diferentes, crescem coisas diferentes; a adaptação necessária à “terra” é pensada como total e absoluta. A terra (ἡ γῆ) pode (δύναται) produzir, devido à sua natureza e à sua uniformidade, somente o crescimento de algo específico (ὅ τι no singular; *Oec.* 16,2). Iscômaco e Sócrates entendem-na como uma instância natural de modo nenhum culturalmente influenciável, e pressupõem-na. Por intermédio de δεῖ (*Oec.* 16,2), que não deixa margem para variação de idéias, essa determinação absoluta é explicitamente formulada. Duas instâncias estão em comparação: a terra, que apenas pode fazer brotar algo específico, e o agricultor, que tem de semear ou plantar isso mesmo. Não existem compromissos ou estados como “melhor” – “pior” ou a idéia do relativamente favorável, e assim também não há a de uma melhoria relativa.

Nos parágrafos 3 e 4, mantém-se a dicotomia aguda entre “poder produzir” e “não poder produzir”. O conceito de “propriedade” não desempenha nenhum papel explícito. O termo usado continua a ser simplesmente γῆ. E também quando essa terra for desconhecida para o proprietário novo (ἀλλοτρίας γῆς), segundo Iscômaco poder-se-ia chegar rapidamente ao conhecimento voltando-se o olhar para as “frutas e árvores”. Com a referência aos deuses, contra os quais não faz sentido nenhum lutar (θεομαχεῖν), continua-se com o modo de falar em princípio radical, assim como com a formulação apodítica de que não se pode contar com aquilo que nós próprios desejamos, mas somente com o que a terra nos “quer” dar (ἧδοιτο φύουσα καὶ τρέφουσα). Seria possível obter um conhecimento desse gênero dando uma olhada no terreno da vizinhança, um método muito melhor até do que fazer perguntas ao vizinho pessoalmente (παρὰ γείτονος ἀνθρώπου), caso os donos anteriores da própria terra tenham ficado inativos. Somente no final da passagem aparece τόπος, um termo abstrato, depois de, até então, se ter tratado sempre da “terra”. O terreno vizinho é, pela qualificação com γείτων, caracterizado numa analogia que o aproxima do vizinho humano, o qual poderia ser superado como um informante. Γῆ, de maneira diferente de *loca* em Varrão, define uma unidade singular, não divisível. O τόπος volta a ser uma entidade que equivale a um indivíduo, como o seu dono, e, por fim, também nele não é a extensão espacial que é interessante, mas o fato de que, como “indivíduo”, é necessário interrogá-

lo, e assim, eventualmente, se podem receber melhores informações do que do seu dono humano. A matéria e o conceito geral abstrato acabam, por fim, por coincidir nos textos de Xenofonte; de qualquer forma, a matéria não tem o seu lugar dentro de um quadro abstrato, nitidamente diferenciado dela.

2. Sistematização

Agora gostaria de tentar designar, de maneira mais incisiva, os modelos de pensamento operativos respectivos a cada autor. Para o Iscômaco de Xenofonte, a idéia de uma gradual aproximação em relação àquilo que teria de ser feito não tem importância nenhuma. A sua declaração inicialmente depreciativa sobre os manuais – a qual por sinal contém vários superlativos – permite a imaginarmos como uma fala de um experiente trabalhador do campo, que despreza os intelectuais, e que, ao contrário deles, defende a opinião de que na realidade tudo é tão simples, se olharmos bem e submetermo-nos às circunstâncias. Mas Iscômaco ocupa uma estranha posição dupla. Por um lado, ele zomba dos autores de manuais, que não trabalham. Por outro lado, no entanto, a facilidade expressa por ele, que omite todos os pormenores agrários, parece igualmente fora da prática – e essa contradição parece ser bem planejada. A afirmação, que fica no fim, é de certo modo apenas um “Tu consegues!” encorajador, mas ao mesmo tempo bastante vazio, que iguala o conhecimento sobre fatos agrícolas à capacidade real de explorar a agricultura. Nesse ponto, o economista-modelo Iscômaco (pela sua parte, como quem diz, um superlativo personificado) volta à idéia de um aprender gradual verdadeiramente desdenhoso; esta, de qualquer forma, não importa explicitamente. O desprezo ostensivo para com o conhecimento de livros didáticos serve apenas para a revalorização da suposta capacidade de entender as coisas imediatamente. O modo de pensar em extremos que Iscômaco representa aproxima-se certamente, de forma estrutural e *mutatis mutandis*, daquele que descrevi no caso de Políbio: o objeto do conhecimento da propriedade da terra aparece sempre como algo absoluto e que não se pode graduar, e o mesmo é válido também em relação ao conhecimento em si, no sentido de um “tudo ou nada”. Esse absoluto junta-se com a percepção de que a terra é uma entidade natural única, quase personificada. A essa φύσις monolítica, por assim dizer, corresponde o ideal de uma cognição única e total: o objeto dela é só a “coisa apropriada” e o “Único-Possível”, e, no caso de isso falhar, existe a ameaça de falha e insucesso totais. A propósito, essa visão de haver o Único-Certo corresponde ao modo como, no *Econômico*, a agricultura é programaticamente elevada a um lugar para exercer a virtude. A ἀρετή, que aí se demonstra de forma exemplar (*Econ.* 15,4), é tão absoluta quanto o objeto no qual deve provar-se. Por várias vezes, o Iscômaco de

Xenofonte revela essa tendência de embutir as coisas num cosmo teórico fechado, cujos extremos e *optima* são invariáveis.

Em Varrão, em contrapartida, não existe um termo abrangente como φύσις, como em Xenofonte, mas o ponto de partida é formado, sim, por um quadro de conceitos de ordem abrangentes, com tendência a serem já práticos, com um caráter em parte local e em parte econômico e orientado para o resultado (como *fundus* e *fructus*). São instâncias que abrem como, por assim dizer, sistemas de ordem médios, um espaço dentro do qual se encontra imediatamente o material. Nem os sistemas de ordem são universais, nem será construído um vis-à-vis personalizado que seria absoluto nas suas reivindicações e irreduzível na sua motivação. Coisas objetivas, e também biológicas, serão tema só neste enquadramento espacial. As instâncias individuais manifestas, com as quais o agricultor se confronta concretamente, têm o seu lugar já dentro deste quadro geral, e entre elas existem relacionamentos heterogêneos e relações comparativas. O sistema de ordem espacial é em si mesmo polimórfico, e para o observador existem entidades diferentes neste espaço, pelo qual, por óbvio, surge a questão da relação de um para o outro. Dentro do *fundus*, há um número maior de perspectivas de comparação e opções relativas de melhorias possíveis. Uma interessante categoria linguística nesse contexto é o comparativo, que, em Varrão, encontra-se com *rectius* e *in tenuiore terra* (*De re rust.* 1,23,2). Estas formas não expressam comparações no sentido estrito do termo, mas sim um grau de melhoria, e podem ser interpretadas no sentido de “bastante”. No entanto, é decisivo o fato de que, fazendo uso disso, evita-se o modo de afirmação absoluta e dá-se preferência a conceitos relacionais. Estruturalmente, existe um quadro semelhante àquele que observei em Lívio, que até usava o superlativo da mesma forma, sempre no caso de definir algo historicamente localizado, ou seja relativo, e portanto não como algo atemporal-absoluto (também no caso de Varrão, *maxime expediat*, em *De re rust.* 1,23,1, não é válido em absoluto, mas sim no âmbito das propriedades do *fundus*).

Algo parecido pode ser visto em Varrão e em Xenofonte também alhures, por exemplo, nas passagens em que se trata da disposição preferível de uma eira:

(1) (LICINIUS:) *Aream esse oportet in agro sublimiori loco, quam perflare possit uentus: hanc esse modicam pro magnitudine segetis, potissimum rutundam et mediam paulo extumidam, ut, si pluerit, non consistat aqua et quam breuissimo itinere extra aream defluere possit: omne porro breuissimum in rutundo e medio ad extremum: solida terra pauita, maxime si est argilla, ne, aestu peminosa <si sit>, in rimis eius grana oblitescant et recipiant aquam et ostia aperiant muribus ac formicis. itaque*

amurca solent perfundere: ea enim herbarum [de amurca] et formicarum et talparum uenenum. (Var. R. 1,51,1; ed. GOETZ, 1912)

(1) (LICÍNIO): É preciso que a eira se localize num lugar mais elevado do campo; que nela o vento possa soprar; que ela seja proporcional ao tamanho da colheita, de preferência redonda e um pouco elevada no centro, para que, se chover, a água não fique parada e possa sair da eira pelo caminho mais curto *possível*; todo caminho para frente é menor numa superfície redonda do centro para as bordas. Que se faça com terra sólida pisada, especialmente se é argilosa, para que, se rachar no verão, os grãos não se ocultem em suas fendas, recebam água e abram passagem aos ratos e formigas. E assim, costuma-se regá-la com a amurca, pois ela é veneno para as ervas, formigas e toupeiras. (Tradução de TREVIZAM, 2012, com acréscimo indicado em itálico)

(3) Ὅρᾳς, ἔφη, ὦ Σώκρατες, ὡς ἀλίσκει ἐπ’ αὐτοφώρῳ καὶ περὶ θερισμοῦ εἰδῶς ἅπερ ἐγώ; Κινδυνεύω, ἔφην ἐγώ, καὶ βούλομαι γε σκέψασθαι εἰ καὶ ἀλοᾶν ἐπίσταμαι. Οὐκοῦν, ἔφη, τοῦτο μὲν οἶσθα, ὅτι ὑποζυγίῳ ἀλοῶσι τὸν σῖτον. (4) Τί δ’ οὐκ, ἔφην ἐγώ, οἶδα; καὶ ὑποζύγια γε καλούμενα πάντα ὁμοίως, βοῦς, ἡμιόνους, ἵππους. Οὐκοῦν, ἔφη, ταῦτα μὲν ἡγῆ τοσοῦτον μόνον εἰδέναι, πατεῖν τὸν σῖτον ἐλαυνόμενα; Τί γὰρ ἂν ἄλλο, ἔφην ἐγώ, ὑποζύγια εἰδείη; (5) Ὅπως δὲ τὸ δεόμενον κόψουσι καὶ ὁμαλιεῖται ὁ ἀλοατός, τίμη τοῦτο.., ὦ Σώκρατες; ἔφη. Δῆλον ὅτι, ἔφην ἐγώ, τοῖς ἐπαλώσταις. στρέφοντες γὰρ καὶ ὑπὸ τοὺς πόδας ὑποβάλλοντες τὰ ἄτριπτα ἀεὶ δῆλον ὅτι μάλιστα ὁμαλίζοιεν ἂν τὸν δῖνον καὶ τάχιστα ἀνύτοιεν. (X. Oec. 18, 3-5 (ed. MARCHANT, 1921)

(3) “Vês, Sócrates, disse, como estás sendo apanhado em flagrante? Também sobre a colheita sabes o que eu sei!”

“Pode bem ser, disse. Quero... examinar se também sei pisar o trigo...”

“Bem! disse. Sabes que pisam o trigo com animais de carga?”

(4) “Como não saberia! disse. Bois, mulas, cavalos, a todos chamamos animais de carga ...”

“Então, disse, achas que o que eles sabem só dá para fazê-los pisar o trigo quando tocados por alguém?”

“Que mais, disse eu, saberiam animais de carga?”

(5) “Como então esmagarão o que devem? Como o trigo a ser pisado será espalhado por igual? A quem cabe essa tarefa, Sócrates?”

“Claro que aos pisadores! disse eu. Circulando e jogando sob os cascos o trigo ainda não pisado, é claro que deixarão *no máximo* por igual a eira e acabarão *mais* rapidamente a tarefa.” (Tradução de PRADO, 1999, com acréscimo e alteração indicados em itálico)

Em Varrão, o procedimento na instalação da eira é mais uma vez caracterizado pelo esforço de se conseguir relativamente o melhor do que deveria ser. Assim, tem-se a impressão de que ele pretende quase sempre reforçar a relatividade do dito, começando pelo comparativo *in agro sublimiori loco* e com a formulação *potissimum rutundam* (“de preferência redonda”), que – embora formalmente superlativa – apenas aponta de novo que, se não se houver possibilidade, há de se permanecer abaixo do *optimum*.

Em Xenofonte, sequer se fala de uma adequação relativa com respeito à escolha do lugar para a eira, tampouco da instalação geral. Pelo contrário, por advérbios em sua forma superlativa, é expressa de novo uma idéia de otimização absoluta da malhada, feita com a ajuda de animais (*Oec.* 18,5: *μάλιστα, τάχιστα* (“no máximo”; “mais rapidamente”). De novo, não se trata de melhoria relativa e de um resultado máximo sob as circunstâncias dadas; assim não se encontra *ὡς τάχιστα* (em Varrão, *De re rust.* 1,51,1, encontramos, mesmo sendo num contexto diferente, *quam brevissimo itinere*, “pelo caminho mais curto possível”). Também eventuais adversidades práticas que exigem medidas especiais – e detalhes como a possível perda através de rachaduras no solo em Varrão – são irrelevantes.

Leah Kronenberg (2009) defende a tese de que a obra de Varrão, assim como aquela de Xenofonte, não deve ser entendida ao pé da letra, mas que, antes, as duas expõem de maneira irônico-paródica, certos *deficites* da parte dos interlocutores. Iscômaco não é, obviamente, alguém para se levar a sério como agricultor e é, como interlocutor, uma contrafigura de Sócrates, desenhada parodicamente. Mas também no diálogo de Varrão, ambos os protagonistas, Estolão como tradicionalista e Escrofa como inovador, seriam desmascarados por fim como pedantes, sem conhecimento da prática⁸, cujas alegadas diferenças escolares se desmoronariam efetivamente na exposição⁹. Se esse for o caso, é interessante notar como a ironia realiza-se de modo tão diferente nos dois textos, e como destacam-se as diferenças nos padrões de pensamento. Como qualquer boa caricatura, essa paródia somente evidenciaria de forma mais clara a natureza

⁸ KRONENBERG, 2009, p. 76. Mais discussões dos elementos satíricos e humorísticos do *De re rustica* em DIEDERICH, 2013; NELSESTUEN, 2015, p. ex. 19-27; veja também DESCHAMPS, 1999, entre outras coisas sobre a tradição da *Menippeia* na obra, já tematizada por HEISTERHAGEN, 1952, e brevemente também por WEDECK, 1929, p. 12-15. Sobre os aspectos lúdicos em geral, veja DIEDERICH, 2007, sobretudo p. 172-209.

⁹ KRONENBERG, 2009, p. 81-85. Para uma nova, e mais radical, concepção teórica da relação “contígua” entre didática e agricultura, e também dos aspectos irônicos do *De re rustica*, veja HAß, 2018.

específica daquilo que é ridicularizado. O meu modelo, de forma resumida, seria então assim: em Lívio e Varrão (os autores romanos em questão), encontra-se um pensar relativo, não absoluto, que se pode manifestar no uso do comparativo e também em outras formas similares. O comparativo e a ideia de uma melhoria relativa e contínua têm efeito como instâncias do não extremismo e proporcionam uma subida em graus. No quadro dado do *fundus* de Varrão, não é reivindicado que um melhor absoluto e insuperável seria sondado ou que se trata sobretudo de designar um superlativo absoluto. A homologia estrutural que existe entre Políbio e o Iscômaco de Xenofonte consiste no esforço de estabelecer sistemas de pensamento fechados. Existe simplesmente uma única entidade certa: em Iscômaco, é a Φύσις inelutável. Possivelmente em Xenofonte se demonstra, na verdade, por meio da apresentação paródica, uma tendência fundamental do pensamento teórico grego, nomeadamente a de descrever a área de um objeto sempre com o olhar para o que é extremo e máximo, e de, desta maneira, criar um sistema fechado. A forma gramatical de expressar o Máximo seria exatamente o superlativo. Uma expressão disso seria também o pensamento agonal, orientado à vitória, como forma de uma ética de *performance* absoluta¹⁰, enquanto, nos textos romanos, o olhar sobre o “melhor relativo” deixa margem de manobra maior à ética do trabalho. A tese de ironia de Kronenberg poderia ser estendida ao fenômeno de que as tendências típicas do discurso teórico dos gregos e dos romanos e as peculiaridades respectivas dos estilos argumentativos são, por seu lado, objetos de um exagero irônico. No caso de Iscômaco, a representação de um pensar teórico extremo se vê, em qualquer caso, de maneira clara.

18

Mais uma vez: o objetivo aqui não foi fazer afirmações sobre “os gregos” e “os romanos” como pessoas, mas sim experimentar uma hipótese-modelo que *poderia* ser relevante para a comparação cultural – talvez até com uma certa atemporalidade. Os textos foram lidos como possíveis pontos de condensação de figuras de pensamento que *poderiam* ser características de uma tipologia mais geral. O objetivo foi dar a eles uma oportunidade máxima para gerar hipóteses-modelo. Nesse sentido, o que foi aqui discutido deve ser entendido como um exercício com elementos especulativos, como um estudo de caso comparativo na busca de estruturas de pensamento e de argumentação elementares e de fórmulas básicas da gramática cultural. Em todos os casos, não parece ser exagerado afirmar que um texto como o *Econômico* e um personagem como Iscômaco, na literatura romana, não seriam imagináveis nem mesmo como uma paródia.

¹⁰ Sobre as formas e os problemas da competição aristocrática no *Econômico*, veja JOHNSTONE, 1994; sobre o conceito da eficácia, veja FÖLLINGER; STOLL, 2018.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. La longue durée. **Annales. Histoire et Sciences Sociales**, Paris, v. 13, n. 4, p. 725-743, out./dez. 1958.

DANZIG, Gabriel. Why Socrates was not a Farmer: Xenophon's *Oeconomicus* as a philosophical dialogue. **Greece and Rome**, Cambridge, v. 50, n. 1, p. 57-76, abr. 2003.

DELEBECQUE, Édouard. Sur la date et l'objet de l'“Économique”. **Revue des Études Grecques**, Paris, v. 64, n. 299/301, p. 21-58, jan./jun. 1951.

DESCHAMPS, Luciana. De genere operis M. Terenti Varronis Reatini quod Res rusticae inscribitur. In: BLÄNSDORF, Jürgen (org.). **Loquela vivida: Donum natalicium Nicolao Sallmann sexagesimum quintum agenti a fautoribus linguae Latinae vivae oblatum**. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1999. p. 21-28.

DIEDERICH, Silke. **Römische Agrarhandbücher zwischen Fachwissenschaft, Literatur und Ideologie**. Berlin / New York: De Gruyter, 2007.

DIEDERICH, Silke. Humor, Witz und Ironie in Varros Dialog *De re rustica*. In: FÖLLINGER, Sabine; MÜLLER, Gernot Michael (org.), **Der Dialog in der Antike**. Formen und Funktionen einer literarischen Gattung zwischen Philosophie, Wissensvermittlung und dramatischer Inszenierung. Berlin / Boston: De Gruyter, 2013. p. 275-294.

DOODY, Aude. The Authority of Writing in Varro's *De re rustica*. In: KÖNIG, Jason; WOOLF, Greg (org.), **Authority and Expertise in Ancient Scientific Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 182-202.

DORION, Louis-André. Socrate *oikonomikos*. In: NARCY, Michel; TORDESILLAS, Alonso (org.). **Xénophon et Socrate**. Actes du Colloque d'Aix-en-Provence (6-9 novembre 2003). Paris: J. Vrin, 2008. p. 253-281.

FLACH, Dieter (ed.). **Marcus Terentius Varro, Gespräche über die Landwirtschaft**, Buch 1, herausgegeben, übersetzt und erläutert von Dieter Flach. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996.

FLAIG, Egon. Politisierte Lebensführung und ästhetische Kultur. Eine semiotische Untersuchung am römischen Adel. **Historische Anthropologie**, Köln / Weimar / Wien, v. 1, p. 193-217, 1993.

FÖLLINGER, Sabine. Sokrates als Ökonom? Eine Analyse der didaktischen Gestaltung von Xenophons 'Oikonomikos'. **Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft**, Würzburg, v. 30, p. 5-23, 2006.

FÖLLINGER, Sabine; STOLL, Oliver. Die wirtschaftliche Effizienz von Ordnung und personalen Beziehungen. Ein neuer Blick auf Xenophons *Oikonomikos*. In: RUFFING, Kai; DROß-KRÜPE, Kerstin (org.), **Emas quod necesse est, non quod opus est**. Beiträge zur Wirtschafts-, Sozial-, Rezeptions- und Wissenschaftsgeschichte der Antike. Festschrift für Hans-Joachim Drexhage zum 70. Geburtstag. Wiesbaden: Harrassowitz, 2018. p. 143-158.

FRAZIER, Françoise. Quelques remarques autour de la «facilité de l'art agricole» dans l'*Économique* de Xénophon (XV-XX). **Revue des Études Grecques**, Paris, v. 110, n. 1, p. 218-230, jan./jun. 1997.

GOETZ, Georg (ed.). **M. Terenti Varronis rerum rusticarum libri tres**, post H. Keil iterum edidit Georgius Goetz. Leipzig: Teubner, 1912.

GRUEN, Erich S. **Studies in Greek culture and Roman policy**. Leiden: Brill, 1990.

HAB, Christian D. 'Geerdetes Denken' (Teil I). (Agri)Kultur als Formverfahren und Episteme bei Varro, *De re rustica*. In: Erdbeer, Robert Matthias; Kläger, Florian; Stierstorfer, Klaus (org.), **Literarische Form**. Theorien – Dynamiken – Kulturen. Beiträge zur literarischen Modellforschung. Heidelberg: Winter, 2018. p. 305-346.

HEINZE, Richard. **Vom Geist des Römertums**, ed. Erich Burck. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 3. ed., 1960.

HEISTERHAGEN, Reinhard. **Die literarische Form der Rerum rusticarum libri Varros**. Tese de Doutorado – Philosophische Fakultät der Philipps-Universität zu Marburg, Marburg, 1952.

HOBDEN, Fiona. Xenophon's *Oeconomicus*. In: FLOWER, Michael A. (org.), **The Cambridge Companion to Xenophon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 152-173.

HÖLKESKAMP, Karl-J. **Reconstructing the Roman Republic**. An Ancient Political Culture and Modern Research. Princeton: Princeton University Press, 2010.

JOHNSTONE, Steven. Virtuous Toil, Vicious Work: Xenophon on Aristocratic Style. **Classical Philology**, Chicago, v. 89, n. 3, p. 219-240, jul. 1994.

KRONENBERG, Leah. **Allegories of Farming from Greece and Rome**. Philosophical Satire in Xenophon, Varro, and Virgil. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

KURY, Mário da Gama (trad.). **Políbios. História**. Seleção, tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

MARCHANT, Edgar Cardew (ed.). **Xenophontis opera omnia**, recognovit brevique adnotatione critica instruxit E.C. Marchant, tomus II, editio altera. Oxford: Oxford University Press, 1921.

NATALI, Carlo. Socrate dans l'*Économique* de Xénophon. In: ROMEYER DHERBEY, Gilbert; GOURINAT, Jean-Baptiste (org.), **Socrate et les Socratiques**. Paris: J. Vrin, 2001. p. 263-288.

NELSESTUEN, Grant A. Polishing Scrofa's agronomical *eloquentia*: representation and revision in Varro's *De re rustica*. **Phoenix**, Toronto, v. 65, n. 3-4, p. 315-351, outono/inverno 2011.

NELSESTUEN, Grant A. **Varro the Agronomist**. Columbus: The Ohio State University Press, 2015.

PLÁCIDO, Domingo. L'historicité du personnage de Socrate dans l'*Économique* de Xénophon. In: NARCY, Michel; TORDESILLAS, Alonso (org.). **Xénophon et Socrate**. Actes du Colloque d'Aix-en-Provence (6-9 novembre 2003). Paris: J. Vrin, 2008. p. 235-251.

POMEROY, Sarah B. **Xenophon, Oeconomicus**. A Social and Historical Commentary. Oxford: Clarendon Press, 1994.

PRADO, Anna Lia Amaral de Almeida (trad.). **Xenofonte, Econômico**. Tradução do grego e introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

RUMPF, Lorenz. Scipio und Hannibal vor Zama. Beobachtungen zur Struktur historischer Urteile und Vergleiche bei Livius und Polybios. **Hermes**, Stuttgart, v. 134, p. 159-180, 2006.

SKYDSGAARD, Jens Erik. **Varro the Scholar**. Studies in the First Book of Varro's De re rustica. København: Einar Munksgaard, 1968.

STRAUSS, Leo. **Xenophon's Socratic Discourse**. An Interpretation of the *Oeconomicus*, Ithaca / London: Cornell University Press, 1970.

TREVIZAM, Matheus (trad.). **Varrão, Das coisas do campo**. Tradução, introdução e notas. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mythe et pensée chez les Grecs**. Études de psychologie historique, nouvelle édition revue et augmentée. Paris: Éditions La Découverte, 1988.

WEDECK, Harry E. **Humour in Varro and Other Essays**. Oxford: Basil Blackwell, 1929.

Tradução de Cícero, *Orator* 1-19

Sidney Calheiros de Lima
Universidade de São Paulo (USP)
sidneycalheiros@usp.br

RESUMO: Composto em 46 a. C., o *Orator* de Cícero é a última das grandes obras teóricas do autor romano sobre oratória. Nela o autor se propõe a tarefa de julgar qual seja o gênero mais excelente de eloquência. No prefácio do tratado (*Orat.* 1-19), o pensador se vale da teoria das formas de Platão para explicar o método que pretende seguir em sua argumentação e para defender, de antemão, uma de suas principais teses: a necessidade do conhecimento filosófico na formação do orador eloquente. É desse trecho a tradução que apresentamos, a qual vem acompanhada de breve introdução e de notas que elucidam e comentam passagens do texto.

Palavras-chave: Cícero; retórica; filosofia; literatura latina.

Translation of Cicero, *Orator* 1-19

23

ABSTRACT: Cicero's *Orator*, composed in 46 BC, is the last of his great theoretical works on oratory. In this treatise, the author proposes to judge which is the most excellent kind of eloquence. In the preface (*Orat.* 1-19), he uses Plato's theory of forms to explain the method he intends to follow in his argumentation and to defend, in advance, one of his main theses: the need of philosophical knowledge in the formation of the orator *eloquens*. We present here the translation into Portuguese of this excerpt, which is accompanied by a brief introduction, explicative notes and commentaries.

Keywords: Cicero; rhetoric, philosophy; Latin literature.

Introdução

O *Orator* foi composto no ano de 46 a. C., entre os meses de junho e setembro, na sequência da composição do *Brutus*, dos *Paradoxa Stoicorum* e do elogio de Catão, hoje perdido¹. O dedicatário da obra, Bruto, exercia na época o cargo de porcônsul na Gália Cisalpina, função para a qual havia sido designado por César. A recente vitória sobre Pompeu na guerra civil garantira a César poder absoluto sobre Roma. Cícero, que, após alguma hesitação no início do conflito se associara por fim a Pompeu, encontrava-se agora em desconfortável situação, completamente afastado da arena política da *Vrbs*. O ano de 46 marca o início de um período de intensa composição de textos teóricos, de obras sobre retórica e filosofia, que se estende, mesmo se com alguns intervalos de participação direta na vida política, até a morte do pensador romano, ocorrida em 43 a. C.

Em filosofia, Cícero se professava acadêmico² e reconhecia haver uma espécie de aliança, uma *societas*, entre o tipo de filosofia que seguia e a eloquência³. Quando apresenta, no *De diuinatione*, que é de 44 a. C., um catálogo de suas obras, o autor reconhece uma completa congruência entre seu pensamento filosófico e seus estudos sobre oratória. Mais do que isso, destaca, mesmo *a posteriori*, a unidade de concepção que teria engendrado as três grandes obras sobre oratória, que, juntas, formariam uma extensa reflexão, em cinco livros, sobre a arte:

E uma vez que Aristóteles e, do mesmo modo, Teofrasto⁴, homens que se destacam não só pela sutileza de raciocínio, mas também pela abundância do discurso⁵, reuniram com a filosofia também os preceitos da eloquência, julgamos que nossos livros de oratória devem ser incluídos na conta desses livros⁶. Assim, haverá três livros *Sobre o orador*, um quarto, o *Bruto*, e um quinto, o *Orador*.⁷

¹ As condições de composição da obra podem ser conhecidas a partir da correspondência (NARDUCCI, 2002, p. 429; CICERONE, 1970, p. 50). Para a datação das obras de Cícero, utilizamos, de modo geral, a cronologia oferecida por Powell (POWELL, 1995, p. xiii-xvii).

² Das inúmeras passagens de sua obra que manifestam sua adesão à Academia, talvez nenhuma seja tão eloquente quanto as seções de 6 a 12 do livro I do *De natura deorum*, virtual manifesto do pensamento acadêmico dos tempos de Cícero.

³ Se essa ideia é defendida, de modo geral, em diversas obras do autor, encontra a formulação em termos de uma *societas* em uma obra de 44 a. C., o *De fato*: cf. *Cic. Fat.* 3.

⁴ Vale dizer que, na visão de Cícero, haveria uma comunhão de pensamento entre os seguidores de Platão, por um lado, e Aristóteles e seus discípulos, por outro (cf. *Cic. Acad. post.* I, 18).

⁵ *Subtilitas* é termo que se liga à fineza de raciocínio, à precisão própria da investigação filosófica. *Copia*, por outro lado, é a abundância típica da eloquência louvada por Cícero.

⁶ Na passagem anterior, o autor apresentara uma lista de obras filosóficas *stricto sensu*, digamos.

⁷ *Cumque Aristoteles itemque Theophrastus, excellentes viri cum subtilitate, tum copia, cum philosophia dicendi etiam praecepta coniunxerint, nostri quoque oratorii libri in eundem librorum numerum referendi videntur. Ita tres erunt de oratore, quartus Brutus, quintus orator* (*Cic. Div.* II, 4).

De fato, não é difícil observar no *Orator* a ocorrência de uma quantidade significativa de questões que já haviam sido tratadas no diálogo *De oratore*⁸ e nessa espécie de história da eloquência romana que é o *Brutus*⁹. Mas no *Orator*, o formato de tratado confere ao autor a possibilidade de apresentar de modo mais direto suas próprias reflexões sobre a arte oratória¹⁰. Por outro lado, tendo em Bruto, que era reconhecido estudioso de filosofia e de retórica, uma espécie de interlocutor epistolar, a postura de Cícero não é a de um professor. Não é uma obra que se destine exatamente a oferecer preceitos da arte. O autor adota, frente ao destinatário, a postura de um grande conhecedor da arte que, no contexto de uma polêmica estética, oferece seu julgamento pessoal a respeito do melhor gênero de eloquência. Grassava na época uma controvérsia, inflamada por um grupo de oradores de que Bruto se aproximava e que se proclamavam “aticistas”. Eram defensores de uma eloquência mais sóbria, mais simples na elocução, menos passional. Voltaram-se contra o estilo mais grandiloquente que reconheciam em oradores como Hortênsio e Cícero, detratados, então, por esse grupo, como “asianistas”¹¹. Não é nosso escopo desenvolver aqui a história dessa polêmica ou determinar o pertencimento de um ou outro orador nos grupos rivais. Ora, a atribuição de rótulos é mesmo parte da polêmica... Mas vale ao menos refletir sobre a importância que deve ter tido, para Cícero, a oportunidade de defender seu prestígio como orador num momento de significativo isolamento político.¹²

O autor apresenta a composição da obra como resultado de insistentes pedidos feitos por Bruto, que reclamava um posicionamento seu em face da polêmica (cf. *Orat.* 1-2). A narrativa de Cícero parece de fato encontrar algum lastro nos fatos. É o que se infere de uma carta, endereçada a Ático, em que o autor do *Orator* menciona não apenas a insistência dos pedidos, mas também (e faz isso com certo amargor) o pouco entusiasmo com que Bruto recebeu as convicções defendidas por ele no tratado.¹³

Apresentamos a seguir a tradução do trecho 1-19 do *Orator*, que pode ser entendido como o prefácio da obra. Nele o autor, além de apontar os motivos que o levaram a compor a obra, expõe a dificuldade e a importância da tarefa assumida e, evidentemente, indica o propósito do tratado: apresentar qual é o gênero de eloquência que ele aprova especialmente e que ele julga ser o mais

⁸ O *De oratore* é de 55 a. C.

⁹ A defesa de uma educação que contasse com vasto conhecimento de filosofia, por exemplo, é tema central no *De oratore*. A polêmica com os defensores do aticismo, tão importante no *Orator*, já comparece no diálogo *Brutus*, cuja composição é anterior à do *Orator* em alguns meses.

¹⁰ Há quem fale da *persona* do autor como “abertamente doutrinária” (NARDUCCI, 2002, p. 427).

¹¹ Vinha sobretudo dos rétores do Oriente esse gosto pela abundância e pelo ímpeto passional.

¹² Sobre a polêmica, veja-se por exemplo a argumentação de Douglas (CICERO, 1966, p. xii-xvii). Norcio, por sua vez, discute a motivação política na composição do *Orator* (CICERONE, 1970, p. 53-54).

¹³ *Cic. Att.* 14, 20, 3.

elevado e perfeito. Para responder a essa questão, Cícero se vale do pensamento de Platão, da teoria das formas, e defende uma investigação fundamentada no pensamento filosófico, por meio da qual pretende deixar claro, já de início, um dos fundamentos de sua concepção de eloquência: a necessidade do conhecimento filosófico para a formação do melhor tipo de orador.

O texto que utilizamos foi estabelecido por Wilkins e se encontra estampado na edição de Oxford mencionada nas referências (CICERO, 1903). Quando eventualmente nos afastamos desse texto, indicamos nossa opção nas notas.

1. Texto latino de CÍCERO, *Orator* 1-19

1 *Vtrum difficilius aut maius esset negare tibi saepius idem roganti an efficere id quod rogares diu multumque, Brute, dubitavi. Nam et negare ei quem unice diligere cuique me carissimum esse sentirem, praesertim et iusta petenti et praeclara cupienti, durum admodum mihi videbatur, et suscipere tantam rem, quantam non modo facultate consequi difficile esset sed etiam cogitatione complecti, vix arbitraber esse eius qui vereretur reprehensionem doctorum atque prudentium.* 2 *Quid enim est maius quam, cum tanta sit inter oratores bonos dissimilitudo, iudicare quae sit optima species et quasi figura dicendi? Quod quoniam me saepius rogas, aggrediar non tam perficiendi spe quam experiendi voluntate; malo enim, cum studio tuo sim obsecutus, desiderari a te prudentiam meam quam, si id non fecerim, benevolentiam.*

3 *Quaeris igitur idque iam saepius quod eloquentiae genus probem maxime et quale mihi videatur illud, quo nihil addi possit, quod ego summum et perfectissimum iudicem. In quo vereor ne, si id quod vis effecero eumque oratorem quem quaeris expressero, tardem studia multorum, qui desperatione debilitati experiri id nolent quod se assequi posse diffidant.* 4 *Sed par est omnis omnia experiri, qui res magnas et magno opere expetendas concupiverunt. quod si quem aut natura sua [aut]¹⁴ illa praestantis ingeni vis forte deficiet aut minus instructus erit magnarum artium disciplinis, teneat tamen eum cursum quem poterit; prima enim sequentem honestum est in secundis tertisque consistere. Nam in poetis non Homero soli locus est, ut de Graecis loquar, aut Archilochi aut Sophocli aut Pindaro, sed horum vel secundis vel etiam infra secundos; 5 nec vero Aristotelem in philosophia deterruit a scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia et copia ceterorum studia restinxit.*

Nec solum ab optimis studiis excellentes viri deterriti non sunt, sed ne opifices quidem se ab artibus suis removerunt, qui aut Ialysi, quem Rhodi vidimus, non potuerunt aut Coae Veneris pulchritudinem imitari, nec simulacro Iovis Olympii aut doryphori statua deterriti reliqui minus experti sunt quid efficere aut quo progredi possent; quorum tanta multitudo fuit, tanta in suo cuiusque genere laus, ut, cum summa miraremur, inferiora tamen probaremus. 6 *In oratoribus vero, Graecis quidem, admirabile est*

¹⁴ Seguimos a proposta de Madvig, que suprime essa partícula (CICERO, 1903, *ad locum*).

quantum inter omnis unus excellat; ac tamen, cum esset Demosthenes, multi oratores magni et clari fuerunt et antea fuerant nec postea defecerunt. Qua re non est cur eorum qui se studio eloquentiae dederunt spes infringatur aut languescat industria; nam neque illud ipsum quod est optimum desperandum est et in praestantibus rebus magna sunt ea quae sunt optimis proxima.

7 Atque ego in summo oratore fingendo talem informabo qualis fortasse nemo fuit. Non enim quaero quis fuerit, sed quid sit illud, quo nihil esse possit praestantius, quod in perpetuitate dicendi non saepe atque haud scio an numquam, in aliqua autem parte eluceat aliquando, idem apud alios densius, apud alios fortasse rarius. 8 Sed ego sic statuo, nihil esse in ullo genere tam pulchrum, quo non pulchrius id sit unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimat; quod neque oculis neque auribus neque ullo sensu percipi potest, cogitatione tantum et mente complectimur. Itaque et Phidiae simulacris, quibus nihil in illo genere perfectius videmus, et eis picturis quas nominavi cogitare tamen possumus pulchriora; 9 Nec vero ille artifex cum faceret Iovis formam aut Minervae, contemplabatur aliquem e quo similitudinem duceret, sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximia quaedam, quam intuens in eaque defixus ad illius similitudinem artem et manum dirigebat.

Vt igitur in formis et figuris est aliquid perfectum et excellens, cuius ad cogitatum speciem imitando referuntur ea quae sub oculos ipsa non cadunt¹⁵, sic perfectae eloquentiae speciem animo videmus, effigiem auribus quaerimus. 10 Has rerum formas appellat *ιδέας* ille non intellegendi solum sed etiam dicendi gravissimus auctor et magister Plato, easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et intellegentia contineri; cetera nasci occidere fluere labi nec diutius esse uno et eodem statu. Quicquid est igitur de quo ratione et via disputetur, id est ad ultimam sui generis formam speciemque redigendum.

11 Ac video hanc primam ingressorem meam non ex oratoriis disputationibus ductam sed e media philosophia repetitam, et eam quidem cum antiquam tum subobscuram aut reprehensionis aliquid aut certe admirationis habituram. Nam aut mirabuntur quid haec pertineant ad ea quae quaerimus – quibus satis faciet res ipsa cognita, ut non sine causa alte repetita videatur – aut reprehendent, quod inusitatas vias indagemus, tritas relinquamus.

12 Ego autem et me saepe nova videri dicere intellego, cum per vetera dicam sed inaudita plerisque, et fateor me oratorem, si modo sim aut etiam quicumque sim, non ex rhetorum officinis sed ex Academiae spatiis exstitisse; illa enim sunt curricula multiplicium variorumque sermonum, in quibus Platonis primum sunt impressa vestigia. Sed et huius et aliorum philosophorum disputationibus et exagitatus maxime orator est et adiutus; omnis enim ubertas et quasi silva dicendi ducta ab illis est nec satis tamen instructa ad forensis causas, quas, ut illi ipsi dicere solebant, agrestioribus Musis reliquerunt. 13 Sic eloquentia haec forensis spreta a philosophis et repudiata multis

¹⁵ Não levamos em conta as correções adotadas por Wilkins (cf. CICERO, 1903, *ad locum*), que lê *eaque ipsa sub oculos cadit*. Seguimos a *lectio difficilior*, fundamentada nos manuscritos e amplamente adotada por editores mais recentes, como Westman (CICERO, 1980).

quidem illa adiumentis magnisque caruit, sed tamen ornata verbis atque sententiis iactationem habuit in populo nec paucorum iudicium reprehensionemque pertimuit: ita et doctis eloquentia popularis et disertis elegans doctrina defuit.

14 *Positum sit igitur in primis, quod post magis intellegatur, sine philosophia non posse effici quem quaerimus eloquentem, non ut in ea tamen omnia sint, sed ut sic adiuvet ut palaestra histrionem; parva enim magnis saepe rectissime conferuntur. Nam nec latius atque copiosius de magnis variisque rebus sine philosophia potest quisquam dicere; – 15 si quidem etiam in Phaedro Platonis hoc Periclem praestitisse ceteris dicit oratoribus Socrates, quod is Anaxagorae physici fuerit auditor; a quo censet eum, cum alia praeclara quaedam et magnifica didicisse tum uberem et fecundum fuisse gnarumque, quod est eloquentiae maximum, quibus orationis modis quaeque animorum partes pellerentur; quod idem de Demosthene existimari potest, cuius ex epistulis intellegi licet quam frequens fuerit Platonis auditor; – 16 nec vero sine philosophorum disciplina genus et speciem cuiusque rei cernere neque eam definiendo explicare nec tribuere in partem possumus nec iudicare quae vera quae falsa sint neque cernere consequentia, repugnantia videre, ambigua distinguere. Quid dicam de natura rerum, cuius cognitio magnam orationi suppeditat copiam? Quid¹⁶ de vita, de officiis, de virtute, de moribus? [satisne]¹⁷ sine multa earum ipsarum rerum disciplina aut dici aut intellegi potest?*

17 *Ad has tot tantasque res adhibenda sunt ornamenta innumerabilia; quae sola tum quidem tradebantur ab eis qui dicendi numerabantur magistri; quo fit ut veram illam et absolutam eloquentiam nemo consequatur, quod alia intellegendi alia dicendi disciplina est et ab aliis rerum ab aliis verborum doctrina quaeritur.*

18 *Itaque M. Antonius, cui vel primas eloquentiae patrum nostrorum tribuebat aetas, vir natura peracutus et prudens, in eo libro quem unum reliquit disertos ait se vidisse multos, eloquentem omnino neminem. Insidebat videlicet in eius mente species eloquentiae, quam cernebat animo, re ipsa non videbat. Vir autem acerrimo ingenio – sic enim fuit – multa et in se et in aliis desiderans neminem plane qui recte appellari eloquens posset videbat; **19** quod si ille nec se nec L. Crassum eloquentem putavit, habuit profecto comprehensam animo quandam formam eloquentiae, cui quoniam nihil deerat, eos quibus aliquid aut plura deerant in eam formam non poterat includere.*

Investigemus hunc igitur, Brute, si possumus, quem numquam vidit Antonius aut qui omnino nullus umquam fuit; quem si imitari atque exprimere non possumus, quod idem ille vix deo concessum esse dicebat, at qualis esse debeat poterimus fortasse dicere.

2. Tradução de CÍCERO, *Orator* 1-19

1 Sobre se seria mais difícil ou mais grave negar a você justamente aquilo que tão insistentemente você pedia, ou realizar o que pedia, por um longo tempo

¹⁶ Adotamos o acréscimo de Sandys (CICERO, 1903, *ad locum*).

¹⁷ Não levamos em consideração esse acréscimo, que é de Reid (CICERO, 1903, *ad locum*).

eu hesitei, e muito¹⁸, Bruto¹⁹. Pois, por um lado, negar a quem de modo ímpar eu estimava e por quem percebia ser tão querido, sobretudo porque demandava o que é justo e desejava o que é distinto²⁰, parecia-me rude em excesso; por outro, encarregar-me de uma tarefa tão grande²¹, que não apenas eu dificilmente teria

¹⁸ A obra se abre com uma cuidadosa manifestação de hesitação, que conota a um só tempo pudor e prudência. Do ponto de vista da elocução, vale notar que a primeira palavra do texto, *utrum*, é termo utilizado para introduzir uma longa oração subordinada, interrogativa indireta, que depende do verbo que encerra o período: *dubitaui*. Duas ações são então contrapostas por meio da construção disjuntiva *utrum... an*: negar o pedido ou realizar a tarefa demandada. De modo muito hábil, o tratado é apresentado como fruto de uma longa, intensa e zelosa deliberação: *diu multumque... dubitaui*. Vale dizer que esse é um traço recorrente das obras de Cícero. Veja-se, por exemplo, do livro II do *De diuinatione*, de 44 a. C., que se inicia com *quaerenti mihi multumque et diu cogitanti* (Cic. Div. II, 1), mas também as cuidadosas introduções do *De finibus* e do *De natura deorum*, de 45 a. C., em que o autor manifesta clara preocupação com desarmar de antemão as críticas de potenciais detratores. Se a hesitação poderia servir estrategicamente para captar a benevolência dos leitores, afastando do autor qualquer suspeita de arrogância, não podemos deixar de reconhecer que essa postura se ajusta de modo muito coerente ao pensamento da escola filosófica que Cícero professa seguir: a Academia. Ora, ao longo de todo prefácio do *Orator*, desenvolve-se justamente uma argumentação que defende que a filosofia, especialmente a acadêmica (cf. seção 12), é fundamental para a formação do orador eloquente. Quanto à presente hesitação, note-se que ela é fruto da prudência, frente à dificuldade da matéria, mas se associa também a um pudor, que é da ordem da *urbanitas* e da relação de amizade que, ao menos como se expõe no texto, une o autor e o destinatário. Na argumentação, é justamente a amizade que faz com que o autor, talvez abandonando a prudência, se entregue à difícil empresa. Do ponto de vista lexical, vale ainda apontar para a relação que se estabelece entre o tempo e a intensidade da reflexão de Cícero e, por outro lado, a frequência com que Bruto fazia o pedido: cf. *tibi saepius idem roganti... diu multumque, Brute, dubitaui*. É espirituosa a argumentação em que o autor reflete com tanto pudor em face a uma tal insistência do amigo. Mas a insistência se justificaria, também, pela amizade e pela importância do assunto. De modo que há equilíbrio entre ambos: se Bruto ultrapassa os limites da cortesia, por um lado, e se Cícero se arrisca a ultrapassar os limites da prudência, ambos agem assim por amizade e por interesse pelo conhecimento. A insistência de Bruto como móbil para a composição ajuda também a afastar o risco de a obra ser entendida como pretensiosa: se Cícero se encarrega da difícil tarefa e se coloca na posição de juiz da oratória, isso se dá por conta da afeição que tem por Bruto, a qual julga ser recíproca.

¹⁹ A obra é dedicada a Marco Júnio Bruto, mais novo do que Cícero e reconhecidamente aplicado aos estudos filosóficos. Cícero menciona, por exemplo, um livro *de uirtute* composto por Bruto e que tinha Cícero como destinatário (cf. Cic. Fin. I, 8: *libro, quem ad me de uirtute misisti*). Bruto vinha de uma família intimamente ligada ao regime republicano e de intensa participação na vida política. Cabe lembrar que, além de ser neto de Catão, o censor, era descendente de Lúcio Júnio Bruto, fundador da república romana em 510 a. C. Durante a guerra civil, aliou-se às forças republicanas de Pompeu. Derrotado, ganhou a anistia de César em 46 a. C., ano da composição do *Orator*. Algum tempo depois, em 44, viria a ser um dos líderes da conspiração contra Júlio César. Morreu em Filipos, em 42 a. C., derrotado em batalha contra as forças de Antônio e Otaviano.

²⁰ Vale a pena refletir sobre os adjetivos que qualificam a ação de Bruto. Por um lado, o pedido é dito “justo” (cf. *iusta petenti*). Isso porque, conforme pensa Galli um comentador do texto (CICERONE, 1937, p. 12), apenas Cícero poderia realizar a tarefa proposta por Bruto e que vai ser explicitada mais adiante: encontrar a forma perfeita da oratória. Se assim for, mesmo que pretenda se afastar da suspeita de arrogância, conforme argumentamos em nota anterior, observe-se a postura ativa de Cícero, que aqui reconheceria que o pedido se faz a quem deve ser feito. Por outro lado, as aspirações de Bruto miram um conhecimento que é distinto (cf. *praeclara cupienti*). Ora, o uso político da palavra, como se sabe, era central na cultura republicana de Roma. Elevadíssima aspiração, portanto, buscar qual seja o melhor uso possível do discurso.

²¹ A argumentação explícita que, como amigo, a tendência maior, para Cícero, seria em favor da realização do pedido. Ele reconhece a extrema afeição que Bruto tem por ele (cf. *cui me carissimum sentirem*). Diante disso e da natureza do pedido, pensa que negar seria excessivamente rude. A dificuldade maior, portanto, é imposta pela matéria, a qual ele enfrenta por afeição ao amigo.

capacidade para cumprir, mas até mesmo de abarcá-la com o pensamento²², não me parecia ser próprio de quem temesse a crítica dos doutos e dos prudentes²³. **2** Pois o que é mais importante²⁴ do que, uma vez que tão grande é a diferença entre os bons oradores, decidir qual é a forma mais excelente²⁵ e, por assim dizer, a configuração da eloquência²⁶? Nessa direção, já que tantas vezes você me pede, eu avançarei²⁷, não tanto movido pela esperança de conseguir alcançar termo,

²² O adjetivo *difficile* retoma a ideia do adjetivo comparativo *difficilius*, segunda palavra do tratado, a qual expunha a dificuldade relacionada à dúvida de Cícero: o que era mais difícil: desagradar o amigo, permanecendo prudente? Agradar-lhe e arriscar-se a ser imprudente? Agora, também a dificuldade relacionada à realização da tarefa solicitada vem dividida em duas partes. A dificuldade não é apenas de ordem prática, ou seja, não se dá apenas porque realizar a tarefa talvez estivesse além das capacidades de Cícero. Há um aspecto teórico: talvez seja difícil até mesmo abarcar a questão no espírito. A distinção, aliás, aponta para a sequência da argumentação, em que se vai propor uma investigação que, bem mais do que voltada para o aspecto prático, do ensino de uma técnica, vai lidar com um elemento teórico: traçar o ideal de orador e o tipo perfeito de eloquência.

²³ As críticas viriam dos *docti* e dos *prudentes*. Para Galli (CICERONE, 1937, p. 13), os primeiros seriam os conhecedores da técnica, mais precisamente os que estudaram a retórica. Os *prudentes* seriam os que conhecem a prática oratória e que, portanto, poderiam criticar uma tentativa de forjar, abstratamente, a imagem do orador perfeito. Não julgamos inapropriado, no entanto, pensar em *prudentes* no sentido moral, isto é, aqueles que colocariam em xeque a possibilidade de realização da tarefa, tendo em vista seja a grandeza, seja a dificuldade metodológica alegada por Galli. A contraposição seria, então, entre os críticos do tipo de conhecimento exposto por Cícero e os críticos da própria empreitada.

²⁴ No original: *quid enim est maius...?* Do ponto de vista lexical, novamente se faz alusão à hesitação inicial. Em nossa tradução variamos: usamos primeiro “mais grave” e, agora, “mais importante”. Na argumentação, *maius* aqui aponta a grandeza da tarefa.

²⁵ Esta é a primeira ocorrência do importante termo *species*, que é uma das opções utilizadas por Cícero para traduzir o platônico *idéa* (CICERO, 1961, p. 21). Outros termos serão mobilizados para traduzir o conceito, como *figura* e *forma*. Em sua primeira aparição, *species* é reforçado pelo adjetivo *optima*, com o que se indica que não se trata apenas de um tipo particular que participaria de um *gênos*. Trata-se do tipo ideal, da forma perfeita da eloquência em face da multiplicidade de tipos particulares.

²⁶ Não é fácil traduzir esta ocorrência de *figura*, tendo em vista que a palavra vem modulada por *quasi*, ou seja, apresenta-se como um termo deslocado do seu sentido mais usual; com isso o autor indica que ela não se presta, senão com alguma impropriedade, para designar o conceito. Está claro, pelo contexto, que a expressão é empregada aqui para indicar a *idéa* platônica. Para Galli (CICERONE, 1937, p. 13), *figura* designa bem o conceito, pois reforça a ideia de que se trata de uma abstração, de uma construção ideal da mente. Recordemos que a raiz do adjetivo se liga ao verbo *finigo*, que pode indicar tanto a ação de forjar materialmente, dar forma, modelar, quanto também a de construir com o espírito: representar, formar na mente, imaginar. De todo modo, vale reforçar que, para Cícero, *species* parece ser um termo mais apropriado do que *figura*. Do ponto de vista da argumentação mais geral, apresenta-se neste ponto, após o suspense produzido pelo jogo de *urbanitas*, a matéria do tratado: decidir qual é a forma perfeita de eloquência. O projeto se justifica por conta da multiplicidade de tipos diferentes de bons oradores. A dessemelhança entre exemplares de eloquência, os quais alcançam circunstancialmente seus efeitos, faz com que o autor proponha a construção de uma forma abstrata da eloquência, ou seja, uma investigação sobre o que é próprio da excelência da eloquência.

²⁷ O uso figurativo de *aggredior*, com o sentido de abordar uma questão, é bastante atestado em Cícero. Quisemos, de todo modo, manter algo do sentido mais concreto; por um lado, para preservar a coloração bélica do termo, tendo em vista o contexto polêmico, em que Cícero se expõe às críticas dos adversários em favor da afeição por Bruto (note-se, aliás, a reiterada expressão da insistência de Bruto: *quoniam me saepius rogas*). Por outro lado, nossa opção se deve também ao fato de que ao longo de todo o prefácio há um uso muito significativo da reflexão sobre o espaço em que a argumentação discursiva é comparada à caminhada.

quanto pela vontade de tentar²⁸. Pois, tendo concedido ao seu interesse, antes quero que lhe falte minha prudência²⁹, caso não o realize, do que minha afeição³⁰.

3 Você pergunta, então, e isso já muitas vezes³¹, que gênero de eloquência eu mais aprovo e de que tipo me parece ser aquele gênero ao qual nada pode ser acrescentado e que eu julgo o mais elevado e mais perfeito³². Quanto a isso, se eu vier a realizar o que você deseja e a forjar³³ o orador que você busca, tenho receio de que detenha os esforços de muitos que, abatidos pela falta de esperança, não desejarão tentar o que não confiam poder alcançar³⁴. 4 Mas é justo que tudo tentem todos os que aspiram a coisas grandes e dignas de com grande ardor

²⁸ Postura congruente com o probabilismo da Academia dos tempos de Cícero. O autor confere importância à investigação, à tentativa, mesmo diante da perspectiva da dificuldade de se chegar a um resultado absoluto.

²⁹ Observe-se que o fato de não conseguir chegar a um resultado poderia render a Cícero uma acusação de imprudência. Os dois sentidos aventados para *prudentes* (da seção 1) permanecem possíveis.

³⁰ Entenda-se: *desiderari a te benevolentiam meam*, ou seja, que Bruto fique com a sensação de que Cícero não tem apreço por ele.

³¹ Há uma clara ênfase na insistência de Bruto.

³² A matéria do tratado vem aqui novamente enunciada, mas agora por meio de sugestiva expressão: *quod eloquentiae genus probem maxime?* O termo *probare* tem uma importância muito grande na concepção de Cícero a respeito do conhecimento humano. Como um acadêmico da linhagem de Arcésilas, Carnéades e Fílon, o autor julga que tudo aquilo que o homem pode conhecer é o *probabile*: de modo breve, aquilo que é digno de aprovação, depois de feito o exame dos argumentos favoráveis e contrários. Tão interessante, portanto, que nesse passo o *probare*, no âmbito da investigação sobre um objeto, venha associado textualmente à tentativa de elaboração mental de uma forma perfeita, ou seja, daquilo que Cícero reconhece como a *idéa* platônica. Se a interpretação não for exagerada, vale dizer que o passo talvez tenha sido negligenciado pela crítica. Galli, por exemplo, é breve ao dizer que a expressão *probem maxime* significa “trovare eccellente” (CICERONE, 1937, p. 13). Tendo em vista a discussão que se desenvolve depois, que relaciona construção de um ideal, falta de esperança e inação, difícil não pensar que a argumentação tem um pano de fundo neoacadêmico. Por outro lado, vale dizer que o termo *genus* aqui não está limitado à noção de gênero de elocução e à teoria que Cícero desenvolve a partir da seção 20.

³³ Assim traduzimos o verbo *exprimo*, para destacar que é termo que faz parte do jargão das artes plásticas (da escultura, por exemplo), bem como *figura*, que ocorreu antes. Ora, por um lado, uma reflexão sobre as artes plásticas vai servir de ponto de partida para o desenvolvimento do conceito platônico de *forma*. Por outro, o verbo *exprimo*, tomado nesse sentido bem concreto, aparece em uma bela imagem na seção 7, especialmente significativa para a compreensão da abordagem que Cícero faz do conceito platônico. Cf. *Orat. 7: ut ex ore aliquo quasi imago exprimat*, passagem que comentamos abaixo.

³⁴ Levando em consideração a teoria do conhecimento da chamada Nova Academia, é muito significativo encontrar essa tensão entre o valor da pesquisa que constrói abstrações, formas ideais, e a possibilidade de ação por parte do homem. Forjar a perfeição poderia gerar em alguns *desperatio*, falta de esperança, porque o homem é limitado e a verdade é difícil de alcançar. Para os críticos do pensamento acadêmico, essa filosofia reduziria o homem à dúvida sobre todas as coisas e, daí, à inação. O acadêmico, por sua vez, pensa que se resguarda disso, porque compreende de antemão que a verdade é inalcançável; contenta-se, então, com um conhecimento *probabile*, que serve de fundamento para suas ações. Que o *probabile* é fundamento suficiente para a ação humana, fica claro a partir, por exemplo, de uma célebre passagem do diálogo *Lucullus*: Cic. *Acad. pr.* 100.

serem almeçadas³⁵. Ora, se por acaso faltar a alguém, por sua própria natureza³⁶, aquela força de um engenho superior, ou se tiver sido pouco armado pelo estudo das artes superiores³⁷, mantenha todavia o curso que for possível³⁸. Pois é honroso³⁹ a quem persegue os primeiros postos, achar-se entre os segundos e terceiros. Com efeito⁴⁰, entre os poetas, não há lugar para Homero apenas – para falar dos gregos – ou apenas para Arquíloco, ou para Sófocles, ou para Píndaro, mas para os que vêm depois deles e até mesmo para os que vêm depois ainda desses outros⁴¹. 5 Na verdade, no que diz respeito à filosofia, nem a amplitude

³⁵ A construção, que cria um jogo entre flexões distintas de uma mesma palavra (*omnis... omnia; magnas... magno*), associada ao tom sapiencial, confere ao período um caráter sentencioso. Por isso traduzimos o perfeito gnômico *concupiuerunt* por um presente de valor generalizante.

³⁶ A lição *aut natura sua aut* é atestada, segundo Galli (CICERONE, 1937, p. 14), em todos os códices. Os editores, no entanto, têm discutido sobre a passagem e adotado soluções diversas. Alguns suprimem *aut natura sua* (cf. CICÉRON, 1964, p. 119), considerando a expressão como uma glosa de *uis ingenii*. Na passagem, Cícero distingue dois aspectos da eloquência: um devido às disposições naturais do orador e outro devido ao que se adquire por aprendizado. *Natura* e *uis ingenii* recobririam o mesmo domínio, o das disposições inatas, de modo que a disjunção sugerida por *aut* soaria contraditória. Uma possível solução é considerar *natura*, de modo restrito, como uma referência exclusiva às disposições físicas. Haveria, então, uma distinção entre o que é inato quanto ao espírito e o que é inato quanto ao corpo. Outra solução, adotada por Madvig (cf. CICERO, 1903, *ad locum*), consiste em suprimir o segundo *aut* e, então, entender *natura sua* como um ablativo. Foi a opção que adotamos.

³⁷ De início, atente-se para o uso do jargão militar, recorrente, quando se fala da *eloquentia*, que, como a guerra, é uma disputa. Na perspectiva de Cícero, o estudo dá armas para o orador, especialmente o estudo das *Magnae artes*. A expressão (cf. CICERONE, 1937, p. 14), assim como *optima studia*, da seção 5, faz referência à ampla formação cultural necessária para o orador concebido por Cícero, sobretudo nos ensinamentos de filosofia, direito, história, poesia (cf. *Orat.* 100-120).

³⁸ *Tenere cursum*: a expressão parece emprestada do jargão náutico.

³⁹ Outra afirmação de tom sentencioso. Galli (CICERONE, 1937, p. 15) glosa *honestum est* por “é decoroso”. A ideia geral do adjetivo é a daquilo em que há *honos*, “distinção”, “honra”. Não esqueçamos, no entanto, a importância do termo *honestum* no jargão teórico de Cícero. É termo que utiliza, em textos de filosofia moral, para tratar do belo moral. É assim que ele traduz o conceito de *tò kalón*, o sumo bem dos estoicos. Sobre o conceito e a tradução, veja-se, por exemplo, Cic. *Fin.* II, 45 e 48. Este passo no *Orator* traz uma interessante reflexão sobre os limites da condição humana, em que, tendo como pano de fundo a prudência gnosiológica da Nova Academia, o autor parece acenar para a teoria moral estoica. A afirmação nos faz pensar no símile do arqueiro, que no livro III do *De finibus* serve para ilustrar o sumo bem estoico (cf. Cic. *Fin.* III, 22). É belo, moralmente, o esforço para atingir o alvo, dispor-se corretamente, fazer os movimentos corretos. Acertar o alvo, no entanto, que é o propósito da ação, pertence à fortuna. O belo moral consiste em tentar, da melhor maneira, acertar o alvo. A inércia e a apatia, por outro lado, é que são condenáveis, bem como qualquer disposição que prejudique a tentativa e que dependa de quem está tentando. Transportando a ideia para o contexto do *Orator*, podemos pensar que o reconhecimento do limite (seja epistemológico, seja prático) não é justificativa para a inação, nem para o investigador que pretende encontrar a forma ideal da eloquência, nem para o orador que, de posse dessa abstração, pretenda compor e pronunciar um discurso. Por outro lado, e tendo em vista a argumentação por exemplos que se inicia a seguir, a sentença também faz pensar na relação que se estabelece entre uma obra de arte e uma anterior que lhe tenha servido como modelo de *imitatio*, de composição.

⁴⁰ A partícula *nam* introduz uma argumentação por exemplos, que vem emoldurada por dois períodos de caráter sentencioso (cf. seção 4 e seção 6). Em primeiro lugar são mencionados os poetas (cf. 4); em seguida, os filósofos (cf. 5); depois, os artistas manuais: pintores e escultores (cf. 5); por fim, os oradores (cf. 6).

⁴¹ Note-se que a enumeração parece levar em conta uma divisão por gêneros poéticos. A abordagem faz pensar nos cânones, tão importantes no período alexandrino (que conhecemos por meio da *Chrestomatia* de Proclo, por exemplo) e que tiveram tanto impacto na recepção romana da poesia

de Platão⁴² afugentou Aristóteles de escrever, nem o próprio Aristóteles, com um conhecimento fundamentado, copioso e admirável⁴³, extinguiu o ardor dos demais pelos estudos.

E não apenas não foram afugentados dos mais excelentes estudos os homens superiores⁴⁴, mas nem mesmo os artífices abandonaram suas artes⁴⁵, porque não puderam imitar a beleza⁴⁶ do *Iáliso*⁴⁷, que vimos em Rodes, ou da *Vênus de Cós*⁴⁸; nem, tendo sido os demais afugentados pela imagem do *Júpiter*

grega. Há Homero como representante da excelência na poesia épica; Arquíloco aparece como representante do *iambos*. Sófocles é referido para a tragédia e a mélica é contemplada com a menção a Píndaro.

⁴² Para Galli (CICERONE, 1937, p. 15), a *amplitude* que aqui se atribui a Platão diz respeito sobretudo às qualidades literárias do autor grego. É o que o comentador infere a partir do uso da expressão *deterruit a scribendo*. Mas não podemos esquecer que, para Cícero, *res* e *uerba* não são dissociáveis senão didaticamente. Neste mesmo *Orator*, o autor defende a adequação entre essas partes constitutivas do discurso (cf. 69-74). O discurso louvado como *amplus* só poderia ser abundante no que diz respeito às palavras, caso a profusão verbal fosse acompanhada de amplitude de matéria, de conhecimentos. Sem isso, pecaria quanto ao decoro, conteria um desajuste entre suas partes constituintes.

⁴³ Por um lado, quisemos destacar aquilo que, para Cícero, parece ser o traço distintivo de Aristóteles. *Scientia* é termo importante no jargão filosófico, que traduz o grego *epistéme*. Ressalta-se, no filósofo de Estagira, um certo tipo (cf. *quadam*) de argumentação, rigorosa e bem fundamentada; é também copiosa, o que se poderia entender, nesse contexto, como exaustiva, sem deixar de considerá-la sob a perspectiva discursiva, isto é, no que diz respeito à abundância verbal. Por outro lado, para tornar o texto mais claro, decidimos desfazer o que parece ser uma hendíade: *scientia et copia* (cf. CICERONE, 1937, p. 15).

⁴⁴ Note-se a diferença de valor atribuído às ocupações. Os homens mais excelentes se dedicam aos *optima studia*; para lembrar um sentido possível de *studium*, que acaba ser evocado no período anterior, por meio da imagem *studia restinxit*, poderíamos dizer que eles têm desejos, inclinações mais elevadas; no contexto, trata-se do ardor que conduz à poesia e à filosofia.

⁴⁵ De menor importância são os *opifices*, contrastados com os *excellentis uiri*. Aos *optima studia* (ou *magna artes*) se contrapõem as *artes* dos artífices, tomadas como menores e mais restritas por contraste e por meio do uso do reflexivo *suus*. Trata-se aqui dos artistas plásticos, que, mesmo se comprometidos com ocupação de menor prestígio, vão servir para a hábil argumentação que constrói, paulatinamente, o já evocado conceito de *idéa*.

⁴⁶ Interessante notar a diretriz emulativa por meio da qual Cícero compreende a arte antiga. Aqui, “imitar a beleza”, evidentemente, não quer dizer reproduzir o quadro, criando uma espécie de cópia, mas, evidentemente, em outra obra, igualar a perfeição formal de um modelo especialmente admirado.

⁴⁷ Iáliso é um herói mítico, epônimo da cidade de Iáliso, na ilha de Rodes (GRIMAL, 2005, p. 238). A obra mencionada por conta de sua excelência (*pulchritudo*) é de Protógenes, pintor que esteve ativo no fim do século IV a. C., natural de Caunos, na Ásia Menor, a quem a tradição atribui pinturas extremamente elaboradas. *Vidimus* parece indicar que Cícero teve a oportunidade de contemplar o quadro. Sabemos que ele esteve em Rodes em 78 a. C. e, depois, em 50 a.C. Protógenes era o grande rival de Apeles, pintor cuja obra é mencionada logo abaixo. Segundo Plínio, o antigo, (cf. *Plin. Sen. H.N.* XXXV, 80, *apud* CICERONE, 1937, p. 16), Apeles se declarava superior a Protógenes: (*Apelles*) *dixit omnia sibi cum illo paria esse... sed uno se praestare, quod manum de tabula sciret tollere*: “Apeles dizia que tudo entre os dois era muito semelhante, mas que ele próprio se destacava em um aspecto: o fato de que sabia tirar a mão do quadro”. O *Iáliso* teria demorado sete anos para ser pintado e era tão belo, conta Eliano (XII, 41, *apud* CICERONE, 1937, p. 16), que o próprio Apeles, ao vê-lo concluído, ficou admirado.

⁴⁸ Cós é uma ilha situada no mar Egeu, um pouco ao norte de Rodes. A pintura aqui referida é de Apeles, pintor da Ásia Menor. Era o pintor preferido de Alexandre Magno. Os antigos nutriam por suas obras notável admiração, sobretudo pela graça de suas figuras e leveza dos traços. O quadro representaria a deusa Afrodite no momento de seu nascimento, emergindo do mar. Originalmente, a

*Olímpico*⁴⁹ ou pela estátua do *doríforo*⁵⁰, deixaram de experimentar o que fossem capazes de fazer ou até onde pudessem avançar. Houve uma quantidade tão grande dessas obras, tão grande prestígio para cada uma em seu gênero, que, ainda que admirássemos as obras-primas, aprovaríamos, entretanto, as menores.⁵¹

6 Entre os oradores, no entanto, entre os gregos, ao menos, é admirável o quanto, dentre todos, um se sobressai; e, todavia, mesmo havendo Demóstenes, existiram muitos oradores grandes e ilustres e, antes dele, muitos haviam existido e não estiveram em falta depois⁵². Por isso, não há por que a esperança se abata ou se enfraqueça a diligência⁵³ dos que se dedicaram a cultivar a eloquência. Pois

pintura ficava no templo de Afrodite na ilha de Cós. Foi trazido para Roma por Augusto, que a comprou (CICERONE, 1937, p. 16).

⁴⁹ Da pintura Cícero passa à escultura. A estátua de Zeus, situada no templo em que se cultuava esse deus em Olímpia, era considerada a obra-prima de Fídias, dentre as suas esculturas. O artista ateniense, ativo no século V a. C., foi responsável por muitas das obras fomentadas por Péricles na acrópole ateniense. A estátua aqui referida teria por volta de 14 metros de altura. Feita de ouro e marfim, representava o deus sentado em seu trono, o qual era ricamente ornado com estatuetas e alto relevos (CICERONE, 1937, p. 17).

⁵⁰ Obra de Policleto. Célebre escultor do séc. V a. C. Natural de Sícion, no Peloponeso, é outro importante expoente da arte argiva. A escultura representava, como o nome em grego indica, um guerreiro portando uma lança (*dóry*). O escultor é lembrado muitas vezes pelo estudo das proporções entre as partes do corpo humano, que deixou registrado em uma obra, o *Canon* (CICERONE, 1937, p. 17).

⁵¹ O texto é conciso. O argumento pode ser desenvolvido assim, para se tornar mais claro: houve um número enorme de obras de pintura e escultura; dentre essas, muitas foram louvadas por suas qualidades, seja na pintura, seja na escultura. Ora, se mesmo perto das obras-primas encontraram espaço para o louvor, é porque são dignas da aprovação estética: são belas, mesmo que haja algumas belíssimas. Destaque-se, além disso, tendo em vista que o termo é tão importante, o uso do verbo *probare* em referência à aprovação meramente estética. De todo modo, vale a pena refletir sobre a relação que novamente se desenha entre o ideal (claro que aqui se deve fazer uma ressalva, pois mesmo a obra excelente não é ideal, por mais que seja usada como elemento que permite vislumbrar a noção de ideal), que gera *admiratio* e aquilo que, por outro lado, reconhecemos como inferior ao ideal e, no entanto, nós aprovamos. Na economia do tratado, não custa lembrar que toda essa argumentação que favorece a criação da noção de “perfeição”, fundamental para a defesa do método, desenvolve-se também como meio de demonstrar a pertinência da empresa: traçar o ideal de uma arte é uma tarefa grandiosa e talvez inalcançável; e não deveria desencorajar quem vai se exercer na arte.

⁵² Célebre orador ateniense, nascido em 384 a. C. Sobressaiu-se, sobretudo, na oratória deliberativa, com discursos nos quais defendia suas convicções políticas no contexto das investidas militares macedônicas. É sem dúvida um grande modelo de oratória para Cícero, que, por exemplo, nomeia *Filípicas*, a partir dos discursos de Demóstenes, uma série de ataques contra o general Marco Antônio, compostos em 44 a. C. Na seção 22 do *Orator*, Cícero aproxima Demóstenes do ideal de eloquência, mesmo se reconhecendo que esse ideal não se realizou historicamente. Com relação à presente passagem, note-se que, por meio do agenciamento verbal, graças ao uso de *admirabile est*, Demóstenes é associado às obras-primas que produzem nos homens admiração (cf. *miraremur*). O adjetivo havia sido associado também a Aristóteles, cujo conhecimento foi qualificado de *admirabilis*.

⁵³ Note-se, de início, o quiasmo em *spes infringatur aut languescat industria*. Por meio da figura sintática, realça-se uma relação de causa e efeito. A excelência poderia produzir desesperança; por conta do receio de não se atingir a perfeição. Por falta de esperança, o homem arrefece sua aplicação. Ora, a *industria* é uma virtude bem própria da moral tradicional romana. Sob esse aspecto, associa-se especialmente à participação política, mas designa, de modo geral, o empenho incessante, a atividade, a entrega completa, o emprego de toda energia em algo.

nem mesmo com relação àquilo que é excelente deve desesperar-se; dentre as coisas superiores, grandes são as que estão próximas das excelentes⁵⁴.

7 Quanto a mim, ao configurar o orador supremo, forjarei⁵⁵ um de tal tipo que talvez ninguém tenha sido⁵⁶. Pois não busco um que tenha existido, mas o que seja aquilo⁵⁷ com relação a que nada pode ser superior, aquilo que, ao longo de um discurso, não se manifesta amiúde, com seu brilho, e nem sei se jamais se manifestou, mas que pode se manifestar alguma vez, em alguma parte, com maior frequência entre alguns, entre outros talvez mais raramente⁵⁸. 8 Mas o que estou estabelecendo é que não há nada em algum gênero tão belo⁵⁹, com relação a que não seja isto mais belo, a partir do que aquilo se reproduza assim como uma máscara, por assim dizer, a partir de algum rosto⁶⁰, algo que⁶¹ nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem por algum sentido pode ser percebido, apenas com o pensamento e com a mente compreendemos⁶². Dessa forma, também não

⁵⁴ Outro período de sabor sentencioso, que lembra *prima enim sequentem...* etc. da seção 4. A primeira *sententia* abre a argumentação por meio de exemplos. Esta, por sua vez, encerra esse passo argumentativo. Abre-se o parágrafo seguinte com a retomada do propósito central do tratado: uma investigação sobre o *summus orator*.

⁵⁵ *Informabo*. Trata-se da primeira ocorrência da raiz de *forma*, substantivo que vai concorrer com *species* na designação do conceito platônico de *idéa*.

⁵⁶ Com *fingendo* e *informabo*, que retomam *species* e *figura* da seção 2, o autor retorna ao propósito do tratado.

⁵⁷ Com o uso do neutro (cf. *quid sit illud*), demarca-se bem que não se trata da busca por um orador individual excelente, mas sim da construção de um conceito.

⁵⁸ A ideia geral, sugerida por uma expressão como *in aliqua parte*, que Galli glosa como “aqui e ali” (cf. GALLI, 1937, p. 19), é que a perfeição da eloquência (que é um ideal) pode se manifestar empiricamente em uma ou outra passagem de um discurso, mas nenhum orador incorporou esse ideal, de modo a ter sido sempre excelente, nem mesmo ao longo de um discurso apenas.

⁵⁹ Mesmo com a concessão feita, Cícero aponta para o fato de que sua investigação não pensa em casos particulares, mas no ideal mesmo de oratória, o qual seria excelente em qualquer parte a que se aplicar, em qualquer gênero. E sempre.

⁶⁰ Toda a passagem, com esse acúmulo de pronomes, anáforas e relações, é concisa e difícil, porque conta também com uma imagem ousada: *id... unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimatur...* *Id* é o ideal de oratória, é o conceito de oratória perfeita; *unde illud*, a partir desse ideal, *ut ex ore*, como que a partir de um rosto, *imago exprimatur*, é forjada, modelada uma máscara. Na imagem, a máscara ocupa então lugar análogo ao das manifestações empíricas, históricas, da eloquência perfeita. Qualquer momento brilhante de um orador qualquer não é senão um simulacro do ideal, assim como uma máscara de cera com relação ao rosto de onde ela é extraída... O autor, ao que tudo indica, está se referindo a algo como as conhecidas *imagines maiorum*, máscaras de cera modeladas a partir do rosto humano, para uso no contexto da celebração funerária e para a preservação da memória dos antepassados das famílias ilustres. Note-se a modulação de *quasi*, que marca o uso do termo *imago*. Com a analogia, o autor se faz compreender, recorrendo a um elemento mais palpável, ao menos no âmbito da experiência de seus leitores romanos. E a ilustração é de uma pertinência notável, além de muito consistente com a teoria platônica: o ideal é, em última instância, a realidade superior, como o rosto vivo; a manifestação histórica é como a máscara, fixa, sem vida, decalcada a partir do rosto de alguém. É claro que se pode discutir a ortodoxia de uma *idea* de eloquência, mas, dentro da teoria ciceroniana, a imagem se harmoniza com um traço fundamental: o rosto humano, de que a máscara é uma cópia fixa e pálida, é capaz, enquanto vivo, de variar a expressão de acordo com as circunstâncias.

⁶¹ *Quod* retoma *id*, ou seja, o ideal de oratória.

⁶² Aquilo que é ideal, que não se realiza de modo integral historicamente (senão esporadicamente e, mesmo assim, de modo imperfeito, como uma pálida reprodução do que é ideal), não pode ser

vemos nada mais belo do que as imagens de Fídias, em seu gênero⁶³, e do que aquelas pinturas que mencionei; no entanto, podemos conceber no pensamento coisas mais belas⁶⁴. 9 Ora, nem o famoso artífice, ao dar forma⁶⁵ às estátuas de Júpiter ou de Minerva⁶⁶, contemplava uma pessoa, a partir da qual tomasse a semelhança, mas em sua mente se insinuava⁶⁷ uma forma, como que separada⁶⁸, da própria beleza; observando-a⁶⁹ e a ela preso, dirigia a mão e a arte à sua semelhança⁷⁰.

percebido pelos sentidos. É algo a que se tem acesso apenas com o intelecto. É abraçado pela *mens* e pela *cogitatio*. *Mens* é a sede da alma; *cogitatio*, a operação principal dessa sede da alma.

⁶³ Isto é, dentre as esculturas, já que se faz uma nítida distinção entre esse *genus* e o das *picturae*.

⁶⁴ Cícero acabara de utilizar Fídias e outros artífices para ilustrar aquilo que fosse o mais excelente dentre as coisas que se puderam produzir. A ideia de excelência, portanto, foi forjada a partir de exemplos históricos: as mais excelentes obras de arte conhecidas. Agora, dá um passo adiante em direção à abstração. Aquilo que havia sido considerado como absoluto perde espaço frente ao que é de fato absoluto: o belo em si, a ideia de beleza, pela qual foi guiado Fídias. A obra do escultor ateniense aparece, finalmente, como uma *imitatio* da beleza em si.

⁶⁵ *Facere formam*. Primeira ocorrência do substantivo *forma*, cuja raiz já aparecera em *informabo*. Note-se, no entanto, que a ideia aqui é de modelar, forjar, dar forma, num sentido bem concreto. Ou seja, a raiz flutua, ao longo do prefácio, entre usos que apontam para seu sentido mais corriqueiro e a aplicação para o tratamento do conceito platônico.

⁶⁶ Faz-se referência a uma outra obra de Fídias, a *Athenâ Parthénos*, isto é, “Atena Virgem”, também dita *Nikephóros*, pois a estátua, da deusa em pé (com 12 metros de altura), que se encontrava no *Parthenón*, representava-a portando na mão uma Vitória alada. Assim como o Zeus de Olímpia, era também de ouro e marfim. A deusa portava ainda um escudo e o elmo ático, com três cimeiras (CICERONE, 1937, p. 20).

36

⁶⁷ *In mente insidebat species*. Passo destacado por quem busca aferir a fidedignidade da abordagem feita por Cícero do pensamento platônico. A controversa teoria platônica das *idéai* falava (ao menos no livro X da *República*, porque há concepções diferentes em diferentes diálogos) de um lugar separado, em que existiriam as tais *formas* perfeitas das coisas. A esse mundo das ideias, e às formas, nossa mente acederia. As coisas sensíveis, por sua vez, existiriam por tomarem parte das *formas* perfeitas. Alguns apontam que neste passo Cícero trataria das formas como algo que existe nas nossas mentes, concepção que se afastaria do pensamento de Platão. Mas podemos considerar que o verbo em questão não é o verbo de estado *insideo*, *ēre*, mas o verbo de movimento *insido*, *ere*. É verdade que o verbo *insido*, no sentido de “insinuar-se”, “penetrar”, sentido derivado de “parar em, assentar-se em”, constrói-se mais comumente com dativo, ou com acusativo preposicionado. Mas há ocorrências de ablativo preposicionado também. Foi a opção de leitura sintática que adotamos para a tradução. O movimento, de todo modo, seria diferente do descrito por Platão. Não somos nós que vamos até as ideias; elas se insinuem na mente, ou, considerando o verbo de estado, nela já se encontram assentadas. Com relação à complexa discussão sobre a qualidade da abordagem ciceroniana da teoria das formas, vejam-se os argumentos de Long (1995, p. 47-50).

⁶⁸ No contexto da discussão sobre a exposição da teoria das ideias, vale a pena especular a respeito de *eximia*. Galli (CICERONE, 1937, p. 20) entende que o termo significa aqui “excelente, que não se pode igualar”, “extraordinário”. De fato, ajusta-se bem ao contexto. Equivaleria a *optima*, da seção 2. No entanto, vale recordar que o adjetivo *eximius* tem um uso em que pode significar “separado”, “reservado”. Deriva do verbo *eximo* e se diz, por exemplo, de uma vítima sacrificial. Poderíamos pensar que, com o adjetivo, o autor estaria chamando atenção para o caráter separado das formas, ou seja, para sua existência independente da mente humana.

⁶⁹ O verbo *intueor*, que tem forte carga durativa e que é do campo semântico da atividade sensorial, está aqui aplicado, obviamente, em referência à *species*, ou “visão” mental... Ora, também *species* tem uma raiz, que comparece no verbo *specio*, a qual aponta para o sentido da vista. Trata-se, aliás, de uma escolha feliz para a tradução das formas gregas *eídos* e *idéa*, ambas relacionadas etimologicamente à visão.

⁷⁰ O uso das estátuas de deuses é especialmente eloquente para ilustrar o argumento. Ao confeccionar a obra, está óbvio que o artista não poderia ver o objeto representado e, assim, guiar a mão a partir da observação direta. Por outro lado, causa estranhamento o fato de que Cícero considere a

Portanto, assim como nas representações e figuras⁷¹ existe algo perfeito e excelente, a cuja forma, percebida pelo pensamento, referem-se, por imitação, aquelas coisas que não se oferecem, por si próprias, aos olhos⁷², do mesmo modo percebemos com a alma uma forma⁷³ perfeita da eloquência⁷⁴, a representação nós alcançamos com os ouvidos. **10** A estas formas⁷⁵ das coisas chama *idéai* aquele que é a mais considerável autoridade e o mais importante professor, não só da reflexão, mas também do discurso: Platão⁷⁶. E ele diz que elas não são geradas; afirma que sempre existiram e que são abarcadas pela razão e pelo intelecto; as demais coisas nascem, morrem, fluem e passam e não permanecem por muito tempo em um só e mesmo estado. Então, tudo aquilo – seja o que for – a respeito do que se discuta com razão e método, deve ser reconduzido à forma última, à última espécie de seu gênero⁷⁷.

possibilidade de que o artífice, o fazedor de imitações (e, portanto, para Platão, afastado em três graus da verdade), possa ter acesso às formas puras, algo que, ao menos a partir do que se lê no livro X da *República* (talvez a mais famosa exposição da teoria das formas), seria privilégio do filósofo. É algo que se alcançaria por meio de um método sistemático de divisões genéricas que permitiria o reconhecimento da espécie última da coisa investigada. Long recorda, no entanto, que no *Fedro* (diálogo inclusive mencionado no *Orator*), Sócrates considera que, dentre todas as formas, a da beleza é aquela mais claramente acessível por meio do sentido da visão, o que, para o estudioso, abriria a possibilidade de sua apreensão por parte do artista (LONG, 1995, p. 49-50). Vale lembrar, de todo modo, que em *República X*, Sócrates condena o tipo de arte que vem sendo produzido pelos gregos, mas não deixa de ressaltar a possibilidade e a relevância de uma arte que se faça segundo o bem em si.

⁷¹ *In formis et figuris*. Mesmo sob risco de produzir ambiguidade, Cícero se refere aqui, por meio de *formae*, não ao conceito platônico, mas às artes plásticas.

⁷² *Ea quae sub oculos ipsa non cadunt*. O passo é difícil e já foi objeto de muita discussão e de tentativas de correção por parte dos editores do texto. Seguimos neste ponto o texto de Westman (CICERO, 1980). A equivocidade comentada acima torna o texto confuso, mas podemos entender que essas belezas, que se cristalizam nas obras de artes plásticas, não são, por si mesmas (*ipsa*), da ordem da visão, não são percebidas pelos olhos de quem cria. São, na verdade, imitações das belezas eternas, das formas puras. As belezas só se submetem aos olhos enquanto imitações da beleza perfeita. Em si mesmas, as belezas eternas não podem ser percebidas pelos sentidos.

⁷³ Em latim, *species*.

⁷⁴ A consideração de uma forma perfeita de eloquência pode ser polêmica. Para alguns, seria até mesmo antiplatônica, mas parece se enquadrar numa perspectiva (que não é estranha à obra de Platão) de tentativa de redenção das artes, incluída a retórica, que poderiam ser afinal usadas em favor da verdade e do bem. Sobre essa questão, veja-se a argumentação de Long (1995, p. 49-50).

⁷⁵ Em latim, *formae*. Optamos por usar “forma” em português e, contrariamente ao que faz Cícero, não variar. Porque aqui o termo é usado inequivocamente para tratar do conceito platônico. Mais adiante, traduzimos *forma* por “ideia”. Mas nesse passo do texto preferimos não antecipar o termo, que surge em grego.

⁷⁶ A correlação *non solum... sed etiam* acena para o quanto de polêmica há em considerar Platão (ferrenho crítico da retórica) como o mais importante professor de eloquência. Cícero já havia destacado a *amplitudo* do discurso do filósofo grego. A organização da oração, além disso, colabora com o tom polêmico, pois o nome do autor, que é o sujeito do verbo anteposto (ordem incomum em latim), só é mencionado, com algum suspense, no final.

⁷⁷ Elencam-se aqui algumas das características das *idéai*: são eternas e não se alteram, não se submetem aos sentidos, são acessadas apenas pelo intelecto, ao contrário das coisas que percebemos pelos sentidos, as quais, por outro lado, nascem e perecem, são transitórias e se submetem às mudanças. As *formae* são ainda entendidas como paradigmáticas, uma vez que todas as coisas do mundo, que se submetem à investigação, podem ser reduzidas a uma forma pura. Afinal, todas as coisas sensíveis só existem porque tomam parte das formas puras. Com relação a essa participação, cf. *compos, Orat.* 101

11 Mas reconheço que esse meu passo introdutório não foi tomado das discussões sobre oratória, mas trazido do seio mesmo da filosofia, e que esta, por sua vez, sendo não só antiga como também um pouco obscura, poderia ficar exposta a alguma crítica ou, pelo menos, produzir alguma admiração⁷⁸. Pois ou perguntarão, admirados, qual é a pertinência disso para o que buscamos – esses estarão satisfeitos depois de a própria coisa se tornar conhecida, de modo a não parecer que foi sem motivo que se tenha ido tão longe – ou criticarão por seguirmos caminhos inusitados e abandonarmos os já trilhados.

12 Eu, de minha parte, não só entendo que muitas vezes dou a impressão de dizer coisas novas, quando digo coisas muito antigas, mas desconhecidas da maioria, como também confesso que eu, como orador, se ao menos sou, ou, ainda, na medida em que o seja, provenho, não dos ateliês dos rétores, mas dos passeios da Academia; com efeito, aquelas pistas se prestam a múltiplas e variadas conversas; nelas, ficaram marcadas, por primeiro, as pegadas de Platão⁷⁹. Mas se pelas discussões desse e de outros filósofos o orador foi especialmente perseguido, por outro lado foi também auxiliado; pois toda a abundância e, por assim dizer, a floresta da eloquência⁸⁰ é tomada dessas discussões; no entanto,

⁷⁸ Destaque-se o uso da expressão *e media philosophia* para tratar da origem da teoria das ideias. Ressalte-se a posição central que tem para o acadêmico Cícero a filosofia de Platão, que o autor romano declara estar retomando. Reconhece-a como um pensamento antigo e obscuro. De fato, em seu tempo, estavam bem mais em voga, eram bem mais conhecidos do público em geral, o epicurismo e o estoicismo. Não deixa de ser interessante a menção à *admiratio* como efeito a se produzir nos leitores com esse recurso à filosofia platônica; essa emoção já fora associada à contemplação das obras-primas das artes plásticas, aos discursos de Demóstenes e ao conhecimento de Aristóteles.

⁷⁹ Observe-se a recorrência, desde a seção anterior, de termos que lidam com o espaço e que colaboram com o estabelecimento de uma associação entre discussão e caminhada. Em 11: *ingressionem, media, uias, indagemus, tritas*; em 12: *officinis, spatiis, curricula, uestigia*. Com a expressão *rhetorum officinis*, o trabalho dos professores de retórica é aproximado das ocupações de manufatura e se reveste de uma atmosfera de atividade e produtividade. A escola do rétor surge, então, como um lugar de forjar, produzir oradores. Faz-se um contraste com *Academiae spatiis*, expressão com a qual o autor aponta para o aspecto físico mesmo da famosa escola de Platão nos arredores de Atenas, com seus passeios, com o ginásio e com os espaços destinados à exercitação física. Os passeios, as pistas, marcadas com as pegadas de Platão, ganham ares de lugar de treinamento dos futuros oradores, que se preparam, se exercitam nas conversações, variadas e multifacetadas. A veneração de Cícero pelo sítio mesmo da Academia e a expressão da emoção que experimenta com a memória dos pensadores que ali exerceram suas atividades estão belamente representadas no prefácio do livro V do *De finibus*, obra de 45 a. C. Nesse texto, Cícero se representa como jovem estudante de filosofia, em Atenas, tomado de admiração ao longo de um passeio vespertino até a Academia, àquela época já não utilizada como lugar de ensino.

⁸⁰ Poderíamos dizer “matéria do discurso”, “recursos materiais do discurso”, mas preferimos manter um dado do texto que é o caráter inusitado da expressão, que é destacado pelo próprio autor por meio do advérbio *quasi* que modula *silua*. Trata-se de um termo muito concreto, que parece como que mal ajustado ao contexto. Alguns comentadores defendem que *silua* serve aqui para traduzir o grego *hylé*, no sentido de matéria. Se mantivemos a expressão ousada, foi por entender que *silua* está longe de ter em Cícero o sentido técnico já cristalizado no grego *hylé*, que serve tanto para “madeira” quanto para “matéria”. A associação com *ubertas* torna bem compreensível a imagem: a floresta é lugar de abundância, do qual se extraem materiais para construção, por exemplo, e para muitas outras atividades humanas. Galli enxerga uma hendiáde em *ubertas et... silua*, que ele glosa como “rico material” (CICERONE, 1937, p. 24). Do ponto de vista semântico, concordamos. Mas a interposição

uma abundância que não está suficientemente armada⁸¹ para as causas forenses, as quais, como eles próprios costumavam dizer, deixaram para Musas mais rústicas⁸². **13** Desse modo, esta eloquência, a forense, desprezada e repudiada pelos filósofos, careceu, sem dúvida, de muitos e importantes auxílios; ornada, no entanto, por palavras e pensamentos, obteve o efusivo aplauso popular e não se intimidou diante do juízo e da crítica de uns poucos. Dessa forma, tanto aos doutos faltou uma eloquência voltada para o povo, quanto aos bem articulados, uma doutrina refinada⁸³.

14 Que fique estabelecido, de início, isto que depois será mais bem compreendido: sem a filosofia não se pode formar o orador eloquente que buscamos; não que tudo esteja nela, mas que ela assim o auxilie, como a ginástica com relação ao ator⁸⁴: frequentemente as coisas pequenas são comparadas às grandes com muita correção. Pois, sem a filosofia, nem ampla nem abundantemente pode alguém discursar a respeito de assuntos importantes e

do advérbio *quasi* separa os membros da suposta hendíade e ressalta o caráter pouco usual da expressão.

⁸¹ A eloquência se exerce no âmbito de uma disputa, daí a recorrência de termos do âmbito da guerra em seu tratamento. Chama a atenção, por outro lado, que na seção 3 o autor tenha dito que o orador busca armas no estudo das *magnae artes*, dentre elas a filosofia. Aqui fica claro, no entanto, que há armas que não se obtêm nesse tipo de estudo.

⁸² Não está claro a que filósofos Cícero está se referindo, se é que a referência é específica a alguma corrente. Não há notícia de um texto que trate de “Musas agrestes” no contexto de crítica à retórica forense.

⁸³ É difícil encontrar uma boa opção para traduzir *disertus*. A partir do contexto, no entanto, está claro que se trata de um orador que, com algum zelo, com recurso a ornatos de palavras e pensamentos, atinge o favor popular, embora não seja versado (seguramente não de modo profundo) nos estudos de filosofia. Sua prática discursiva é associada aqui à retórica forense e a uma audiência mais ampla, menos elitizada. No *De oratore*, obra de 55 a. C., a personagem Antônio (cujo livro é mencionado aqui no *Orator*) faz uma distinção entre o orador *eloquens* e o *disertus*. No contexto, Antônio, seguindo um filósofo da corrente acadêmica, Carmadas, acabara de defender que o orador só poderá discursar de modo hábil e copioso, se detiver o conhecimento sobre aquilo que versam os mais eruditos filósofos. *Itaque ego (...) scripsi etiam illud quodam in libello, qui me imprudente et invito excidit et pervenit in manus hominum, disertos cognosse me non nullos, eloquentem adhuc neminem, quod eum statuebam disertum, qui posset satis acute atque dilucide apud mediocres homines ex communi quadam opinione hominum dicere, eloquentem vero, qui mirabilius et magnificentius augere posset atque ornare quae vellet, omnisque omnium rerum, quae ad dicendum pertinerent, fontis animo ac memoria contineret.* (“Desse modo (...) eu cheguei mesmo a escrever (em certo livrinho que, sem que eu me desse conta e contra a minha vontade, escapou-me e chegou às mãos das pessoas) que travei conhecimento com alguns *diserti*, mas, até aqui, nenhum *eloquens*. Pois eu estabelecia como *disertus* aquele que fosse capaz de discursar de modo suficientemente agudo e claro em meio a homens ordinários de acordo com a opinião comum dos homens; já o *eloquens*, aquele que fosse capaz de amplificar e ornar, de modo admirável e grandioso, o que quer que desejasse e que em sua alma, em sua memória, abarcasse todas as fontes de todos os conhecimentos que dissessem respeito à oratória.” Cic. *De or.* I, 95).

⁸⁴ A analogia reforça uma ideia que já foi expressa: a filosofia ajuda o orador, mas há coisas que o orador tem que buscar em outra parte. Da mesma forma, o *histrion*, o ator de teatro, tem na ginástica parte de sua formação, porque precisa do corpo bem treinado para desempenhar os movimentos que dele se espera, como, por exemplo, nas danças que desempenha. Se pensarmos especialmente na comédia, há os saltos, a correria, as simulações de golpes e coisas do tipo. Mas boa parte do ofício do ator vem de outros domínios: o jogo de atuação, a variação adequada do semblante, a interpretação do texto, que passava pela correta expressão de emoções, mas também pela execução métrica, para ficar em alguns exemplos.

variados – **15** tanto é verdade, que no *Fedro* de Platão, inclusive, Sócrates diz que Péricles foi superior aos demais oradores por ter sido discípulo do físico Anaxágoras. Considera que de Anaxágoras ele não só aprendeu algumas outras coisas distintas e grandiosas, como também, por causa dele, tornou-se abundante e fecundo e pôde saber – aquilo que é o mais importante na eloquência – por que tipo de discurso cada uma das partes da alma seriam movidas⁸⁵; e o mesmo se pode estimar de Demóstenes, de cujas cartas se pode compreender com que assiduidade esteve a ouvir Platão⁸⁶. **16** Na verdade, sem os ensinamentos dos filósofos, não podemos discernir o gênero e a espécie⁸⁷ de cada coisa, nem, por uma definição, revelá-la, nem dividi-la em partes, nem decidir que coisas são verdadeiras e quais são falsas, nem discernir as consequências, ver as contradições, distinguir as ambiguidades. E que dizer da natureza das coisas, cujo conhecimento fornece abundância ao discurso? E que dizer da vida, dos deveres, da virtude, dos modos de ser? Sem um vasto aprendizado destas coisas, justamente, é possível dizer ou compreender algo?⁸⁸

17 A esses conhecimentos, tão importantes e numerosos, devem ser acrescentados os incontáveis ornamentos, os quais eram, àquela época ao menos⁸⁹, os únicos ensinamentos oferecidos por aqueles que se contavam entre os professores de oratória; disso decorre que aquela verdadeira e absoluta eloquência ninguém tenha alcançado, pois uma coisa é aprender a pensar, outra, aprender a se expressar; e uns buscam ensinar a respeito da matéria, outros, a respeito das palavras.

18 Dessa forma, Marco Antônio, a quem a geração de nossos pais atribuía o primeiro lugar em eloquência, homem por natureza muito agudo e prudente, naquele livro, que foi o único que ele deixou, afirma ter visto muitos oradores bem articulados, mas absolutamente nenhum eloquente. Insinuava-se, é

⁸⁵ A referência é ao passo 269e-270 do *Fedro* de Platão. Péricles foi um importante político ateniense do século V a. C. Anaxágoras, proveniente da Lídia, na Ásia Menor, foi um filósofo naturalista que esteve ativo em Atenas também no século V a. C. Conhecido pela doutrina da *homeomeria*, de seus escritos temos apenas poucos fragmentos. Com relação à argumentação ciceroniana, vale a pena observar o destaque dado à moção dos afetos como a parte mais importante da atividade do orador, capacidade aqui relacionada ao estudo da natureza, que, na Antiguidade, lidava também com o estudo da natureza humana.

⁸⁶ Também no *Brutus* (121) se encontra essa menção a uma suposta ligação entre Demóstenes e Platão. Ao que tudo indica Cícero tinha por autênticas cartas falsamente atribuídas a Demóstenes (CICERONE, 1937, p. 27). Outras fontes antigas também dão testemunho dessa relação, a qual é geralmente rechaçada pela crítica moderna (CICERO, 1966, p. 100).

⁸⁷ *Species* aqui traduz o conceito de *eídos*.

⁸⁸ Seguindo uma divisão da filosofia em três partes, a qual se atribui aos acadêmicos (cf. Cic. *Acad. post.* I, 19; passagem em que a personagem Varrão atribui a divisão ao próprio Platão), o autor considera os benefícios trazidos à retórica pela lógica (ou dialética), pela física e pela ética.

⁸⁹ *Tum* se refere ao tempo, para o qual se acena de algum modo nas seções 12 e 13, em que se deu a separação entre o estudo da matéria e o da expressão verbal. A partir de então, coube à filosofia tratar da matéria do discurso. Os professores de oratória se contentaram com lidar com os aspectos formais. *Quidem*, por outro lado, indica que essa separação foi pontual. Não existia antes. E Cícero se esforça agora por superá-la.

evidente, em sua mente, uma forma da eloquência, que ele percebia com a alma, mas que não via na realidade. Entretanto, homem de uma inteligência penetrante, como de fato era, sentindo falta de muita coisa tanto em si quanto nos outros, não via ninguém absolutamente que pudesse com razão ser chamado eloquente. **19** Ora, se ele não considerou eloquente nem a si mesmo nem a Lúcio Crasso, abarcou com a alma e tinha à disposição, sem dúvida, como que uma forma da eloquência; e já que a ela nada faltava, não podia incluir nessa forma aqueles aos quais faltavam algo ou muitas coisas.⁹⁰

Sigamos no encaço, portanto, Bruto, se formos capazes, desse orador que Antônio jamais viu ou que ninguém, absolutamente, jamais foi. Se dele não pudermos criar uma imagem ou uma representação, algo que – ele mesmo dizia – mal se concedia a um deus, seremos ao menos capazes de dizer, talvez, de que tipo ele deve ser.⁹¹

REFERÊNCIAS

CICERO. *Brutus*. Edited by A. E. Douglas. Oxford University Press, 1966.

CICÉRON. *L'orateur / Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Société d'Édition "Les Belles Lettres", 1964.

CICERONE. *Opere Retoriche*. Volume primo: *De oratore, Brutus, Orator*. A cura di Giuseppe Norcio. Turim: Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1970.

CICERO. *Orator*. Comentários de Wilhelm Kroll. Berlim: Weidmannsche, 1961.

⁹⁰ Neste parágrafo são mencionados os dois mais célebres oradores da geração anterior à de Cícero: Marco Antônio e Lúcio Licínio Crasso, atores políticos de destaque no fim do século II e começo do século I a. C. Comparecem como personagens principais no diálogo *De oratore*, composto em 55 a. C., cuja cena representada se passa em 91 a. C. Em traços gerais, Cícero destaca na eloquência de Crasso a vasta cultura, o conhecimento das doutrinas gregas, a argumentação espirituosa, a pureza da linguagem. Antônio, por outro lado, projetava de si a imagem de alguém avesso ao excesso de doutrina grega (muito embora, para Cícero, fosse sobretudo uma construção, que não se ajustava à verdade) e mais apegado à prática. Cícero, mesmo reconhecendo em Crasso uma superioridade quanto ao estilo, destaca em Antônio o espírito agudo, a capacidade de dispor de modo eficiente os argumentos e, muito especialmente, a capacidade patética. Sobre os indivíduos históricos, sobre a composição das personagens e também sobre a avaliação da eloquência de ambos por parte de Cícero, veja-se CICERONE, 1970, p. 22-26. Quanto ao texto do *Orator*, vale a pena destacar a habilidosa argumentação por meio da qual Cícero acomoda seu uso da teoria platônica e sua consideração acerca do ideal de eloquência ao julgamento de Antônio, que daria conta da inexistência histórica do orador eloquente.

⁹¹ Recordemos que o verbo *imitor* foi utilizado para tratar da operação realizada pelos artistas plásticos, quando se atêm à beleza pura para forjar suas esculturas, por exemplo. Já o verbo *exprimo* apareceu no passo que tratava da máscara, forjada a partir do rosto humano. Ora, o autor está reforçando a dificuldade (senão a impossibilidade) de forjar na prática o orador perfeito; contenta-se, no entanto, com descrevê-lo teoricamente, seguindo um método filosófico.

CICERONE. *Orator*. Introduzione e commento di Francesco Galli. Milano: Carlo Signorelli, 1937.

CICERO. *Rhetorica*, Tomus II. *Brutus, Orator, Partitiones oratoriae, Topica*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit A. S. Wilkins. Oxford: Oxford University press, 1903.

CICERO. *Scripta quae manserunt omnia*. Fasc. 5. *Orator*. Rolph Westman (editor). Leipzig: Teubner, 1980.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

LONG, A. A. Cicero's Plato and Aristotle. In: *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995, p. 37-61.

NARDUCCI, E. *Orator* and the definition of the ideal orator. In: MAY, J. M. *Brill's Companion to Cicero's Oratory and Rhetoric*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002, p. 427-444.

POWELL, J. G. *Cicero the philosopher / Twelve papers*. Edited and introduced by J. G. Powell. New York: Clarendon, 1995.

Data de envio: 09/03/2023

Data de aprovação: 12/06/2023

Data de publicação: 14/07/2023

Amor riscado nos muros: tradução de grafites latinos de temática amorosa

Danilo Oliveira Nascimento Julião
doutorando/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
prof.danilo.juliao@gmail.com

Gelbart Souza Silva
doutorando/Universidade Estadual Paulista (UNESP)
gelbart.silva@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho, propomos uma tradução do latim para o português de grafites com temática amorosa organizados por Canali e Cavallo (1998). Objetivamos dar a conhecer o conteúdo em latim em um texto em português que, conquanto não reproduza agramaticalidades do texto de partida, mantenha a mesma atmosfera e o mesmo nível linguístico, motivo pelo qual se traduz palavras e expressões de baixo calão por equivalentes em português e se mantém truncados os trechos que assim se apresentam. Acompanham, ainda, notas pontuais, que servem à indicação de desvios da língua latina, a apontamentos de questões culturais ou esclarecimentos específicos. O trabalho contribui, portanto, para o conhecimento das camadas populares a partir da sua própria produção cotidiana.

43

Palavras-chave: *graffiti*; latim; tradução; amor.

Love scribbled on the walls: translation of love-themed Latin graffiti

ABSTRACT: This paper presents a translation from Latin into Portuguese of love-themed *graffiti* – a selection organized by Canali and Cavallo (1998). We aim to express in the Portuguese translation the Latin content in such a way that, even if it does not reproduce the ungrammaticalities from the source text, it maintains its thematic and linguistic level, for we translate vulgar words and expressions by their Brazilian Portuguese equivalents and do not resolve truncated excerpts. Occasional notes indicate deviations from the Latin language, point out cultural issues, or provide specific explanations. Our work contributes, therefore, to the knowledge of the popular classes based on their own daily production.

Keywords: *graffiti*; Latin language; translation; love.



Introdução

O amor é um sentimento humano e multifacetado. Sua caracterização vai da divinização até a subalternização, do amor cavalheiresco ao desejo lascivo. Compreende gradações, conhece compartimentalizações, revela-se em atos e palavras. É o que promove a união dos seres. Não sem razão, das conversas de esquina a grandes obras de literatura, é tema recorrente.

Não é diferente nas inscrições parietais em latim conhecidas hoje. Sobejam nos muros antigos declarações de amor sublime, exclamações de amor profano, ofertas de amor carnal em troca de soldo e, claro, zombaria do amor alheio. Dentre os sítios em que tais inscrições se encontram, destaca-se Pompeia, notória em nosso tempo por sua suposta “aura mística” relacionada ao amor. Como poeticamente descreve Varone (2002, p. 15):

O visitante moderno que busca Pompeia dois mil anos depois, vindo não somente de outra região, mas também de outro mundo, pode ainda sentir a sutil mágica do amor que emana das paredes pintadas das casas, dos baixos-relevos ao longo das ruas, dos grafites riscados nos muros das construções dos edifícios entre os quais ele bordejia. Qualquer um pode quase respirar na impalpável atmosfera de desmedido desejo sensual ligado com a sombria melancolia – um paradigma insolúvel entre o amor e a morte. Esse espírito parece ser o último dos presentes que Vênus, deusa tutelar da cidade, queria dar-lhe – uma cidade que serviu de legado para outra era, ainda viva, depois de uma cruel destruição e séculos de ostracismo.¹

Essa cidade que sucumbiu ao fluxo piroclástico do vulcão Vesúvio (79 d.C.), assim como Herculano, cristalizou no trágico ocorrido um *frame* do cotidiano antigo. Vestígios humanos, objetos, cômodos e paredes ainda seguem como objeto de interesse geral, matéria de estudo para especialistas e curiosidade de turistas.

Em razão disso, neste trabalho, propomo-nos traduzir uma coletânea de *graffiti* de temática amorosa, com objetivo de dar a conhecer em português a

¹ Todas as traduções são responsabilidades dos autores. Em caso contrário, indicar-se-á. Texto original da citação: “The modern visitor, who approaches Pompeii two thousand years later, coming not only from another region but from quite another world, can still sense the subtle magic of love that emanates from the wall-paintings of the houses, from the bas-reliefs along the streets, from the graffiti scribbled on the walls of the buildings among which he wanders. One can almost breathe in the impalpable atmosphere of unbridled sensual desire intimately linked with dark melancholy - a paradigm of the indissoluble bond between love and death. This spirit seems to be the last of the gifts that Venus, her tutelary goddess, wanted to bestow on the city - a city that was left as a legacy to another era, still alive, after a cruel destruction and centuries of oblivion.”

produção latina. Necessário é, assim, distinguir os *dipinti*, que são as produções pintadas, dos *graffiti*, que são

escritas (e desenhos) espontâneas e não autorizadas nas paredes de edifícios privados e públicos. Um segmento significativo do *corpus* consistia em nomes, mas também havia muito humor, boatos da sabedoria popular, obscenidades, referências históricas e até mesmo algum filosofar caseiro. (WALLACE, 2005, p. X)²

Usamo-nos da coletânea apresentada por Luca Canali e Guglielmo Cavallo (1998, p. 53-148), em seu livro *Graffiti Latini*, e procedemos a uma tradução anotada³. Anteriormente, o mesmo livro serviu de base para outro artigo, intitulado “Cotidiano e zombaria nos *graffiti* latinos: introdução e tradução” (JULIÃO, D. e SILVA, G., 2022), cuja temática de interesse eram os *graffiti* relacionados ao cotidiano popular e às mensagens zombeteiras; posteriormente, o nosso interesse recaiu por um novo grupo de inscrições compilados pelos mesmos autores. Não tencionamos reproduzir agramaticalidades existentes nas frases originais em latim, apenas propomos traduções que mantenham o teor e o nível da linguagem. Por esse motivo, as palavras de baixo-calão foram traduzidas com equivalentes na língua brasileira. As notas servem à apresentação de informações complementares aos leitores, relacionadas a questões linguísticas do latim, a circunstâncias de produção das inscrições e a considerações pertinentes ao sentido de frases, termos e construções.

Quanto aos aspectos técnicos da tradução, nossa organização funciona da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos o texto latino; em seguida, forneceremos as informações entre parênteses e a sua respectiva tradução. Informamos, ainda, entre parênteses a localização e as referências que fornecem Canali e Cavallo (1998). Cabe esclarecer ainda que as barras oblíquas (/) indicam separação de linha e as duplas (//) o espaço de uma linha entre um sintagma e outro.

Esperamos, portanto, que este trabalho contribua para o conhecimento das camadas populares a partir da sua própria produção cotidiana.

² “Spontaneous and unauthorized writings (and drawings) on the walls of private and public buildings. A significant segment of the corpus consisted of names, but there was also much humor, tidbits of popular wisdom, obscenities, historical references, and even some homespun philosophizing.”

³ Vale mencionar que alguns grafites desse recorte já se encontram traduzidos e publicados por diferentes autores, a exemplo de Funari (1989, p. 110), Feitosa (2002, p. 135) e Garraffoni (2004, p. 216).

Tradução

1. *Cestilia, regina Pompeianorum,/ anima dulcis, vale!*
(CIL IV 2413h; Pompeia, vico di Tesmo; Bibl.: Della Valle 1937, p. 172; Montero Cartelle 1981, p. 118 nr. 78)

Cestília, rainha de Pompeia,⁴/ alma doce, adeus!

2. *Vasia⁵ quae rapui, quaeris, formosa puella;/ accipe quae rapui non ego solus: ama./ Quisquis amat valeat.*
(Giordano, p. 85 nr. 46; Pompeia, casa di M. Fabio Rufo; Bibl.: Solin 1975, p. 254-256, 266 nr. 66; Gigante 1979, p. 219)

Procuras os beijos que roubei, menina formosa;/ recebe os que não roubei sozinho: ama./ Aquele que ama, seja feliz.

3. *Suspirium puellarum/ traex⁶/ Celadus.*
(CIL IV 4342; Pompei, scuola dei gladiatori; Bibl.: Krenkel 1963, p. 40; Solin 1979, p. 283; Montero Cartelle 1981, p. 104 nr. 22)

O trácio/ Celado,/ suspiro das moças.

4. *Marcellus Praenestinam amat/ et non curatur.*
(CIL IV 7679; Pompei, casa di Pinario Ceriale; Bibl.: Solin 1979, p. 285; Montero Cartelle 1981, p. 130 nr. 122)

Marcelo ama Prenestina/ e não é correspondido.

5. *Nemo est bellus nisi qui amavit mulierem adolescentulus.*
(CIL IV 1883 (add. p. 213); CLE 233; Pompei, parede settentrionale della Basilica; Bibl.: Maiuri 1945, p. 230; Gigante 1979, p. ; Montero Canelle 1981, p. 121 nr.89)

Nenhum homem é fodão senão aquele jovenzinho que amou uma mulher madura.

⁴ Elogio a Cestília, não um título.

⁵ *vasia* = *basia*.

⁶ O termo é *thraex* (ou *threx*), *-icis*; “espécie de gladiador, trácio” (FARIA, 1992, p. 1000).

6. *Marcus Spendusam amat.*
(CIL IV 7086; Pompei, casa delle Nozze d'argento; Bibl.: Della Corte I 1958, p. 44; Della Corte 1965, p. 105 nr. 151b; Montero Cartelle 1981, p. 129 nr.115)

Marcos ama Esendusa.

7. *Amplexus teneros hac si quis quaerit in urbe,/ expectat ceras nulla puella viri.*
(CIL IV 1796; CLE 941; Pompei, Basilica; Bibl.: Della Valle 1937, p. 167; Della Corte I 1958, pp. 61, 107; Montero Cartelle 1981. p. 110 nr. 46)

Se alguém procura nesta cidade abraços macios,/ nenhuma moça espera cartas de homem.⁷

8. *Felicem somnum qui tecum nocte quiescet?⁸/ Hoc ego si facerem, multo felicior essem.*
(Giordano, p. 84 nr. 45; Pompei, casa di M. Fabio Rufo; Bibl.: Solin 1975 pp. 264-266 nr. 59; Gigante 1979, p. 219)

Quem dorme contigo um sono feliz à noite?/ Se eu fizesse isso, muito mais feliz eu seria.

9. *Amantes ut apes vitam mellitam exigunt./ Vellem.*
(CIL IV 8408a; Pompei, dalla parete di una casa della regio I; Bibl.: Maiuri 1964, p. 75; Lebek 1978, pp. 220-221; Gigante 1979, pp. 217-218; Montero Cartelle 1981, p. 128 nr. 113)

Amantes, como abelhas, exigem uma vida adocicada./ *É o que eu queria.*⁹

10. *Quisquis amat, calidis non debet fontibus uti,/ nam nemo flammis ustus amare potest.*
(CIL IV 1898; CLE 948; Pompei, parete settentrionale della Basilica; Bibl: Gigante 1979, p. 211; Montero Cartelle 1981, p. IV nr. 103)

Qualquer um que ama, não deve usar as fontes termais,/ pois ninguém queimado pode amar as chamas.

⁷ Para maior compreensão, uma paráfrase: “Se alguém procura nesta cidade abraços macios, / [saiba que] nenhuma moça espera cartas de homem.”

⁸ *qui* = *quis*; *quiescet* = *quiescit*.

⁹ Segundo Canali e Cavallo (1998, p. 71), *Vellem* é complemento malicioso acrescentado por algum leitor. Por esse motivo, deixamos a expressão em itálico.

11. *Pupa que bela is,¹⁰ tibi me misit qui tuus est: vale.*

(CIL IV 1234; CLE 232; Pompei, casa di Sallustio; Bibl.: Maiuri 1945, p. 230; Gigante 1979, p. 210); Funari, 1989, p. 11

Boneca, que tão bela és, aquele que é teu me enviou a ti: passar bem.

12. *Si quis non vidit Venerem quam pinxit Apelles,/ pupa mea¹¹ aspiciat: talis et illa nitet.*

(CIL IV 6842; CLE 2057; Pompei, da una casa della regio VI; Pompei, da una casa della regio VI; Bibl.: Gigante 1979, pp. 209-210; Montero Cartelle 1981, p. 99 nr. 7)

Se alguém não viu a Vênus que Apeles¹² pintou,/ basta ver a minha boneca: brilha tal e qual.

13. *Quisquis amat nigram, nigris carbonibus ardet;/ nigram cum video, mora libenter aedeo.¹³*

(CIL IV 6892; CLE 2056; Pompei, da una villa suburbana di Boscotrecase; Bibl.: Della Corte 1965, p. 419; Gigante 1979, pp. 189-190; Montero Cartelle 1981, p. 124 nr. 102)

Qualquer um que ama uma negra, arde como carvões pretos;/ quando vejo uma negra, como amoras com prazer.

14. *Venus enim/ plagiaria/ est: quia exsanguni¹⁴/ meum petit,/ in vies¹⁵ tumultum/ pariet: optet/ sibi, ut bene/ naviget,/ quod et/ Ario sua rogat.¹⁶*

(CIL IV 1410; Pompei, casa di Ercole; Bibl.: Maiuri 1954, pp. 229-230; Väänänen 1966, p. 106; Gigante 1979, pp. 205-206; Montero Cartelle 1981, pp. 116-117 nr. 74)

¹⁰ *que bela is = quae bella es.*

¹¹ *pupa mea = pupam meam.*

¹² Apeles é um pintor grego da época de Alexandre, O Grande. Plínio, o Velho, em sua obra *História Natural* (35.79–97), chega a afirmar que sozinho ele contribuiu para o progresso da pintura mais do que todos os demais, tendo também publicado livros que contêm ensinamentos sobre ela (MENDONÇA, 1996, p. 325).

¹³ *aedeo = edo.*

¹⁴ *exsanguni = ex sanguine.*

¹⁵ *vies = viis.*

¹⁶ Informam Canali e Cavallo (1998, p. 81): “Inscrizione graffita su una pittura parietale raffigurante serpenti e colonnette dorate; il testo è di incerta interpretazione” (“Inscrição em grafite em pintura mural representando cobras e colunas douradas; o texto é de interpretação incerta”).

Vênus é de fato/ uma ladra:/ porque fraco me procurou,/ nas estradas um tumulto/ gerará: que escolha/ para si, para que bem/ navegue, é o que/ sua Ário pede.

15. *Mentula cessas, verpa lumbos/ apstulit.*¹⁷

(Castrén-Lilius, pp. 233-234 nr. 281, p. 237 nr. 287; CLE 50; Roma, Domus Tiberiana; Bibl.: Montero Cartelle 1981, p. 148 nr. 191)

Tens o pinto gasto, tua piroca vários lombos/ arreventou.

16. *Quisquis amat pueros, etiam sine fine puellas,/ rationem saccli*¹⁸ *non habet ille sui.*

(Solin-Volpe, p. 87 nr. 24; Roma, Domus Aurea; Bibl.: Solin 1981, pp. 268-271)

Qualquer um que ama moços, também sem fim moças,/ não tem ele dó do próprio bolso.

17. *Successus textor amat coponiaes*¹⁹ *ancilla*²⁰ *,/ nomine Hiredem*²¹ *, quae quidem illum/ non curat; sed/ ille rogat, illa comiseretur*²² *./ Scribit rivalis.*²³ *Vale.*²⁴ *Invidiose quia rumperes,*²⁵ *secari*²⁶ *noli formosiorum/ et qui est homo pravessimus*²⁷ *et bellus./ Dixi, scripsi: amas Hiredem/ quae te non curat.*

(CIL IV 8259; Pompei, da una taverna dell'insula dei Poppei Sabini; Bibl.: Krenkel 1963, pp. 46-47; Della Corte 1965 p. 292; nr. 586-587; Montero Cartelle 1981, p. 111 nr. 51)

O tecelão Sucesso ama a escrava da taverna, cujo nome é Híris, a qual não lhe/ corresponde; mas/ ele pede, e ela se comove./ Escreve isso o rival. Tchau./ / Tu que te explodes de inveja, não persiga alguém mais formoso,/ e

¹⁷ *apstulit = abstulit.*

¹⁸ *saccli = sacculi.*

¹⁹ *coponiaes = coponae.*

²⁰ *ancilla = ancillam.*

²¹ *Hiredem = Iridem.*

²² *comiseretur = commiseretur.*

²³ Explicam Canali e Cavallo (1998, p. 81): “Il *rivalis* che scrisse il primo testo è Severo, un tessitore collega di Sucesso, che gli risponde nella seconda iscrizione; la terza iscrizione è la replica di Severo. Testo talvolta incerto e di dubbia interpretazione” (“O *rivalis* que escreveu o primeiro texto é Severo, um tecelão colega de Sucesso, o qual lhe responde na segunda inscrição; a terceira é a réplica de Severo. Texto às vezes incerto e de interpretação duvidosa”).

²⁴ Vale lembrar que convencionamos as duas barras oblíquas (/ /) como indicação de espaço correspondente a uma linha entre uma sentença e outra.

²⁵ *rumperes = rumperis.*

²⁶ *secari = sectari.*

²⁷ *pravessimus = pravissimus.*

o qual é mais feio e mulherengo.// Declarei, escrevi: tu ama Híris,/ que não te corresponde.

- 18.** *Crescens, quisque meam futuit rivalis amicam,/ illum secretis montibus ursus edat.*
(Castrén-Lilius, p. 234 nr. 283; CLE 954; Roma, Domus Tiberiana; Bibl.: Gigante 1979, p. 216; Montero Cartelle 1981, pp. 126-127 nr. 108)

Ó adolescente, cada rival que fodeu minha amada,/ um urso vai comê-lo em montes distantes.

- 19.** *Quoi²⁸ scripsi semel et legit, mea iure puella est;/ quae pretium dixit, non mea sed populi est.*
(CIL IV 1860; CLE 942; Pompei, Basilica; Bibl. Gigante 1979, p. 217; Montero Cartelle 1981, p 123 nr. 96)

A quem escrevi uma vez e agora lê, a moça é minha por direito;/ aquela que disse o preço, não minha mas é do povo.

- 20.** *Hic ego cum domina resoluta clune peregi,/ tales sed versus scribere turpe fuit.*
(CIL IV 9246; CLE 2058; Pompei, villa dei Misteri; Bibl.: Armini 1936, p. 126; Gigante 1979, p. 217; Montero Cartelle 1981, p. 132 nr. 131)

Aqui eu, junto com minha senhora, acabei com bunda mole,/ podre foi, porém, escrever tais versos.²⁹

- 21.** *Vos mea mentula deseruit, dolete, puellae,/ pedicat³⁰ culum. Cunne superbe, vale.*
(CIL IV 3932; CLE 2062; Pompei, da una taverna della regio I; Bibl.: Armini 1936, p. 126; Gigante 1979, pp. 219-220; Montero Cartelle 1981, p. 115 nr. 70)

Moças, chorem, minha pica vos abandonou;/ ela arromba cu. Xoxota orgulhosa, adeus.

²⁸ *quoi = cui.*

²⁹ Canali e Cavallo (1998, p. 93) afirmam que é impossível afirmar se se trata de um único grafite ou se a linha que segue é acréscimo de outrem, à guisa de crítica.

³⁰ *pedicat = paedicat.*

22. *Duo sodales hic fuerunt, et, cum diu malum ministrum in omnia/ nomine Epaphroditum, vix tarde/ eum foras exigerunt.³¹/ Consumpserunt persuavissime cum futuere HS CVS.³²*

(CIL IV 10675; Ercolano, terme a mare o suburbane; Bibl.: Della Corte I 1958, pp. 95, 113; Della Corte, 1958, pp. 305-306 nr. 826)

Dois companheiros aqui estiveram, e, por um longo tempo, um mau ministro em todas as coisas/ de nome Epafrodito, até que, com custo e tardiamente/ colocaram-no para fora./ Gastaram 105 sestércios e meio de boa vontade enquanto fodiam.

23. *Apelles Mus cum fratre Dextro/ amabiliter futuimus bis / binas.*

(CIL IV 10678; Ercolano, terme a mare o suburbane; Bibl.: Della Corte I 1958, pp. 95, 113; Della Corte II 1958. p. 307 nr. 829)

Apeles Mus com o irmão Dexter/ fodemos amorosamente duas vezes/ cada um.

24. *Hic ad Callinicum/ futui orem³³ anum ...*

(CIL XIV 5291c; Ostia, casa di Giove e Ganimede; Bibl.: Montero Cartelle 1981, p. 131 nr. 128)

Aqui em casa de Calínico,/ se paga boquete e se dá o cu.

25. *Linge Laidi cunnum.*

(CIL IV 1578; Pompei, via della Fortuna)

Lambe o cu de Laís.

26. *Hic ego nunc futui formosam forma puellam,/ laudatam a multis, set lutus intus erat.*

(CIL IV 1516; CLE 955; Pompei, vico degli Scienziati; Bibl.: Della Valle 1937, p. 165; Montero Cartelle 1981, p. 132 nr. 129)

Aqui agora eu trepei com uma moça gostosa por fora,/ elogiada por muitos, mas, por dentro, era só podridão.³⁴

³¹ *exigerunt = exegerunt.*

³² HS CVS - 105 e ½ sestércios (CANALI; CAVALLLO, 1998, p. 96).

³³ *orem = os.*

³⁴ Esse grafite faz o leitor moderno brasileiro lembrar o dito popular “por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento”.

27. *Move te, fellator.*

(CIL IV 8400; Pompei, casa di Claudio Eulogo in via dell'Abbondanza; Bibl.: Krenkel 1963, p. 51; Della Corte 1965, p. 302; Montero Cartelle 1981, p. 140 - 157)

Cai fora, boqueteiro!

28. *Euplia/ hic cum hominibus bellis/ M.M.*

(CIL IV 2310b; Pompei, taverna di Febo nel vicolo del Panettiere; Bibl.: Della Valle 1937, p. 151; Montero Cartelle 1981, p. 107 nr. 32)

Euplia/ aqui com 2000/ homens belos.

29. *Verecundus .../ mentulam lingit.*

(CIL IV 3103; Pompei, taverna eli Febo nel vicolo del Panettiere; Bibl.: Della Corte 1965, p. 150 nr. 263)

Verecundo.../ lambe pau.³⁵

30. *Restitutus multas decepit sepe³⁶ puellas.*

(CIL IV 5251; CLE 355; Pompei, da una casa della regio IX; Bibl.: Della Corte 1958, p. 68; Montero Cartelle 1981, p. 146 nr. 183)

Restituto frequentemente iludiu muitas moças.

31. *Eutyichis/ Graeca assibus II,/ moribus bellis.*

Eutico, grega com dois asses, de belos costumes.³⁷

32. *Lucilla ex corpore lucrum faciebat.*

Lucila auferia lucro a partir do corpo.

³⁵ Segundo informam Canali e Cavallo (1998, p. 111), “le parole sotto il nome sono aggiunte da un altro” (“As palavras abaixo do nome foram acrescentadas por outra pessoa”).

³⁶ *sepe* = *saepe*.

³⁷ “Belos costumes”, eufemisticamente, são “os segredos de alcova”, o serviço sexual.

33. *Futuitur cunnus pilossus³⁸ multo melius quam glaber;/ eadem continet vaporem et eadem vellit mentulam.*

Xoxota peluda é melhor de foder do que a pelada;/ porque mantém o calor e facilita a entrada da piroca.

34. *Tiopilus, canis,/ cunnum lingere noli/ puellis in muro.*

(CIL IV 8898; Pompei, accanto all'ingresso di una casa della regio III; Bibl.: Solin 1968, pp. 113-11.5; Solin 1979, p. 285)

Tiópilo, cachorro,/ não chupa/ mocinhas atrás de muros!

35. *Arphocras hic cum Drauca/ bene futuit denario.*

(CIL IV 2193; Pompei, vico del Lupanare; Bibl.: Krenkel 1963, p. 50; Montero Cartelle 1981, p. 109 nr. 42)

Arfocras aqui com Drauca/ trepou bem por um denário.

36. *Si quis hic sederit/ legat hoc ante omnia./ Si qui³⁹ futuere volet/ Atticen quaerat: assibus XVI.*

(CIL IV 1751 (add. p. 464); Pompei, su un sedile a sinistra della porta Marina; Bibl.: Montero Cartelle 1981, p. 109 nr. 43)

Se alguém aqui se sentar/ leia isto antes de tudo:/ se alguém quiser foder, procure Ática: custa 16 asses.

37. *Maritimus/ cunnum linget⁴⁰ assibus IIII, / virgines am-/mittit⁴¹.*

(CIL IV 8940; Pompei, casa di Metellico; Bibl.: Della Corte 1965, p. 389 nr. 819)

Marítimo / chupa xoxota por 4 asses, aceita virgens.

38. *Satur, noli cunnum lingere/ extra portam set⁴² intra portam;/ rogat te Arpocras ut sibi lingas mentulam.*

(CIL IV 2400 (add. p. 221); Pompei, via dei Diadumeni; Bibl.: Montero Cartelle 1981, p. 113 nr. 58)

³⁸ *pilossus* = *pilosus*.

³⁹ *qui* = *quis*.

⁴⁰ *linget* = *lingit*.

⁴¹ *ammittit* = *admittit*.

⁴² *set* = *sed*.

Satur, não queira chupar xoxota/ fora da porta mas dentro da porta;⁴³/
Arpocras te pede que lhe lamba a pica.

39. *Sum tua/ aeris assibus II.*

(CIL IV 5372; Pompei, sul muro di una casa della regio IX; Bibl.: Montero Cartelle 1981, p. 108 nr. 37)

Sou tua por dois asses de bronze.

40. *Quintio hic/ futuit ceventes/ et vidit qui doluit.*

(CIL IV 4977; Pompei, da una taverna della regio IX; Bibl.: Krenkel1963, p. 51; Montero Cartelle 1981, p. 131 nr. 126)

Quíntio aqui/ fudeu rebolantes,/ e viu a quem doeu.

41. *Romula vivos mille trecentos.*

(Giordano, p. 78 nr. 19; Pompei, casa di M. Fabio Rufo; Bibl.: Solin 1975, pp. 248, 265 nr. 43; Gigante 1979, p. 159)

Rômula, mil trezentos vivos.⁴⁴

54

42. *Prehende servoam: cum voles, uti licet.*

(CIL IV 1863; Pompei, Basilica; Bibl: Gigante 1979, pp. 143-144)

Aproveite a escrava: quando quiser, como quiser.

43. *Fortunate./ linge/ culum.*

(CIL IV 4954; Pompei, da una strada della regio VIII; Bibl: Solin 1979, p. 285; Montero Canelle 1981, p. 114 nr. 62)

Fortunato, lamba cu.⁴⁵

⁴³ O trecho não é muito claro. Parece ser uma metonímia, relacionando dentro e fora de alguma alcova. Canali e Cavallo (1998, p. 129), ao contrário, acreditam que a expressão alude ao sentido anatômico da técnica do *cunnilingus*.

⁴⁴ Subentende-se que ela serviu sexualmente esse montante. Canali e Cavallo (1998, p. 135) traduzem como “Romula ne succhia mille e trecento belli vivi” (“Rômula chupa mil trezentos belos vivos”), determinando, por inferência, um ato sexual específico. A nosso ver, mesmo que possível seja essa inferência, suplementa em demasia o texto latino.

⁴⁵ Eufemisticamente, na língua brasileira, temos as expressões “beijo grego” e “fazer a tulipa roxa” para esse ato sexual.

44. *Lahis/felat*⁴⁶/*assibus II*.

(CIL IV 1969; Pompei, casa di Eumachia; Bibl.: Solin 1979, p. 285; Montero Cartelle 1981, p. 108 nr. 40)

Laís paga boquete por dois asses.

45. *Romula cum suo hic fellat et ubique*.

(Giordano, p. 80 nr. 34; Pompei, casa di M. Fabio Rufo; Bibl.: Solin 19n, pp. 249, 265 nr. 38)

Rômula chupa seu namorado aqui e em qualquer lugar.

46. *Mentula tua iubet, amatur*.

(CIL IV 1938 (add. p. 213); Pompei, via delle case di Championnet; Bibl: Solin 1979, p. 285; Montero Canelle 1981, p. 130 nr. 123)

Tua piroca manda, e é amada.

47. *Felix pedico*.⁴⁷

(Solin-Itkonen Kaila, p. 201 nr. 232; Roma, Paedagogium)

Feliz eu arrombo um cu.

REFERÊNCIAS

CANALI, Luca; CAVALLO, Guglielmo. **Graffiti latini**: scrivere sui muri a Roma antica. Milano: Rizzoli, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Cultura popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Editora Contexto, 1989.

FEITOSA, Lourdes Madalena Gazarini Conde. **Amor e sexualidade no popular pompeiano**: uma análise de gênero em inscrições parietais. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2002. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1592813>. Acesso em: 8 jul. 2023.

⁴⁶ *felat* = *fellat*.

⁴⁷ *pedico* = *paedico*.

GARRAFFONI, Renata Senna. **Técnica e destreza nas arenas romanas: uma leitura da gladiatura no apogeu do Império**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2004. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1596502>. Acesso em: 8 jul. 2023.

JULIÃO, D. e SILVA, G. Cotidiano e zombaria nos *grafitti* latinos: introdução e tradução. **Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, Vol. 10, n. 2, p. 86-99, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/39006>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MENDONÇA, Antonio da Silveira. Seleção e tradução da *Naturalis Historia*, de Plínio, o Velho. **Revista de História da Arte e da Cultura**, n. 2, p. 317-330, 1996. Disponível em: <https://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2020-%20artigo%2023.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VARONE, Antonio. **Erotica pompeiana: love inscriptions on the walls of Pompeii**. L'Erma di Bretschneider, 2002.

56

WALLACE, Rex E. **An Introduction to Wall Inscriptions**. From Pompeii an Herculaneum. Wauconda, Illinois: Bolchazy-Carducci Publishers, 2005.

Data de envio: 15/04/2023

Data de aprovação: 12/07/2023

Data de publicação: 14/07/2023

Pro Marcello, de Cícero

Bruno Amaro Lacerda
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
brunoamarolacerda@gmail.com

Leni Ribeiro Leite
University of Kentucky (UKY)
leni.ribeiro@gmail.com

RESUMO: Trata-se de tradução bilíngue do discurso *Pro Marcello* de Cícero. O texto é um notável exemplar do gênero retórico epidíctico, embora também contenha um intento deliberativo, na medida em que o louvor às virtudes de César serve ao orador como estratégia persuasiva para aconselhá-lo a permanecer na política da clemência, curando as feridas da guerra civil e restaurando plenamente a república.

Palavras-chave: Cícero; César; retórica; epidíctico; república.

Cicero's Pro Marcello

57

ABSTRACT: This article is a translation of Cicero's speech *Pro Marcello*. The text is a remarkable example of the epideictic genre, although it also contains a deliberative intent, because the praise of Caesar's virtues is used by the speaker as a persuasive strategy to advise him to preserve the policy of clemency, healing the wounds of civil war and restoring the Roman Republic.

Keywords: Cicero; Caesar; rhetoric; epideictic; republic.

Introdução

1. O discurso

Marco Cláudio Marcelo, oriundo da nobre *gens Claudia*, nasceu em Roma em 94 a.C. Embora alguns anos mais jovem que Cícero, esteve sempre ligado a ele por laços de amizade e por interesses em comum. No campo político, foi um republicano, adepto de Pompeio e adversário de César. Investido nas funções de cônsul em 51 a.C., opôs-se às ambições do conquistador da Gália, gerando uma tensão que levaria o Senado a declarar César inimigo da pátria.

Quando a guerra civil eclodiu, em 49 a.C., manteve-se ao lado do Senado e de Pompeio, recomendando que a reação fosse enérgica, mas prudente. Com a vitória de César em Farsalos, Marcelo, diversamente de outros de seu partido, não retornou a Roma para suplicar o perdão ao vencedor, preferindo exilar-se voluntariamente em Mitilene, na ilha de Lesbos, onde se dedicou aos estudos retóricos e filosóficos. Mais tarde, recebeu de Cícero a notícia de que César, mesmo manifestando certa preocupação com a sua intransigente oposição, estava disposto a perdoá-lo, desde que ele se dignasse a requerer a remissão.

O agradecimento, enfim, aconteceu em 46 a.C., durante uma sessão do Senado presidida por César. Conforme combinação prévia, o nome de Marcelo foi mencionado; naquele momento, seu primo, Caio Marcelo, implorou o perdão ao ditador, sendo apoiado em sua postulação pelos demais senadores. Após a concessão, provavelmente, Cícero leu o discurso em favor de seu velho amigo; trata-se, assim, não de um arrazoado de defesa, visto não haver acusação, mas de uma *oratio* de agradecimento a César e de louvor às virtudes que lhe possibilitaram conceder o benefício. Marcelo, porém, não pôde usufruí-lo; durante sua viagem de retorno, foi assassinado por um certo Mágio Quilão, supostamente por razões privadas, sem conotações políticas.

Pro Marcello demarca, como Cícero pontua em seu exórdio, o fim do “prolongado silêncio” que manteve nos anos anteriores, pois, como Marcelo, também ele militou no partido contrário ao de César, mas, à diferença do amigo, obteve antes o perdão do vencedor, reinvestindo-se na posse de todos os direitos e privilégios de sua posição. O momento, então, é visto como oportuno para que César receba os agradecimentos por ter se disposto a também perdoar Marcelo, restituindo-o, como fizera com o próprio orador e com outros adversários, à república romana.

O discurso prossegue com o elogio das virtudes que permitiram a César resgatar do exílio até um opositor tão obstinado como Marcelo; diante disso, diz Cícero, não é mais possível ignorar “tamanho brandura, tão rara e extraordinária clemência, tamanha moderação em alguém com o supremo poder sobre todas as

coisas” (*Tantum enim mansuetudinem, tam inusitatum inauditamque clementiam, tantum in summa potestate rerum omnium modum, Marc. 1*).

Poder que, ao se transmutar em clemência, favoreceu o alcance de uma glória ainda mais elevada do que todas as que César granjeou no campo de batalha. Com efeito, muitos conseguiram derrotar povos inteiros, vencer árduas batalhas e subjugar inimigos; no entanto, os comandantes militares que realizaram tais feitos costumam dividir os méritos de suas vitórias com os seus comandados. Diversamente, a glória que César acaba de alcançar, contendo a ira e moderando o ânimo, atitude difícil para qualquer vencedor, é uma façanha que o torna “muitíssimo semelhante a um deus” (*simillimum deo, Marc. 8*). Razão pela qual, prossegue o orador, quando aprendemos que algo “foi feito de modo clemente, brando, justo, moderado e com sabedoria” (*clementer, mansuete, iuste, moderate, sapienter factum, Marc. 9*), somos capazes até de estimar os atos heroicos que nunca vimos. O perdão a Marcelo, dessarte, é uma ação tão grandiosa que, mesmo que o tempo apague as conquistas militares de César, “ainda assim tua justiça e tua benevolência florescerão cada dia mais” (*haec tua iustitia et lenitas florescet cotidie magis, Marc. 12*). Ao fazer uso “da equidade e da compaixão” (*aequitate et misericordia, Marc. 12*), ele venceu a si mesmo, superando os impulsos revanchistas que costumam se apossar do espírito dos vencedores, e aquistou uma glória definitiva e eterna, pela qual fez jus ao epíteto de “único invicto” (*unus inuictus, Marc. 12*).

Os trágicos acontecimentos do conflito civil devem agora ser superados definitivamente por uma ação reparadora: após restituir Marcelo, enfatiza Cícero, César deve reavivar as instituições que a guerra lançou por terra, restaurando a confiança dos cidadãos na república. Portanto, resta-lhe uma ação gloriosa: “restabeleças a república e, entre os primeiros, a fruas com grande tranquilidade e paz” (*ut rem publicam constituas, eaque tu in primis summa tranquillitate et otio perfruare, Marc. 27*). O discurso encerra-se com o agradecimento direto a César, ocasião em que Cícero confessa que, aos benefícios que ele próprio angariou com o perdão que o favoreceu, somou-se agora um adicional inesperado (*Marc. 34*).

2. Os discursos cesaristas

Pro Marcello liga-se a outros dois discursos ciceronianos, *Pro Ligario* e *Pro Rege Deiotaro*, aos quais se junta frequentemente sob o rótulo de “discursos cesaristas”. Em *Pro Ligario*, Cícero dedica-se à defesa de Quinto Ligário que, quando da eclosão da guerra civil, encontrava-se na África, exercendo em caráter provisório, após o fim do mandato de Caio Consídio Longo, de quem era legado, as funções de propretor. Nesse momento, chega Ácio Varo, que, leal a Pompeio,

assume o comando das tropas militares e atribui certas funções a Ligário. O Senado tinha concomitantemente enviado Lúcio Élio Tuberão como sucessor de Consídio, mas Ligário, cumprindo as determinações de Varo, impediu o seu desembarque em Útica, bem como o de seu filho Quinto Tuberão, que estava doente. Em 46 a.C., Tuberão, o filho, apresentou contra ele uma acusação de traição, formando-se o processo no fim do mesmo ano. César, investido do poder supremo, atuou como juiz.

Cícero deixa claro que não há, da parte de Ligário, nenhuma hostilidade em relação a César, rogando pela clemência do julgador: “Ó clemência admirável e digna de louvor e elogio de todos, tanto em escritos como em monumentos!” (*O clementiam admirabilem atque omnium laude, praedicatione, litteris monumentisque decorandam!*, Lig. 6).

Os partidários de Pompeio, ademais, não praticaram propriamente um crime, mas foram vítimas de “certa calamidade fatal” (*fatalis quaedam calamitas*, Lig. 17), tendo em vista que a guerra foi mais uma “discordância civil” (*ciuile discidium*, Lig. 19) que uma separação e um ódio hostil. Ligário não pode ser condenado à morte simplesmente por ter feito o que, diante das circunstâncias, lhe pareceu mais correto. É justo, por conseguinte, que não lhe seja imputada culpa.

O orador elogia ainda outras virtudes do julgador, por meio das quais ele certamente será capaz de perceber as peculiaridades do caso e inocentar Ligário. Dentre elas estão a bondade (*bonitas*, Lig. 37), a compaixão (*misericordia*, Lig. 37) e a generosidade (*liberalitas*, Lig. 31): “E assim tu atribuis aos teus tanto que, por vezes, me parecem mais felizes aqueles que fruem da tua generosidade do que tu mesmo, que lhes concede tanta” (*Itaque tribuis tu quidem tuis ita multa ut beatiores illi uideantur interdum, qui tua liberalitate fruuntur, quam tu ipse, qui illis tam multa concedas*, Lig. 31).

Em *Pro Rege Deiotaro*, Cícero faz a defesa do tetrarca de uma tribo ocidental da Galácia, na Ásia Menor. Deiotaro, que sempre adotara uma política de amizade em relação a Roma, também esteve ao lado de Pompeio durante a guerra civil. Alguns anos mais tarde, em 45 a.C., foi acusado formalmente pelo próprio sobrinho de ter tramado o assassinato de César após a Batalha de Zela. O processo formou-se em novembro do mesmo ano e o julgamento teve lugar, extraordinariamente, na casa do ditador, que atuou no caso como parte lesada e como juiz.

César é elogiado como detentor de uma sabedoria que lhe permitirá agir com justiça em uma situação desfavorável (*re enim iniquum est, sed tua sapientia fit aequissimum*, Deiot. 4). Sua equidade e zelo minoram as preocupações do orador com os riscos inerentes à defesa (*aequitas tua tum audiendi diligentia minuat hanc perturbationem meam*, Deiot. 7) e sua lealdade, firmeza e clemência possibilitam

que o réu e seu defensor não temam que tenha subsistido algum rancor (*Quam ob rem hoc nos primum metu, Caesar, per fidem et constantiam et clementiam tuam libera, Deiot. 8*).

Também Deiotaro, que sempre se esforçou para manter boas relações com Roma, tem suas qualidades elogiadas pelo orador: “de modo que era considerado não apenas um nobre tetrarca, mas também um ótimo pai de família e um agricultor e pecuarista muito consciencioso” (*ut non solum tetrarches nobilis, sed etiam optimus pater familias et diligentissimus agricola et pecuarius haberetur, Deiot. 27*). O rei, além disso, merece ser perdoado porque seguiu um homem notável, ao qual o próprio Cícero se aliou. Essa lembrança, contudo, é mais uma oportunidade para o orador enaltecer as glórias de César, que ultrapassam as de seu rival: “Ele superara em glória seus antecessores, como tu sobrepujaste a todos; e assim, com admiração, enumeraremos as guerras, vitórias, triunfos e consulados de Cneu Pompeio: mas os teus não podemos enumerar” (*Tanto ille superiores uicerat gloria, quanto tu omnibus praestitisti; itaque Cn. Pompeii bella, uictorias, triumphos, consulatus admirantes numerabamus: tuos enumerare non possumus, Deiot. 12*).

Percebe-se, portanto, que os três discursos são comumente agrupados não somente pelo fato de serem dirigidos a César como o único detentor do poder (BRAUND, 2012, p. 100) ou por terem por objeto questões de punição e perdão no período pós-guerra civil, mas, sobretudo, pelo uso que fazem do gênero retórico epidíctico ou demonstrativo, por meio do qual o orador deve louvar virtudes ou desaprovar vícios para persuadir alguém a fazer algo: em *Pro Ligario*, almeja-se a absolvição de Quinto Ligário e, em *Pro Rege Deiotaro*, a do tetrarca da Galácia. *Pro Marcello*, entretanto, possui particularidades em relação aos outros dois. Em primeiro lugar, não é um discurso de defesa, mas de agradecimento (*gratiarum actio*) por um perdão concedido. Em segundo, busca-se persuadir César a ver na graça (tanto a presente como as anteriores) a escolha de um caminho político acertado: a cura das feridas de guerra e o restabelecimento da república. Trata-se, portanto, de uso do epidíctico para fins deliberativos: a ideia subjacente é que alguém como César, possuidor das virtudes que Cícero elogia sem reservas, não pode ser dominado pelas paixões que costumam afetar os vencedores de guerras, mas deve “vencer a si próprio”, reprimindo os impulsos nefastos para, heroicamente, reerguer a república com apoio nos valores que a forjaram e engrandeceram. Assumindo o papel de conselheiro e não de defensor, Cícero “formula e define o programa de reconciliação pós-guerra do ditador” (GOTOFF, 2002, p. 230). Logo, todos os elogios proferidos estão a serviço do aconselhamento sobre a melhor conduta a ser adotada dali em diante, demonstrando íntima conexão com a evolução do epidíctico e com a visão que o próprio Cícero expõe a respeito desse gênero em outros textos.

3. Cícero e o epidíctico

Em Roma, os primeiros discursos epidícticos foram as *laudationes funebres* pronunciadas nos funerais, nas quais se louvava o falecido ou a sua *gens* (PERNOT, 1993, p. 50-51). Fora desse contexto, o discurso laudatório era considerado um gênero menor, ao qual, contudo, se reservava um papel auxiliar nos quadrantes da eloquência judiciária ou dos discursos deliberativos. Assim, na *Retórica a Herênio*, o mais antigo manual latino de oratória que nos chegou, o judiciário é considerado o mais difícil dos três gêneros (*Multo difficillimum iudiciale est, Rhet. Her. 2. 1*), fato que justifica seu tratamento prioritário. O demonstrativo, por sua vez, é definido nestes termos: “O demonstrativo destina-se ao elogio ou vitupério de determinada pessoa” (*Demonstratiuum est quod tribuitur in alicuius certae personae laudem uel uituperationem, Rhet. Her. 1. 2*). O autor da obra destaca ainda o seu caráter adjacente: “Se, isoladamente, o gênero demonstrativo é tratado com menos frequência, é comum que, nas causas judiciárias e deliberativas, grandes seções se ocupem do elogio ou do vitupério” (*et si separatim haec causa minus saepe tractatur, at in iudicialibus et in deliberatiuis causis saepe magnae partes uersantur laudis aut uituperationis, Rhet. Her. 3. 15*).

As ideias de Cícero sobre a retórica estão contidas sobretudo no *De Oratore*. Nessa obra, valendo-se de um diálogo entre alguns personagens, ele procura rebater ideias frequentes no mundo antigo, como a suposta inutilidade prática da retórica e a sua inferioridade no confronto com o saber filosófico. Em seu entender, a retórica não é um saber formal, mas um tipo de conhecimento que articula forma (*uerba*) e conteúdo (*res*), resultando em uma arte que se apreende “através da razão e da experiência, e que tem, portanto, um caráter não somente racional, mas também prático e histórico” (CARRILHO, 1999, p. 63). Nesse sentido, não se limita às palavras, mas tem de ser continuamente referida à realidade das coisas humanas: “As palavras devem ser constantemente conjugadas com as coisas, segundo um estreito vínculo relacional” (BARILLI, 2014, p. 69).

Essa concepção, observam os estudiosos, ecoa a visão de mundo dos romanos, na qual o *negotium*, isto é, a dedicação assídua à *res publica*, tem mais peso que o *otium*, ficando este último reservado a certas situações especiais nas quais é lícito ao cidadão retirar-se momentaneamente de seus afazeres para dedicar-se a investigações teóricas sem grandes conexões com as demandas da vida prática (BARILLI, 2014, p. 65). Nesse contexto de predominância da esfera pública, em que o homem político deve persuadir e agradar os seus ouvintes para mobilizá-los a praticar uma determinada ação, a retórica assume um papel central (CARRILHO, 1999, p. 64).

Alguns passos do *De Oratore* oferecem um panorama mais detalhado da visão ciceroniana sobre o gênero epidíctico. Em certo momento da obra, Antônio afirma que, além dos gêneros relativos às lides e aos aconselhamentos políticos, há um terceiro, recebendo de Catulo, outro personagem, a seguinte resposta: “Porventura falas dos discursos laudatórios? Entendo que esse é o terceiro gênero a ser apresentado” (*an laudationes? Id enim uideo poni genus tertium, de Orat. 2. 43*). Em outra passagem, é dito que o elogio mais adequado é o que se refere a fatos realizados por homens que não esperavam recompensa, na medida em que a virtude do homem superior é a que “é vantajosa aos outros” (*fructuosa aliis, de Orat. 2. 346*). Por fim, mas não menos importante, assevera-se que o gênero epidíctico deve ser utilizado em todos os tipos de assunto: “E de tais argumentos de louvar e de vituperar devemos nos valer com frequência em todos os tipos de questão” (*Atque his locis et laudandi et uituperandi saepe nobis est utendum in omni genere causarum, de Orat. 2. 349*).

Pro Marcello, como dito, traz elementos do gênero deliberativo, porquanto seu objetivo é aconselhar César a seguir na senda do perdão e envidar todos os esforços para sanar definitivamente as feridas do conflito civil, restaurando a república em sua plenitude. O epidíctico, contudo, também é posto em ação como estratégia persuasiva. César, assim, é exortado a praticar uma ação reparadora futura (deliberativo) consentânea com suas perfeições éticas (epidíctico). O discurso, portanto, configura-se como um notável exemplo de conexão de gêneros, consoante as disposições contidas no *De Oratore* sobre a importância do uso do louvor e do vitupério em todos os tipos de assunto.

Ao fim e ao cabo, trata-se não de lisonjear o ditador, mas de persuadi-lo a extrair todas as consequências políticas de suas próprias virtudes. Com efeito, em outra obra, dedicada às partes da oratória, Cícero afirma que, em discursos do gênero deliberativo, quando o ouvinte é culto e elegante, o orador deve destacar as virtudes desse homem, “porque (ele) antepõe a dignidade a todas as demais coisas” (*quod rebus omnibus dignitatem anteponat, Part. 90*). Nesses termos, o elogio às virtudes de César, “ele próprio um homem formado e treinado na arte da oratória” (CRAIG, 2007, p. 281), é um apelo à sua honra, com a finalidade de sensibilizá-lo a perseverar na política da clemência. Por isso, como observa Narducci, *Pro Marcello* não pode ser visto como um “encômio servil”, na medida em que nesse discurso Cícero exprime sua convicção mais profunda de que as glórias militares, destinadas a desaparecer com o tempo, “contam menos que a ação pacífica de reordenação do Estado” (NARDUCCI, 2010, p. 499-500).

A edição crítica utilizada como fonte do texto latino foi a de Albert Curtis Clark, publicada pela Oxford University Press (CICERONIS, 1978).

Pro Marcello
(*Em favor de Marcelo*)

1 Diuturni silenti, patres conscripti, quo eram his temporibus usus, non timore aliquo, sed partim dolore, partim uerecundia, finem hodiernus dies attulit, idemque initium quae uellem quaeque sentirem meo pristino more dicendi. Tantam enim mansuetudinem, tam inusitatam inauditamque clementiam, tantum in summa potestate rerum omnium modum, tam denique incredibilem sapientiam ac paene diuinam tacitus praeterire nullo modo possum.

2 M. enim Marcello uobis, patres conscripti, reique publicae reddito non illius solum sed etiam meam uocem et auctoritatem uobis et rei publicae conseruatam ac restitutam puto. Dolebam enim, patres conscripti, et uehementer angebar, cum uiderem uirum talem, cum in eadem causa in qua ego fuisset, non in eadem esse fortuna, nec mihi persuadere poteram nec fas esse ducebam uersari me in nostro uetere curriculo illo aemulo atque imitatore studiorum ac laborum meorum quasi quodam socio a me et comite distracto. Ergo et mihi meae pristinae uitae consuetudinem, C. Caesar, interclusam aperuisti et his omnibus ad bene de re publica sperandum quasi signum aliquod sustulisti.

1 O dia de hoje, senadores, assinalou o fim do prolongado silêncio que mantive nos últimos anos, não por algum temor, mas em parte por sofrimento, em parte por discricção, e ao mesmo tempo a oportunidade de dizer, segundo o meu antigo costume, as coisas que eu queria e sentia. Pois de modo algum posso deixar passar calado tamanha brandura, tão rara e extraordinária clemência, tamanha moderação em alguém com o supremo poder sobre todas as coisas, enfim, tão incrível e quase divina sabedoria.

2 Com efeito, tendo retornado Marco Marcelo a vós e à república, penso, senadores, que não somente a dele, mas também a minha palavra e autoridade deva ser respeitada e restituída a vós e à república. De fato, senadores, eu sofria e me angustiava muito vendo que um homem tão importante, embora tenha militado no mesmo partido que eu, não se encontrava na mesma situação; e não podia me persuadir, nem considerava justo, que eu prosseguisse em minha bem estabelecida carreira, separado daquele concorrente e competidor, praticamente um colega e companheiro dos meus interesses e atividades. Portanto, Caio César, tu reabriste o curso interrompido da minha antiga vida, e ergueste, por assim dizer, um estandarte, sinalizando a todos nós que devemos

3 Intellectum est enim mihi quidem in multis et maxime in me ipso, sed paulo ante omnibus, cum M. Marcellum senatui reique publicae concessisti, commemoratis praesertim offensionibus, te auctoritatem huius ordinis dignitatemque rei publicae tuis uel doloribus uel suspicionibus anteferre. Ille quidem fructum omnis ante actae uitae hodierno die maximum cepit, cum summo consensu senatus tum iudicio tuo grauissimo et maximo. Ex quo profecto intellegis quanta in dato beneficio sit laus, cum in accepto sit tanta gloria.

4 Est uero fortunatus cuius ex salute non minor paene ad omnis quam ad illum uentura sit laetitia peruenerit: quod quidem merito atque optimo iure contigit. Quis enim est illo aut nobilitate aut probitate aut optimarum artium studio aut innocentia aut ullo in laudis genere praestantior? Nullius tantum flumen est ingeni, nulla dicendi aut scribendi tanta uis, tantaque copia quae non dicam exornare, sed enarrare, C. Caesar, res tuas gestas possit. Tamen hoc adfirmo et pace dicam tua, nullam in his esse laudem ampliorem quam eam quam hodierno die consecutus es.

ter boas esperanças em relação à república.

3 Realmente, observando o caso de muitos e especialmente o meu próprio, foi compreendido por mim, mas também por todos há pouco, quando devolveste Marco Marcelo ao Senado e à república, sobretudo quando recordadas as ofensas, que tu antepões a autoridade desta ordem senatorial e a dignidade da república tanto aos teus ressentimentos como às tuas desconfianças. Hoje, ele colheu o fruto máximo de toda uma vida, com o consentimento unânime do Senado e mediante teu juízo relevantíssimo e de grande autoridade. Segue-se, não há dúvida, que compreendes quão grande é o valor de um benefício concedido, na medida em que é grande a glória de quem o recebe.

4 É indubitavelmente afortunado aquele cuja salvação tenha proporcionado a todos uma alegria similar à que lhe está destinada: a qual, certamente, lhe cabe por merecimento e por direito legítimo. Quem, pois, é superior a ele, ou em nobreza, ou em probidade, ou no estudo das melhores artes, ou em integridade, ou em certo gênero de louvor? Em ninguém há tamanho transbordamento de talento, tamanho vigor para discursar e escrever, tamanha eloquência que possa, não digo adornar, mas narrar com detalhes os teus grandes feitos, Caio César. Contudo, e com tua licença, isto afirmo: nessas qualidades não há

5 Soleo saepe ante oculos ponere idque libenter crebris usurpare sermonibus, omnis nostrorum imperatorum, omnis exterarum gentium potentissimorumque populorum, omnis regum clarissimorum res gestas cum tuis nec contentionum magnitudine nec numero proeliorum nec uarietate regionum nec celeritate conficiendi nec dissimilitude bellorum posse conferri, nec uero disiunctissimas terras citius passibus cuiusquam potuisse peragrari quam tuis non dicam cursibus, sed uictoriis lustratae sunt.

6 Quae quidem ego nisi ita magna esse fatear ut ea uix cuiusquam mens aut cogitatio capere possit, amens sim; sed tamen sunt alia maiora. Nam bellicas laudes solent quidam extenuare uerbis easque detrahere ducibus, communicare cum multis, ne propriae sint imperatorum. Et certe in armis militum uirtus, locorum opportunitas, auxilia sociorum, classes, commeatus multum iuuant, maximam uero partem quasi suo iure Fortuna sibi uindicat et, quicquid est prospere gestum, id paene omne ducit suum.

glória maior do que a que alcançaste no dia de hoje.

5 Costumo muitas vezes ter ante os olhos e mencionar com prazer em minhas frequentes conversações que os grandes feitos de todos os nossos generais, de todas as nações estrangeiras, de todos os povos poderosos e de todos os reis ilustres não podem ser comparados aos teus, nem pela grandeza dos embates, nem pelo número de batalhas, nem pela variedade das regiões afetadas, nem pela rapidez do desfecho, nem pela disparidade das guerras, tampouco terras tão afastadas poderiam ter sido percorridas mais rapidamente pelos passos de alguém do que aquelas que foram purificadas, não digo pelas tuas incursões, mas pelas tuas vitórias.

6 Esses feitos, se eu não confessasse serem grandiosos, hipótese que, com muito custo, a mente ou o pensamento de alguém poderia conceber, certamente eu seria um insensato; porém, há outros maiores. Com efeito, alguns costumam diminuir as glórias militares com palavras e dissociá-las dos comandantes, dividindo-as entre muitos, de maneira que não sejam exclusivas dos generais. E certamente em questão de guerra a força dos soldados, a situação favorável dos locais, o reforço dos aliados, as frotas e as provisões ajudam muito, contudo a Fortuna reivindica para si, como direito próprio, a maior parte, e o que quer que tenha sido realizado de modo auspicioso, considera quase tudo como obra sua.

7 At uero huius gloriae, C. Caesar, quam es paulo ante adeptus socium habes neminem: totum hoc quantumcumque est, quod certe maximum est, totum est, inquam, tuum. Nihil sibi ex ista laude centurio, nihil praefectus, nihil cohors, nihil turma decerpit; quin etiam illa ipsa rerum humanarum domina, Fortuna, in istius se societatem gloriae non offert: tibi cedit, tuam esse totam et propriam fatetur. Numquam enim temeritas cum sapientia commiscetur nec ad consilium casus admittitur.

8 Domuisti gentis immanitate barbaras, multitudine innumerabilis, locis infinitas, omni copiarum genere abundantis: ea tamen uicisti quae et naturam et condicionem ut uinci possent habebant. Nulla est enim tanta uis quae non ferro et uiribus debilitari fragisque possit. Animum uincere, iracundiam cohibere, uicto temperare, aduersarium nobilitate, ingenio, uirtute praestantem non modo extollere iacentem sed etiam amplificare eius pristinam dignitatem, haec qui facit, non ego eum cum summis uiris comparo, sed simillimum deo iudico.

9 Itaque, C. Caesar, bellicae tuae laudes celebrabuntur illae quidem non solum nostris sed paene omnium gentium litteris atque linguis, neque ulla umquam aetas de tuis laudibus

7 Mas nessa glória que conquistaste há pouco, Caio César, não tens nenhum sócio: tudo isso, por grande que seja, e certamente é bem grandioso, tudo isso, repito, é teu. Dessa honra nada colhe para si o centurião, nada o comandante, nada a coorte, nada o esquadrão; nem mesmo a própria dona das coisas humanas, a Fortuna, se apresenta como associada dessa glória: concede-a a ti e confessa ser toda e só tua. Com efeito, a irreflexão nunca se mistura com a sabedoria, tampouco o acaso é admitido junto à sensatez.

8 Subjugaste povos bárbaros em crueldade, incontáveis em seu grande número, imensos em extensão territorial, abundantes em todo tipo de recursos; venceste, porém, aqueles que tinham tanto a natureza como a condição para que pudessem ser vencidos. Realmente, não há força tão grande que não possa ser enfraquecida e quebrada a ferro e pela violência. Vencer as paixões, conter a ira, poupar o vencido, não apenas erguer o adversário caído que se destaca pela nobreza, pelo gênio e pela virtude, mas também engrandecer sua antiga dignidade, quem realiza tais feitos eu não comparo com os grandes homens, mas julgo muitíssimo semelhante a um deus.

9 Por isso, Caio César, as tuas façanhas bélicas serão celebradas não somente em nossa língua e em nossa literatura, mas praticamente nas de todos os povos, e nenhuma época sobre elas se

conticescet; sed tamen eius modi res nescio quo modo, etiam cum leguntur, obstrepi clamore militum uidentur et tubarum sono. At uero cum aliquid clementer, mansuete, iuste, moderate, sapienter factum, in iracundia praesertim quae est inimica consilio, et in uictoria quae natura insolens et superba est, audimus aut legimus, quo studio incendimur, non modo in gestis rebus sed etiam in fictis ut eos saepe quos numquam uidimus diligamus!

10 Te uero quem presentem intuemur, cuius mentem sensusque et os cernimus, ut, quicquid belli fortuna reliquum rei publicae fecerit, id esse saluum uelis, quibus laudibus efferemus, quibus studiis prosequemur, qua beneuolentia complectemur? Parietes, me dius fidius, ut mihi uidetur, huius curiae tibi gratias agere gestiunt, quod breui tempore futura sit illa auctoritas in his maiorum suorum et suis sedibus. Equidem cum C. Marcelli, uiri optimi et commemorabili pietate praediti lacrimas modo uobiscum uiderem, omnium Marcellorum meum pectus memoria offudit, quibus tu etiam mortuis M. Marcello conseruato dignitatem suam reddidisti nobilissimamque familiam iam ad paucos redactam paene ab interitu uindicasti.

calará; contudo, feitos dessa categoria, quando lidos, não sei por qual razão, parecem ser suplantados pelo brado dos soldados e pelo soar das trombetas. Diversamente, quando ouvimos ou lemos que algo foi feito de modo clemente, brando, justo, moderado e com sabedoria, sobretudo no calor da ira, que é inimiga da sensatez, e na vitória, que é insolente e soberba por natureza, com que ardor nos inflamamos, não apenas em relação aos grandes feitos que realmente aconteceram, mas também no que diz respeito aos imaginários, de modo que, muitas vezes, amamos aqueles que nunca vimos!

10 Tu, porém, que vemos aqui presente, e de quem percebemos o pensamento, o sentimento e o semblante, tu que querias que ficasse a salvo tudo o que o acaso da guerra permitiu que restasse à república, com que louvores te elogiaremos? Com que devoção te seguiremos? Com que afeição te abraçaremos? Até as paredes desta Cúria, juro pelo deus Fídio, parecem-me ansiosas para demonstrar gratidão a ti, pois logo aquela autoridade estará entre seus antepassados e seus assentos. Na verdade, quando ainda há pouco, junto a vós, vi as lágrimas de Caio Marcelo, excelente varão e dotado de uma notável devoção à pátria, o meu coração foi inundado pela lembrança de todos os Marcelos, mesmo os mortos, aos quais tu, ao reintegrar Marco Marcelo, também devolveste a dignidade, e praticamente salvaste do

11 Hunc tu diem tuis maximis et innumerabilibus gratulationibus iure anteponis. Haec enim res unius est propria C. Caesaris; ceterae duce te gestae magnae illae quidem, sed tamen multo magnoque comitatu. Huius autem rei tu idem dux es et comes: quae quidem tanta est ut tropaeis et monumentis tuis adlatura finem sit aetas – nihil est enim opere et manu factum quod non conficiat et consumat uetustas –

12 at haec tua iustitia et lenitas florescet cotidie magis. Ita quantum operibus tuis diuturnitas detrahet, tantum adferet laudibus. Et ceteros quidem omnis uictores bellorum ciuilium iam antea aequitate et misericordia uiceras: hodierno uero die te ipse uicisti. Vereor ut hoc quod dicam perinde intellegi possit auditu atque ipse cogitans sentio: ipsam uictoriam uicisse uideris, cum ea quae erant adempta uictis remisisti. Nam cum ipsius uictoriae iure omnes uicti occidissemus, clementiae tuae iudicio conseruati sumus. Recte igitur unus inuictus es a quo etiam ipsius uictoriae condicio uisque deuicta est.

desaparecimento uma nobilíssima família, já reduzida a poucos membros.

11 Com razão tu antepões este dia aos relevantes e inumeráveis agradecimentos que recebeste. Realmente, a ação de hoje é exclusiva de Caio César; os outros grandes feitos foram realizados sob teu comando, mas com o auxílio de séquito numeroso e valoroso. Nessa ação, contudo, tu és ao mesmo tempo comandante e comandado: uma ação tão grandiosa que, mesmo que o tempo elimine teus troféus e monumentos – pois não há nada alcançado com trabalho e esforço que a velhice não dissipe e destrua –,

12 ainda assim tua justiça e tua benevolência florescerão cada dia mais. Desse modo, quanto mais o passar do tempo se afastar das tuas ações, maior será a glória. E é fato que tu já tinhas antes vencido a todos os vencedores de guerras civis ao se valer da equidade e da compaixão: mas, no dia de hoje, venceste a ti mesmo. Temo que o que digo, ao ser ouvido por ti, não seja compreendido do mesmo modo que eu percebo ao pensá-lo: tu pareces ter vencido a própria vitória, quando devolveste aos vencidos as honras que lhes haviam sido subtraídas. Embora todos nós, vencidos, pudéssemos ter sido mortos, por um direito decorrente da própria vitória, fomos poupados pelo discernimento da tua clemência. Portanto, pode-se dizer com segurança que és o único invicto, ao

13 Atque hoc C. Caesaris iudicium, patres conscripti, quam late pateat attendite. Omnes enim qui ad illa arma fato sumus nescio quo rei publicae misero funestoque compulsi, etsi aliqua culpa tenemur erroris humani, ab scelere certe liberati sumus. Nam cum M. Marcellum deprecantibus uobis rei publicae conseruauit, me et mihi et item rei publicae, nullo deprecante, reliquos amplissimos uiros et sibi ipsos et patriae reddidit, quorum et frequentiam et dignitatem hoc ipso in consessu uidetis, non ille hostis induxit in curiam, sed iudicauit a plerisque ignoratione potius et falso atque inani metu quam cupiditate aut crudelitate bellum esse susceptum.

14 Quo quidem in bello semper de pace audiendum putauit semperque doluit non modo pacem sed etiam orationem ciuium pacem flagitantium repudiari. Neque enim ego illa nec ulla umquam secutus sum arma ciuilia semperque mea consilia pacis et togae socia, non belli atque armorum fuerunt. Hominem sum secutus priuato officio, non publico, tantumque apud me grati animi fidelis memoria ualuit ut nulla non modo cupiditate sed ne spe quidem prudens et sciens tamquam ad interitum ruerem uoluntarium.

qual até mesmo a situação e o valor da própria vitória estão vinculados.

13 E estai atentos, senadores, o quão amplamente se estende essa decisão de Caio César. Com efeito, todos nós que fomos lançados àquelas armas, não sei por que destino miserável e contrário à república, ainda que tenhamos alguma responsabilidade derivada de erro humano, certamente estamos isentos de crime. Pois quando ele, atendendo aos vossos pedidos, reconduziu Marco Marcelo à república, quando, sem que ninguém pedisse, restituiu-me a mim mesmo e igualmente à república, e ainda outros homens valiosíssimos a si mesmos e à pátria, muitos dos quais podeis ver em pessoa e dignidade aqui nesta mesma reunião, ele não introduziu seus inimigos na Cúria, mas julgou que a guerra foi empreendida pela maioria antes por ignorância e por medo descabido e vão do que por ganância ou crueldade.

14 Sempre pensei que, durante a guerra, devia-se ouvir quem falava sobre a paz, de modo que não me afligiu somente o fato de a paz ser repudiada, mas também que o foi o discurso dos cidadãos que pediam a paz. Eu, com efeito, não busquei aquela ou qualquer outra guerra civil, pois meus planos sempre foram aliados da paz e da vida harmoniosa, e não da guerra e dos combates. Segui aquele homem não por obrigação política, mas por um senso pessoal de dever, e era tão viva em mim a lembrança afetuosa da gratidão que,

15 Quod quidem meum consilium minime obscurum fuit. Nam et in hoc ordine integra re multa de pace dixi et in ipso bello eadem etiam cum capitis mei periculo sensi. Ex quo nemo erit tam iniustus rerum existimator qui dubitet quae Caesaris de bello uoluntas fuerit, cum pacis auctores conseruandos statim censuerit, ceteris fuerit iratior. Atque id minus mirum fortasse tum cum esset incertus exitus et anceps fortuna belli: qui uero uictor pacis auctores diligit, is profecto declarat maluisse se non dimicare quam uincere.

16 Atque huius quidem rei M. Marcello sum testis. Nostri enim sensus ut in pace semper, sic tum etiam in bello congruebant. Quotiens ego eum et quanto cum dolore uidi, cum insolentiam certorum hominum tum etiam ipsius uictoriae ferocitatem extimescentem! Quo gratior tua liberalitas, C. Caesar, nobis, qui illa uidimus debet esse. Non enim iam causae sunt inter se, sed uictoriae comparandae.

não por ambição, tampouco por esperança, eu me precipitei, com discernimento e consciência, a uma ruína voluntária.

15 Esse meu intento, na verdade, não permaneceu de forma alguma encoberto. Pois, nesta assembleia, quando a situação estava estável, eu disse muitas coisas sobre a paz, e durante a guerra manifestei também a mesma opinião, correndo risco de morte. Disso decorre que ninguém será um juiz tão injusto dos fatos para pôr em dúvida qual foi a vontade de César durante a guerra, quando determinou que os defensores da paz deveriam ser postos a salvo imediatamente, e em relação aos outros tenha se encolerizado mais. E isso, talvez, não era tão admirável na medida em que, naquele tempo, o resultado da guerra era incerto e o seu bom êxito duvidoso: mas aquele que, sendo vencedor, estima os defensores da paz, sem dúvida é o mesmo que declara que teria preferido não lutar a vencer.

16 E certamente desse fato sou testemunha de Marco Marcelo, visto que nossos sentimentos sempre coincidiam, não somente na paz como também na guerra. Quantas vezes e com quanta dor eu mesmo o vi, temendo a insolência de certos homens e também a ferocidade da própria vitória! Por isso, Caio César, quão mais gratificante deve ser para nós, que a vimos, a tua generosidade. Com efeito, agora já não devem ser

17 Vidimus tuam uictoriam proeliorum exitu terminatam: gladium uagina uacuum in urbe non uidimus. Quos amisimus ciuis, eos uis Martis perculit, non ira uictoriae, ut dubitare debeat nemo quin multos, si posset, C. Caesar ab inferis excitaret, quoniam ex eadem acie conseruat quos potest. Alterius uero partis nihil amplius dico quam id quod omnes uerebamur, nimis iracundam futuram fuisse uictoriam.

18 Quidam enim non modo armatis sed interdum etiam otiosis minabantur, nec quid quisque sensisset, sed ubi fuisset cogitandum esse dicebant; ut mihi quidem uideantur di immortales, etiam si poenas a populo Romano ob aliquod delictum expetiuerunt, qui ciuile bellum tantum et tam luctuosum excitauerunt, uel placati iam uel satiati aliquando omnem spem salutis ad clementiam uictoris et sapientiam contulisse.

19 Qua re gaude tuo isto tam excellenti bono et fruere cum fortuna et gloria tum etiam natura et moribus tuis; ex quo quidem maximus est fructus iucunditasque sapienti. Cetera cum tua recordabere, etsi persaepe uirtuti, tamen plerumque felicitati tuae gratulabere: de nobis quos in re publica tecum simul esse uoluisti quotiens cogitabis, totiens de maximis

comparadas as causas políticas, mas as vitórias.

17 Vimos a tua vitória encerrada com o êxito dos combates; não vimos na cidade espada fora da bainha. Os concidadãos que perdemos, abateu-os a violência de Marte, não a ira da vitória, de modo que ninguém deva duvidar que, se pudesse, Caio César resgataria muitos da morte, visto que do mesmo exército salva os que pode. Em relação ao partido adversário, porém, eu não diria nada além do que todos temíamos: que a sua vitória viesse acompanhada de ira excessiva.

18 Com efeito, alguns ameaçavam não somente os armados, mas às vezes também os que mantinham posição de neutralidade, e diziam que deveria ser considerado não o que cada um tinha pensado, mas onde tinha estado; de modo que, pelo que me parece, os deuses imortais, mesmo se exigiram expiações do povo romano por algum delito, suscitaram uma guerra civil tão grande e tão dolorosa que, talvez por já estarem aplacados ou saciados, finalmente confiaram toda a esperança de salvação à clemência e à sabedoria do vencedor.

19 Por isso, alegre-te com essa tua virtude tão excelente, e desfruta não só de tua sorte e glória, mas também de teu caráter e teus costumes, dos quais, decerto, são muito grandes o proveito e a alegria para o sábio. Quando recordares os teus outros grandes feitos, mesmo que com frequência te alegres com a tua coragem, ainda assim te alegrarás

tuis beneficiis, totiens de incredibili liberalitate, totiens de singulari sapientia cogitabis: quae non modo summa bona sed nimirum audebo uel sola dicere. Tantus est enim splendor in laude uera, tanta in magnitudine animi et consili dignitas ut haec a uirtute donata, cetera a fortuna commodata esse uideantur.

20 Noli igitur in conseruandis uiris bonis defetigari, non cupiditate praesertim aliqua aut prauitate lapsis, sed opinione officii stulta fortasse, certe non improba, et specie quadam rei publicae. Non enim tua ulla culpa est, si te aliqui timuerunt, contraque summa laus, quod minime timendum fuisse senserunt.

21 Nunc uenio ad grauissimam querelam et atrocissimam suspicionem tuam, quae non tibi ipsi magis quam cum omnibus ciuibus, tum maxime nobis qui a te conseruati sumus prouidenda est: quam etsi spero falsam esse, numquam tamen extenuabo, tua enim cautio nostra cautio est. Quod si in alterutro peccandum sit, malim uideri nimis timidus quam parum prudens. Sed quisnam est iste tam demens? de tuisne? – tametsi qui magis sunt tui quam quibus tu salutem insperantibus reddidisti? – ane ex eo

mais com a tua boa sorte: sobre nós, que desejaste contigo na república, quantas vezes pensarás e meditarás sobre os maiores favores que concedeste, sobre a tua incrível generosidade e sobre a tua especial sabedoria: que não são apenas os maiores bens, mas, sem dúvida, ousarei dizer, os únicos. Há tanto esplendor na glória verdadeira, tanta dignidade na grandeza da alma e na sensatez, que essas qualidades parecem ser dadas pela virtude, e as demais emprestadas pela Fortuna.

20 Portanto, não te canses de salvar os homens de bem que erraram, não por alguma ambição ou maldade, mas talvez por uma opinião tola sobre o dever, seguramente não perversa, e por certa aparência de interesse público. De fato, não é tua culpa se alguns te temeram, ou, em sentido contrário, um grande elogio que tenham percebido que não devias ser temido de modo algum.

21 Chego agora à tua seríssima queixa e à tua terribilíssima suspeita, que devem ser levadas a sério não só por ti, mas também por todos os cidadãos e especialmente por nós, que fomos preservados por tua ação: suspeita que, ainda que eu espere que seja falsa, nunca desprezarei, visto que a tua garantia é a nossa garantia. Porque, caso se deva errar em um ou outro sentido, eu preferiria parecer excessivamente receoso a pouco prudente. Mas quem é tão insensato assim? Porventura os teus? – se bem que, quem é mais teu aliado do que

numero qui una tecum fuerunt? Non est credibilis tantus in ullo furor ut quo duce omnia summa sit adeptus, huius uitam non anteponat suae. An si nihil tui cogitant sceleris, cauendum est ne quid inimici? Qui? omnes enim qui fuerunt aut sua pertinacia uitam amiserunt aut tua misericordia retinuerunt, ut aut nulli supersint de inimicis aut qui fuerunt sint amicissimi.

22 Sed tamen cum in animis hominum tantae latebrae sint et tanti recessus, augeamus sane suspicionem tuam: simul enim augebimus diligentiam. Nam quis est omnium tam ignarus rerum, tam rudis in re publica, tam nihil umquam nec de sua nec de communi salute cogitans, qui non intellegat tua salute contineri suam et ex unius tua uita pendere omnium? Equidem de te dies noctesque, ut debeo, cogitans casus dumtaxat humanos et incertos euentus ualetudinis et naturae communis fragilitatem extimesco, doleoque, cum res publica immortalis esse debeat, eam in unius mortalis anima consistere.

23 Si uero ad humanos casus incertosque motus ualetudinis sceleris

aqueles a quem, sem que esperassem, concedeste a salvação? – acaso alguém daquele grupo que esteve unido a ti? Não é crível que em alguém haja tamanha loucura que não anteponha a vida do general com o qual conquistou todas as coisas mais importantes à sua própria. Se os teus não planejam nenhum crime, é preciso se preocupar que os inimigos tramem algo? Mas quais inimigos? Com efeito, todos os que foram inimigos perderam a vida por obstinação ou a mantiveram graças à tua compaixão, de modo que, dos inimigos, nenhum sobreviveu, e os que sobreviveram se tornaram grandes amigos.

22 Mas, como há nas almas dos homens tantos esconderijos e tantos recônditos, aumentemos razoavelmente a tua suspeita: assim, ao mesmo tempo, aumentaremos a tua precaução. De fato, quem é tão ignorante de todas as coisas e tão rude nas questões públicas que não pense nem na própria salvação, nem na coletiva, que não compreenda que a própria salvação está contida na tua, e que da vida de um só, da tua vida, depende a de todos? Na verdade, pensando em ti dia e noite, como é meu dever, temo somente os infortúnios humanos, os revezes incertos da saúde e a fragilidade de nossa natureza comum, e me aflige, visto que a república deva ser imortal, que ela se apoie sobre a vida de um só mortal.

23 Mas ainda que se acrescente aos infortúnios humanos e às oscilações

etiam accedit insidiarumque consensio, quem deus, si cupiat, posse opitulari rei publicae credimus? Omnia sunt excitanda tibi, C. Caesar, uni quae iacere sentis belli ipsius impetu, quod necesse fuit, perculsa atque prostata: constituenda iudicia, reuocanda fides, comprimendae libidines, propaganda suboles, omnia quae dilapsa iam diffluxuerunt seueris legibus uincienda sunt.

24 Non fuit recusandum in tanto ciuili bello, tanto animorum ardore et armorum quin quassata res publica, quicumque belli euentus fuisset, multa perderet et ornamenta dignitatis et praesidia stabilitatis suae, multaue uterque dux faceret armatus quae idem togatus fieri prohibuisset. Quae quidem tibi nunc omnia belli uolnera sananda sunt, quibus praeter te mederi nemo potest.

25 Itaque illam tuam praeclarissimam et sapientissimam uocem inuitus audiui: ‘Satis diu uel naturae uixi uel gloriae.’ Satis, si ita uis, fortasse naturae, addam etiam, si placet, gloriae: at, quod maximum est, patriae certe parum. Qua re omitte, quaeso, istam doctorum hominum in contemnenda morte prudentiam: noli nostro periculo esse sapiens. Saepe enim uenit ad meas aures te idem istud

incertas da saúde um conluio de crime e de insídias, que deus, mesmo que queira, confiamos que possa socorrer a república? Somente por ti, Caio César, devem ser reavivadas todas as coisas que percebes estarem arruinadas, abatidas e lançadas ao chão pelo impulso necessário da própria guerra: devem ser constituídos tribunais, renovada a lealdade, reprimidas as ambições indevidas, multiplicadas as descendências; todas as coisas que, espalhadas, já se dispersaram, devem ser restabelecidas por leis rigorosas.

24 Não se pode reclamar, em uma guerra civil de tão grandes proporções, com tanto ardor de ânimos e de armas, que a república abalada, qualquer que fosse o resultado da guerra, perdesse muitos aparatos de honra e os arrimos de sua estabilidade, e que os dois comandantes, armados, fizessem muitas coisas que, como civis, teriam proibido. Todas essas feridas de guerra, as quais ninguém, exceto tu, pode mensurar, devem agora ser por ti curadas.

25 Por isso, ouvi contrariado aquela celebérrima e sapientíssima frase tua: “Vivi por bastante tempo, tanto para a natureza, como para a glória”. Bastante, se assim queres, talvez para a natureza e, se te agrada, acrescentarei ainda, para a glória: mas, o que é mais relevante, certamente pouco para a pátria. Razão pela qual, peço-te, deixa de lado essa ideia dos homens eruditos de que a morte deve

nimis crebro dicere, satis te tibi uixisse. Credo, sed tum id audirem, si tibi soli uiueres aut si tibi etiam soli natus esses. Omnium salutem ciuium cunctamque rem publicam res tuae gestae complexae sunt; tantum abes a perfectione maximorum operum ut fundamenta nondum quae cogitas ieceris. Hic tu modum uitae tuae non salute rei publicae, sed aequitate animi definies? Quid, si istud ne gloriae quidem satis est? cuius te esse auidissimum, quamuis sis sapiens, non negabis.

ser desprezada: não queiras ser sábio à nossa custa. Muitas vezes, de fato, chegou aos meus ouvidos aquilo que também dizes com excessiva frequência, teres vivido bastante para ti. Eu acredito, mas aceitaria isso apenas se vivesses unicamente para ti mesmo, ou se tivesses nascido unicamente para ti mesmo. Teus grandes feitos abarcaram a salvação de todos os cidadãos e a totalidade da república; estás tão longe de ter terminado as tuas maiores obras que ainda não firmaste os fundamentos que planejas estabelecer. Neste momento, tu definirás a extensão da tua vida considerando não a salvação da república, mas a tranquilidade de espírito? Como, se isso não é suficiente sequer para a glória? Da qual tu, ainda que sejas sábio, não negarás ser avidíssimo.

76

26 Parumne, inquires, magna relinquemus? Immo uero aliis quamuis multis satis, tibi uni parum. Quicquid est enim, quamuis amplum sit, id est parum tum cum est aliquid amplius. Quod si rerum tuarum immortalium, C. Caesar, hic exitus futurus fuit ut deuictis aduersariis rem publicam in eo statu relinqueres in quo nunc est, uide, quaeso, ne tua diuina uirtus admirationis plus sit habitura quam gloriae; si quidem gloria est inlustri et peruagata magnorum uel in suos ciuis uel in patriam uel in omne genus hominum fama meritorum.

26 É pouco, tu dirás, que deixemos no mundo grandes feitos? Pelo contrário, para outros, ainda que sejam muitos, é suficiente, mas para ti, sozinho, é pouco. Na verdade, qualquer que seja o feito, ainda que grande, é pouco quando há algo ainda maior. Se o êxito de teus feitos imortais, Caio César, for tal que, vencidos os adversários, deixes a república na situação na qual agora se encontra, toma cuidado, te peço, para que a tua divina virtude não angarie mais admiração do que glória; se realmente a glória é a fama ilustre e difundida dos relevantes serviços prestados aos seus concidadãos, à pátria ou à espécie humana.

27 Haec igitur tibi reliqua pars; hic restat actus, in hoc elaborandum est ut rem publicam constituas, eaque tu in primis summa tranquillitate et otio perfruare: tum te, si uoles, cum et patriae quod debes solueris et naturam ipsam expleueris satietate uiuendi, satis diu uixisse dicito. Quid enim est omnino hoc ipsum diu in quo est aliquid extremum? Quod cum uenit, omnis uoluptas praeterita pro nihilo est, quia postea nulla est futura. Quamquam iste tuus animus numquam his angustiis quas natura nobis ad uiuendum dedit contentus fuit, semper immortalitatis amore flagrauit.

28 Nec uero haec tua uita ducenda est quae corpore et spiritu continetur: illa, inquam, illa uita est tua quae uigebit memoria saeculorum omnium, quam posteritas alet, quam ipsa aeternitas semper tuebitur. Huic tu inseruias, huic te ostentes oportet, quae quidem quae miretur iam pridem multa habet; nunc etiam quae laudet exspectat. Obstupescent posteri certe imperia, prouincias, Rhenum, Oceanum, Nilum, pugnas innumerabilis, incredibilis uictorias, monumenta, munera, triumphos audientes et legentes tuos.

27 Esta, portanto, é a parte que te cabe; resta um ato no qual deves concentrar todos os esforços: restabeleças a república e, entre os primeiros, a fruas com grande tranquilidade e paz; então, se quiseres, quando tiveres pagado à pátria o que deves e tiveres satisfeito a própria natureza com a abundância do viver, poderás dizer que viveste tempo longo o suficiente. Pois o que significa esta palavra "longo" na qual há algo de final? Fim esse que, quando chega, faz com que todo prazer pretérito nada valha, porquanto depois não haverá mais nenhum. Se bem que o teu espírito nunca se contentou com aquele pouco tempo que a natureza nos deu para viver e sempre se abrasou pelo desejo de imortalidade.

28 No entanto, essa tua vida, que é composta de corpo e de espírito, não deve ser considerada: aquela, afirmo, aquela vida é verdadeiramente tua, é a que vigerá na lembrança de todas as épocas, que a posteridade alimentará, que a própria eternidade sempre protegerá. É preciso que sirvas a ela, que a ela te apresentes, a qual certamente há bastante tempo reúne grandes feitos para ser admirada; agora espera também um ato que a glorifique. Certamente as gerações vindouras se maravilharão ouvindo ou lendo sobre os teus impérios, províncias, Reno, Oceano, Nilo, inumeráveis batalhas, incríveis vitórias, monumentos, espetáculos públicos e triunfos.

29 Sed nisi haec urbs stabilita tuis consiliis et institutis erit, uagabitur modo tuum nomen longe atque late, sedem stabilem et domicilium certum non habebit. Erit inter eos etiam qui nascentur, sicut inter nos fuit, magna dissensio, cum alii laudibus ad caelum res tuas gestas efferent, alii fortasse aliquid requirent, idque uel maximum, nisi belli ciuilis incendium salute patriae restinxeris, ut illud fati fuisse uideatur, hoc consili. Serui igitur eis iudicibus qui multis post saeculis de te iudicabunt et quidem haud scio an incorruptius quam nos; nam et sine amore et sine cupiditate et rursus sine odio et sine inuidia iudicabunt.

29 Mas, a menos que esta cidade seja estabilizada pelos teus planos e decisões, teu nome vagueará muito longe e amplamente, e não terá sede estável e domicílio certo. Haverá entre aqueles que ainda nascerão, como houve entre nós, uma grande divergência, quando alguns elevarão até o céu os teus grandes feitos com louvores, e outros talvez exigirão algo mais, e este algo é de suma importância: que apagues o incêndio da guerra civil com a salvação da pátria, de modo que pareça que aquele aconteceu pelo destino e esta pela tua sensatez. Sujeita-te, então, àqueles juízes que muitos séculos mais tarde te julgarão, e sinceramente não sei se com mais imparcialidade do que nós; pois julgarão sem amor e sem paixão, mas, por outro lado, sem ódio e sem rancor.

30 Id autem etiam si tum ad te, ut quidam falso putant, non pertinebit, nunc certe pertinet esse te talem ut tuas laudes obscuratura nulla umquam sit obliuio. Diuersae uoluntates ciuium fuerunt distractaeque sententiae. Non enim consiliis solum et studiis sed armis et castris dissidebamus. Erat obscuritas quaedam, erat certamen inter clarissimos duces; multi dubitabant quid optimum esset, multi quid sibi expediret, multi quid deceret, non nulli etiam quid liceret.

30 Ainda que isso não importe para ti, como muitos pensam erroneamente, agora certamente importa que sejas tão preeminente que nenhum esquecimento venha obscurecer as tuas glórias. Opostas eram as vontades dos cidadãos e divergentes as suas opiniões. Dissentimos não somente com planos e tomadas de decisão, mas também com armas e acampamentos. Havia alguma incerteza, havia disputa entre os comandantes mais ilustres; muitos discordavam sobre o que seria melhor fazer, muitos sobre o que conviria a cada qual, muitos sobre o que seria útil, e alguns, ainda, sobre o que fosse lícito.

31 Perfuncta res publica est hoc misero fatalique bello: uicit is qui non fortuna inflammaret odium suum, sed bonitate leniret; neque omnis quibus iratus esset eosdem etiam exsilio aut morte dignos iudicaret. Arma ab aliis posita, ab aliis erepta sunt. Ingratus est iniustusque ciuis qui armorum periculo liberatus animum tamen retinet armatum, ut etiam ille melior sit qui in acie cecidit, qui in causa animam profudit. Quae enim pertinacia quibusdam, eadem aliis constantia uideri potest.

32 Sed iam omnis fracta dissensio est armis, extincta aequitate uictoris: restat ut omnes unum uelint qui habent aliquid non sapientiae modo sed etiam sanitatis. Nisi te, C. Caesar, saluo et in ista sententia qua cum antea tum hodie maxime usus es manente salui esse non possumus. Qua re omnes te qui haec salua esse uolumus et hortamus et obsecramus ut uitae, ut saluti tuae consulas, omnesque tibi, ut pro aliis etiam loquar quod de me ipso sentio, quoniam subesse aliquid putas quod cauendum sit, non modo excubias et custodias sed etiam laterum nostrorum oppositus et corporum pollicemur.

31 A república livrou-se daquela guerra miserável e fatal: venceu aquele que não inflamou o próprio ódio valendo-se da situação infeliz, mas o aliviou pela bondade; aquele que também não julgou dignos de exílio ou de morte todos os comandantes com os quais estava irado. As armas foram depostas por uns e tomadas de outros. É ingrato e injusto o cidadão que, livre do perigo das armas, mantém, todavia, o espírito armado, de modo que é até melhor aquele que caiu em batalha, que desperdiçou a vida na causa. De fato, o que para alguns pode parecer obstinação, para outros é firmeza de caráter.

32 Mas agora toda divergência está enfraquecida pelas armas e aplacada pela equidade do vencedor. Resta que todos aqueles que têm um pouco não só de sabedoria, mas também de bom senso, queiram uma só coisa. A menos que tu, Caio César, estejas a salvo, e permaneças nessa resolução que antes adotaste e hoje, sobretudo, confirmaste, não estaremos salvos. Por isso, todos nós, que queremos que a república seja salva por ti, exortamos e imploramos que cuides de tua vida e segurança, e todos, falo pelos outros o que percebo também em relação a mim mesmo, já que pensas que existe algo oculto do qual devas ser protegido, te prometemos não somente sentinelas e guardas, mas também a barreira dos nossos flancos e corpos.

33 Sed ut, unde est orsa, in eodem terminetur oratio, maximas tibi omnes gratias agimus, C. Caesar, maiores etiam habemus. Nam omnes idem sentiunt, quod ex omnium precibus et lacrimis sentire potuisti. Sed quia non est omnibus stantibus necesse dicere, a me certe dici uolunt, cui necesse est quodam modo, et quod fieri decet M. Marcello a te huic ordini populoque Romano et rei publicae reddito, fieri id intellego. Nam laetari omnis non ut de unius solum sed ut de omnium salute sentio.

34 Quod autem summae beneuolentiae est, quae mea erga illum omnibus nota semper fuit, ut uix C. Marcello, optimo e amantissimo fratri, praeter eum quidem cederem nemini, cum id sollicitudine, cura, labore tam diu praestiterem quam diu est de illius salute dubitatum, certe hoc tempore magnis curis, molestiis, doloribus liberatus praestare debeo. Itaque, C. Caesar, sic tibi gratias ago ut me omnibus rebus a te non conseruato solum sed etiam ornato, tamen ad tua in me unum innumerabilia merita, quod fieri iam posse non arbitrabar, magnus hoc tuo facto cumulus accesserit.

33 Mas, para que este discurso termine no mesmo ponto de onde se originou, todos prestamos a ti os maiores agradecimentos, Caio César, e os temos ainda maiores em nosso espírito. De fato, todos compartilham o mesmo sentimento, como pudeste perceber pelas súplicas e lágrimas de todos. Mas, como não é necessário que todos os que estão presentes falem, eles sem dúvida querem que algo seja dito por mim, a quem, de certo modo, é imperioso; e o que era preciso fazer, tendo retornado Marco Marcelo por tuas mãos a esta ordem senatorial, ao povo romano e à república, compreendo que foi feito. Pois sinto que se alegram não por um só, mas pela salvação de todos.

34 Porém, visto que tenho a maior afeição por ele (que sempre foi conhecida por todos, e que só poderia ser maior em relação ao seu querido irmão Caio Marcelo e, além dele, a mais ninguém), a mesma que eu demonstrei pelo longo tempo em que foi duvidosa sua salvação, por meio de minha solicitude, preocupação e empenho, certamente devo continuar a fazê-lo agora quando estou livre de preocupações, aflições e amarguras. E assim, Caio César, te agradeço, porque diante de tudo o que aconteceu fui não apenas poupado por ti, mas também honrado, de modo que aos teus inumeráveis favores em relação a mim, acrescentar-se-á, o que eu já não pensava que podia acontecer, um considerável adicional com essa tua ação.

REFERÊNCIAS

BARILLI, Renato. **La Retorica**. Storia e teoria. L'arte della persuasione da Aristotele ai giorni nostri. Bologna: Fausto Lupetti, 2014.

BRAUND, Susanna Morton. Praise and Protreptic in Early Imperial Panegyric: Cicero, Seneca, Pliny. In: REES, Roger (org.). **Latin Panegyric**. New York: Oxford University Press, 2012. p. 85-108.

CARRILHO, Manuel Maria. Les racines de la Rhétorique: l'Antiquité grecque et romaine. In: MEYER, Michel (org.). **Histoire de la Rhétorique**. Des Grecs à nos jours. Paris: Librairie Générale Française, 1999. p. 17-82.

CICERONIS, M. TVLLI. **Orationes**. Pro Milone. Pro Marcello. Pro Ligario. Pro Rege Deiotaro. Philippicae I-XIV. Recognovit Brevique Adnotatione Critica Instrvxit Albertvs Cvrtils Clark. 2ª ed. 12ª impr. Oxford: Oxford University Press, 1978.

CRAIG, Christopher P. Cicero as Orator. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (org.). **A Companion to Roman Rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 264-384.

GOTOFF, Harold C. Cicero's Caesarian Orations. In: MAY, James M. (org.). **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden, Boston, Köln: Brill, 2002. p. 219-271.

NARDUCCI, Emanuele. **Cicerone**. La parola e la politica. Roma-Bari: Laterza, 2010.

PERNOT, Laurent. **La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain**. Tome I: Histoire et technique. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1993.

Data de envio: 05/02/2023

Data de aprovação: 29/06/2023

Data de publicação: 14/07/2023

Dois cantos de mulheres ao toque do *teponaztli* dos *Cantares mexicanos*

Sara Lelis de Oliveira
pós-doutoranda/ FES Acatlán, Universidad Nacional Autónoma de México
saralelis@gmail.com

RESUMO: Tradução inédita do náuatle clássico para o português brasileiro de dois *cihuacuicatl* ou cantos de mulheres ao toque do *teponaztli* que integram os *Cantares mexicanos*, manuscrito novo-hispano conservado na Biblioteca Nacional do México. Os cantos estão dispostos nas folhas 42 verso-43 frente e 72 frente-73 verso, e em tradução intitulam-se “Canto de mulheres sobre a ressurreição de Nosso Senhor” e “Canto de mulheres Chalca”, respectivamente. O primeiro canto se trata de uma composição colonial, datada de 1536, e seu teor é sumamente católico. O segundo, sem datação, constitui uma criação pré-hispânica compilada na colônia (s. XVI), cujo conteúdo se refere a sucessos históricos de 1473 e 1479 expressados sob a forma de metáfora erótica.

Palavras-chave: *Cantares mexicanos*; *cihuacuicatl*; náuatle clássico; português; tradução.

Two women’s chants to the sound of *teponaztli* of *Cantares mexicanos*

ABSTRACT: This is an unpublished translation from Classical Nahuatl into Brazilian Portuguese of two *cihuacuicatl* or chants of women, both accompanied by the *teponaztli*. They are part of the *Cantares mexicanos*, a New Hispanic manuscript preserved at the National Library of Mexico. The chants are found on folios 42v to 43r and 72r to 73v. Their title’s translation are “*Canto de mulheres sobre a ressurreição de Nosso Senhor*” and “*Canto de mulheres Chalca*”, respectively. The first chant is a colonial composition, dated 1536, and its content is extremely Catholic. The second, undated, constitutes a pre-Hispanic creation compiled in the colony (c. XVI), whose content refers to historical events of 1473 and 1479 expressed in the form of an erotic metaphor.

Keywords: *Cantares mexicanos*; *cihuacuicatl*; Classical Nahuatl; Brazilian Portuguese; translation.

Introdução¹

O *Cantares mexicanos*, mais conhecido como *Cantares*, é um manuscrito novo-hispano conservado no Fundo Reservado da Biblioteca Nacional do México², que resguarda 92 cantos em náuatle clássico³. Trata-se de uma obra musical que integra o acervo de documentos confeccionados na Nova Espanha com o propósito de catequização de povos Nahuatl e outros aborígenes falantes dessa *língua franca* originária. Neste caso em específico, resulta da estratégia de conversão ao Deus cristão e introdução de valores ocidentais por meio da música.

Os principais missionários que se dedicaram à conquista musical⁴ foram Pedro de Gante (ca. 1469 – 1572) e Bernardino de Sahagún (ca. 1499 – 1590), mas não existem quaisquer indícios quanto ao encargo de supervisão do cancionero. Nossa hipótese é a de que ambos participaram de sua elaboração ao lado de seus alunos, jovens indígenas aculturados que inquiriram os mais velhos sobre suas tradições orais, sendo necessária uma investigação mais acurada para defender a (re)escrita dos cantos ou conjunto de cantos sob o controle do primeiro ou segundo frade.

Em suma, o *Cantares* constitui um fascículo bastante heterogêneo: *grosso modo*, compreende cantos pré-hispânicos provenientes de diversas regiões do centro do México, os quais ao serem compilados sofreram a substituição do panteão Nahuatl pelo católico e outros apagamentos segundo a doutrina da religião católica⁵; e cantos coloniais, compostos a partir da própria cultura local com a incorporação das entidades cristãs-católicas e das tradições bíblicas⁶.

Nesta ocasião, apresentamos a tradução inédita para o português brasileiro de dois cantos de mulheres ou *cihuacuicatl* ao toque do *teponaztli*, idiofone mesoamericano⁷ sempre presente nos rituais Nahuatl ao lado do membranofone *huehuetl*, ambos instrumentos pré-hispânicos que foram aproveitados no processo de catequização musical. Eles constituem, portanto, dois *teponazcuicatl*, classificação que se define pela presença e a variada combinação das onomatopeias “ti”, “qui”, “to”, “co”, “tin”, “ton” e “con” ao longo do canto, sonoridade concernente ao *teponaztli* que merece sua devida

¹ O presente trabalho foi realizado graças ao apoio financeiro do Programa de Becas Posdoctorales da Universidad Nacional Autónoma de México (POSDOC) e à colaboração de Pilar Máñez, nossa supervisora.

² Primeiro opúsculo do volume MS 1628 *bis*, composto por outros doze manuscritos coloniais.

³ Também chamado náuatle colonial, colonizado ou cristianizado, pois sofreu todas as alterações possíveis no âmbito da concepção catequética de que todas as línguas originárias eram “idolátricas” em si mesmas. É a “língua dos manuscritos”, conforme definiu o padre Ángel María Garibay (2013, p. 315).

⁴ Expressão de Lourdes Turrent (1993).

⁵ Há exceções, conforme veremos no “Chalcacihuacuicatl” que se apresenta.

⁶ Essa é uma classificação generalizada do cancionero, que também pode ser categorizado segundo os gêneros literários ou musicais dos cantos.

⁷ Em maya, “tunkul”; em purépecha, “curingua”.

reconstrução após sua perda e empobrecimento com o traslado dos cantos para as letras latinas⁸.

Os *cihuacuicatl* em questão estão dispostos nas folhas 42 verso-43 frente e 72 frente-73 verso dos *Cantares*, e em tradução intitulam-se “Canto de mulheres sobre a ressurreição de Nosso Senhor” e “Canto de mulheres Chalca”, respectivamente. O primeiro canto se trata de uma composição colonial, datada de 1536, e seu teor é sumamente católico. O segundo, sem datação, constitui uma criação pré-hispânica compilada na colônia (s. XVI) cujo conteúdo se refere a sucessos históricos de 1473 e 1479 expressados sob a forma de metáfora erótica.

Esperamos, com esta tradução, dar seguimento à difusão em língua brasileira dessa fonte historiográfica que é, ademais, uma obra musical, poética e filosófica de povos Nahua. Para além disso, a versão que divulgamos aqui poderá propiciar pesquisas interessantes sobre a participação de mulheres nos *cihuacuicatl* tanto pré-hispânicos como coloniais, os quais apesar da denominação não necessariamente incluíram agentes femininos em sua performance.

De acordo com Bernardino de Sahagún em sua *Historia general de las cosas de la Nueva España* (SAHAGÚN, 1989), eram homens e mulheres os que cantavam e dançavam, todos juntos, em alguns rituais religiosos: “*El segundo día de este mes comenzaban todos a hacer areito, y a cantar los cantares de Huitzilopochtli en el patio de su cu. Bailaban hombres y mujeres todos juntos*” (SAHAGÚN, 1989, p. 95). Em contrapartida, de acordo com o missionário dominicano Diego Durán (1537 – 1588) em sua *Historia de las Indias de Nueva España e Islas de Tierra Firme* (DURÁN, 1995), em alguns *cuecuechcuicatl* ou “cantos desavergonhados” eram homens vestidos de mulher os que levavam a cabo o evento, embora ele afirme que esses cantos também eram uma dança de mulheres “desonestas”: “*Llamábanle cuecuechcuicatl [...]. En algunos pueblos le he visto bailar lo cual permiten los religiosos por recrearse. Ello no es muy acertado, por ser tan deshonesto. En el cual se introducen indios vestidos como mujeres*” (DURÁN, 1995, p. 199).

Frente a esses breves relatos sobre dois rituais pré-hispânicos Nahua, a tradução de dois cantos de mulheres dos *Cantares* vem a constituir uma fonte (quase) direta de interpretação para o conhecimento dessa especificidade sobre a cultura e a sociedade desses povos de língua náuatle. Desse modo, colocamos à disposição de investigadores e investigadoras brasileiros a possibilidade de tecer questionamentos, hipóteses e considerações acerca do assunto e concretamente dos *cihuacuicatl*, inclusive ultrapassando e problematizando a descrição dos frades espanhóis.

⁸ Este é um trabalho ao qual nos dedicamos desde 2021. A recriação da música de ambos os cantos não foi incluída nesta tradução por formar parte de outra obra nossa ainda em andamento.

1. Texto em náuatle⁹

[42v] Cihuacuicatl itechpa inezcalilitzin totēcuiyo¹⁰

Quitlali don¹¹ Baltasar Toquezcuauihyo Colhuacan tlatohuani quitlauhti i nican Azcapotzalco Tepanecapa[n] tlatohuani¹² don¹³ Diego de León Tocnotlatemol ipan xihuitl 1536 años.

Ticoticotico tico tocotico tocotico tocotico tocoticon.

Ic ompohualli ye an chicueytica nezahualo tlatemachilo ye ontlaocoyalotoc nentlamachotoc ye ixquich anmotlachihualhuan ye cemanahuac o ohuiya.

Cuelcan¹⁴ cuelcan tihuian annicutzitzinhuan ichpopotzitzinti[n] ma ticyaittati in omonomaizcali oyamoquetz ye oyayol Jesuchristo ohuiya.

Maquizcoyolcahuantihuitz in mocuicatzin in totēcuyo¹⁵ ma toconehuacan ma ica ica pahpaquin toyolia in moquiappan San Francisco¹⁶ ma onpahpaquihua a ye otacico i huey pacaca ohuiya.

On quetzaltocxilotl cuecuepontihuitz ontozmiahua o xexelihui ma toconcuaca ma ica...

*Tocoto tocoto tocoto tocoto
inepantla onahci¹⁷ in cuicatl niman ye ontlami
tiquiti ticoto tiquiti tocoto.*

Ma tonhuian nicuhuan oyamoquetz mozcali ipiltzin o zan yehuan dios i ma oyanotzalo ye ompohualo zan tictochielia oyecoc nican yia o ohuiya.

Zan im momecahuehueh ma ontzotzonalo ya ma ica o ma tictochialican oye'coc.

⁹ A paleografia, a qual foi comparada com as transcrições de John Bierhorst (1985) e Miguel León-Portilla (*Cantares mexicanos*, 2011), é de nossa autoria. A grafia foi normalizada de acordo com os critérios de Marc Thouvenot (2011), ou seja, todos os nomes próprios foram colocados em maiúscula, as abreviaturas foram desatadas, as letras faltantes foram colocadas em colchetes, e a segmentação das frases e palavras foi condicionada pela interpretação e tradução para o português.

¹⁰ No manuscrito, "tt.º".

¹¹ No manuscrito, ".d.".

¹² Leia-se também "tlatoani".

¹³ No manuscrito, ".d.".

¹⁴ Leia-se "cualcan".

¹⁵ No manuscrito, "tt.º".

¹⁶ No manuscrito, "S. franco".

¹⁷ Leia-se também "onaci".

Ma oc achtopa yehuatzin ma tictlatlauhtica in ichpochtli Cihuapilli¹⁸ ye tonantzin Santa Maria¹⁹ azo achitzi[n] ye topampa coya tlatlauhtiz in tlatlacoahuanime²⁰ in totecuiyo²¹ Dios yio ayio

Zan totepantlatocauh ye nello²² huel yehuatzi[n] quiyolcehuia in iconetzi[n] Sancta Maria.

Tocotico tocoti toco toco tocoto ticotico ticoti ticotico ticoti, tocotoco tocoti.

In ye huey pascua techmaquixti omozcali totecuiyo²³ ma ompapacoa titlachihualhuan y teocuitlatica i antlachinolcuatechone'que noconetzi[n] axcampa cualcan a ma tictotlatlauhtilica o ohuiya.

In ma ixquich tlacatl ma quimolnamiquli²⁴ inic topampa tonehualoc i Jesucristo²⁵ in anquetzalne'cuiele'que noconetzi axcampa cualca...

In axcan niquittoa nitonPalacisco nocihuapötzitzinhuan oo ozo niquitta in dios²⁶ tetatzin in quimochihuili ye cemanahuatl ohuiya.

In o nel[li] yaque ye tonanhuan antopi'tzitzinhuan oo azo [ye]cyocan oquimottilitiaque in imac ticate in Dios tetatzin etcetera.

[43f] *Tocoti tocoti tocotititi i tototititi tototiti tocotititi*
ic ontlantih.

Ma ompehualo nican ma ya nequetzalo ya ye otacico i pascua ya oyaye'coc in teotl temaquixti tlalticpac²⁷ nica[n] ye nello huiya.

Tlatlapalcacamaxochitl tozcuicuiltzetzelihui moxochiotzin topan onpixahui ma ica ica Ma²⁸ neyahpanalo a'niuctzitzinhuan tlalticpac²⁹ nica[n] cecentlamantihua.

Toznenexochi zacuan papalocihuatl don Palacisco izca moxochitzin ma xonmitotiyaoncuica cuicantla'tla'machmoyahuac moxochiacuetzin ye nohuipiltzi[n]³⁰ ye ipan aya xiquimoni³¹toti ye mopilahuiltihuan

¹⁸ Em maiúscula no manuscrito.

¹⁹ No manuscrito, "Sta. M^a".

²⁰ No manuscrito, este vocábulo aparece sublinhado com sua respectiva complementação (-me) à margem direita.

²¹ No manuscrito, "tt.^o".

²² Leia-se "nelli".

²³ No manuscrito, "tot^o".

²⁴ Leia-se "quimilnamiquli".

²⁵ No manuscrito, "Jesu X^o".

²⁶ Em minúscula no manuscrito, nesta ocasião.

²⁷ No manuscrito, "tlpc".

²⁸ Em maiúscula no manuscrito.

²⁹ No manuscrito, "tlpc".

³⁰ Leia-se "mohuipiltzin".

³¹ Esta "ni" foi acrescentada sobre a palavra.

ichpopotzitzinti cuix mochipa ye nica[n] ca zan totlaneuhcon tlaltipac³² nica[n] cecentlamantihua yiohuiya.

Tla xicaquican i annicutzitzinhuan in moztla huiptla techontlatiz in icelteotl toyazque can ompa ximohua[yan] tichpopotzitzinti maniz in cuicatl o ic onnetotiloiz in xochitl o tlaltipac³³ nican...

Titicoto tocoto tocoto titicoto titicoto titicoto
ic ontlantih.

In annocihuapo’huan ye tonquetzalyecmaamantihui o ye nican tichpopotzitzinti tocoyecozcamecaihcuixtihui o ye tocuic ye iquiappan Dios totatzin aytzin³⁴ ohuiya.

Aytzin³⁵ icutzin nocihuapotzi[n] tozapatzi[n] titlatlapalxochitl a nimitzonmana nopilahuiltiltzi tocnotlandemol don Diegoton i tla nimitzitoti izca moxochitzin ihuaan³⁶ mocuic[a]tzi[n] tla nimitzonehuili ololotzi aytzin³⁷ etcétera.

Tle in ticuicaelcicihuilia tixochiyocoya tocnotlandemol ma oyaque o i mopihtzitzihuan in Ttlepanquetzatzin[n] Ilhuicaminatzin[n] o ye ticmahuizohua³⁸ i izca moxochitzi[n] ihuan mocuictzi tla nimitzonehuili...

In on tzinitzcan tonpilihua o ceceliztiuh toyollotzin toyolia ica teotlatolli tocoyecozcamecaihcuixtihui etcetera.

[72f] Chalcacihuacuicatl

Intlatlalil chalca ic quimopapaquiltico in tlatohuani in Axayacatzin³⁹ ca nozo yehuatzin oquimmopehuili in ma zan cihuatzitzintin

Toco tico tocoti, tocotico tocoti tocotico tocoti.

Xanmoquetzacan oo annicutzitzinhuan a ye tonhuian tonhuian tixochitemozquehe, tonhuian tonhuian, tixochitehtequizque nican mani a nican mani a tlachinolxochitl i oo chimalli xochitl i teihicolti huel tetlamachti yaoxochitl a o ohuiya.

Yectliyan xochitli⁴⁰ yehuaya ma nocpacxochiuh, ma ic ninapana nepapan i noxochiuh aya nichalcatl nicihuatl ahuayyao ohuaya.

³² No manuscrito, “tlpc”.

³³ No manuscrito, “tlpc”.

³⁴ Este vocábulo pertenecería a próxima estrofe.

³⁵ Leia-se “aitzin”.

³⁶ Leia-se “ihuan”.

³⁷ Leia-se “aitzin”.

³⁸ Leia-se también “ticmahuizoa”.

³⁹ Em maiúscula no manuscrito.

⁴⁰ Forma arcaica de “xochitl”.

Nicnehnequi xochitl nicnehnec on cuicatl aytzin⁴¹ in totzahuayan in toyeyeyan o ohuaye noconeheuhtica icuic in tlatohuani Axayacaton nicxochimalina nicxochilacatzohua o oahuayao ohuiya.

A iuhquin tlacuilolli yectli ya incuic⁴² iuhquin huelic xochitl ahuiaca noyol quimati in tlalticpac⁴³ ahuayao ohuiya.

Tlemach ipan nicmati motlatoltzin noyecoltzin tAxayacaton tla no⁴⁴conahuilti aylili aylililili hii ololotzin⁴⁵ ololo oyyaye ayyo etcétera.

Zan nictocuilehuilia zan niquiquixhuia hooo yee tla noconahuilti...

Cotiti tototototo cotiti tototototo.

Xolo Xolotzin titla'tohuani tAxayacaton ohuiya nel toquichtli iz maco nel titlaytolli; cuix nel ahoc ticuahcuahuitiuh ayye xoconquetzan nonexcon cenca niman xocontoquio⁴⁶.

[À margem esquerda]: Chalcotlatolli, .q.n.⁴⁷ xitlatlati⁴⁸

Xicualcui o xicualcui in ompa ca o xinechualmaca o in conetzintli te'xontlatehteca tihuan⁴⁹ tonhuehuetztozque tzo no⁵⁰ tompaquiz tompaquiz paquiz tzo no nictlatlamachihuaz oo.

88

Macamo maca o maca notla ximayahui xolotzin titlatohuani Axayacaton i ya o zo ni nicuilo i cuecuetzoca ye nomaton o ayee ye no cuel ye no cuel tictzitzquiznequi in nochichihualtzin achin noyollotzin huiya.

In ye ahcazo monehuian ticmitlactalhuiz nonehcuilol huiya tzo no tiquitztoz xihuecholxochitico ohuaye nihtic nimitzonaquiz onca[n] yetoz motenchalohtzin nimitzmacochuihuiz.

[72v] In quetzalizquixochitl in ye tlahuechol cacaloxochitl i zan moxochicuachpetlapan tiyaonoc ye oncan itic i iyo yio aocmo hui yao aylili.

Teocuitlapetlatl ipan tiyaonoc quetzaloztocalco tlacuilolcalitic iyoyio aocmo hui yao aylili.

⁴¹ Leia-se “aitzin”.

⁴² Leia-se “icuic”.

⁴³ No manuscrito, “tlpc”.

⁴⁴ No manuscrito, à margem direita, encontra-se a nota “ojo”, provavelmente concernente a “tlamo”, corrigido como “tlano”.

⁴⁵ No manuscrito, “lo” está tachado duas vezes, na vertical.

⁴⁶ Esta palavra está sublinhada no manuscrito, em referência à anotação à margem esquerda.

⁴⁷ Segundo León-Portilla (*Cantares mexicanos*, 2011, p. 1197), trata-se da abreviação de “quitzo nequi”.

⁴⁸ “Xitlatlati” aparece sublinhado.

⁴⁹ Leia-se “tehuan”.

⁵⁰ Leia-se “tzonco”.

Anqui zo ye ichan nontlayocoya tinonantzin ahzo huel nitzahua ahzo huel nihquitia za[n] nenca niconetl tzo nicihuapilli inic nihtolo in noquichuacan yao.

Tetlatlahuelcauh teyollocococan in tlalticpac⁵¹ in quenman on nontlahtlayocoya ninotlahuelnequi nonexiuhlaltico nichualihtoa cue conetl manoce nimiqui yiao.

Toco tico tocoti tocoticotocoti toco tico tocoti.

Ya cue nonantzin nontlaocolmiqui o ye nican ye noquichuacan ahuel niquritotia in malacatl ahuel nocontlaza in notzotzopaz noca timoquelo noconetzin yao ohuiya.

Auh quen nel noconchihuaz cuix ihuichimalli ica nemanalo ixtlahuatl itic ninoma'mantaz a ayia ooo noca timoquelo noconetzin ohuiya.

Xolotzin noconetzin titlahtohuani tAxayacaton zan timonencahuan nohuic timomahmana ya tonmoquichittohua o ohuaye cuix nonmati yaopan niquimiximati ye moyaohuan noconetzin zan timonencahua nohuic ohuiya. Ma teh ticihuatini ahzo nel ah ticyécoz in iuhqui chahuayotl in ixochitzin in icuicatzin noconetzin yiao.

A oquichpilli nototecuyo⁵² titla'tohuani tAxayacatzon onozo⁵³ tonpeuh ye no ticualani xolotzin ye no niauh in nochan noconetzin yao ohuia.

Anca zo can nican tinechnahuan yectli ticchiuh ye motlatoltzin iz in axcan tlahuanquetl, mazo teh titlahuanquetl ahzo no netlacamachon tochan iyao ohuiya.

Cuix nozo tinechcouh tinechmocohui noconetzin cuix tlapa'patlaco nahuihuan ye notlahuan zazo tictlacanequi ye no ticualani xolotzin ye noniauh in nochan noconetzin iyao ohuiya.

Tocotico tititi tocotico tititi tocotico tititi.

[73f] Tiniuctzin ticihuatlamacazqui ma xontlachia i nomach moman[toc] cuicatl in Cohuatepec in Cuauhtenampan i topan moteca Panohuayan ohuaya yiaho.

Zon⁵⁴ ocihuayo ninaytia noyollotzin mococohua ach quen nel noconchihuaz ihuan noquichtiz o mazoc cenca ye incue ye ye inhuipil in toquichhuan in toyecolhuan iyaho ohuiya.

⁵¹ No manuscrito, "tlpc".

⁵² No manuscrito, "not⁹".

⁵³ Leia-se "anozo".

⁵⁴ Leia-se "zan".

Xicualquixti nonextamal in titlatohuani Axayacaton tla ce nimitzmanili neoc in noconeuh neoc in noconeuh xoconahuilti xictocuilehuili ololotzin ololo ayye ayyo.

Azo ticuauhtli tocelotl in timittohua noconetzin ohuia azo moyaohuan inhuic ticuecuenoti meoc⁵⁵ in noconeuh xoconahuilti...

Aya tle nocue aya tle nohuipil nicihuatzintli yehua ya nican quimanaco yectli ye incuic nican quimanaco chimalli xochitl quenmach tontlaca ye nichalcacihuatl nAyocuan ohuia.

Niquimelehuia nocihuapohuan in acolhuaque niquimelehuia in nocihuapohuan tepaneca quenmach tontlaca ye nichalcacihuatl aAyoquan etc.

Ca pinauhticate in chahuahuilo noconetzin ihuia[n] cuix no iuh tine[ch]chihuaz i no iuh toconchiuh in Cuauhtlatohuaton mazazo ihuian a ximocuetomaca[n] ximomaxahuican Antlatilolca⁵⁶ in amiyaque ayayya xihuallachiacan nican Chalco ahuyaya ohuiya.

Ma ninopotoni tinonantzin ma xine[ch]xahua oo quen nechittaz in noyecol imixpan on tonquizatiuh ahcazo mihicoltiz ye o Huexotzinco Xayacamachan ohuia.

90

Quenami in cuicatl ehualo in cuicoya o in cuauhquecholli anca zo mihicoltzin ye Huexotzinco Xayacamachan ohuia.

In Tetzmolocan nicihuatl ninomaoxihuia ninocxioxihuia noconcuico ye nochcue ye nochhuipil niccecentlamittaz aytzin⁵⁷ ay aytzin⁵⁸ etcétera.

Niquimelehui Xaltepetlapan ye huexotzinca tzo incuetlaxtlamalin tzo incuetlaxtetecuecuex niccecentlamittaz aytzin ay aytzin iyao etcétera.

Tocotico, tocotico, tocotico, tocotico, tocotico.

In quen oc zan tlamati nechmitlania in conetl in tlatohuani Axayacaton cue e tle on in ma ic itepal nochahuatlali a oohuaye [73v] noca titlaomepiaz noconetzin a'zo iuh quinequi moyollo mazohui huian mociahuan⁵⁹ iyao ohuia.

Cuix a'moyollocopa noconetzin ye toconcalaqui a in chahuayotl inic mochan ahayayoho ahzo iuh quinequi moyollo...

⁵⁵ Leia-se “neoc”.

⁵⁶ Em maiúscula no manuscrito.

⁵⁷ Leia-se “aitzin”.

⁵⁸ Leia-se “aitzin”.

⁵⁹ Leia-se “mocihuahuan”.

Quenmach in tine[ch]chiuh noyecoltzin aye maca oc ic ximochichihuan huel ahtitlacatl tle in ticnenelo ye noyollotzin tixochimalina ye motlatol iyao ohuia.

Notzahuayan nimitzitto a i nihquitian nimitzilnamiqui Xolotzin tle in ticnenelo ye noyollotzin.

Tocotico tocoti.

Nahuililama namonan nicahualilama nichpochilama ipan nochihua o nichalcotlacatl aha a ili nimitzahuiltico noxochinenetzin noxochicamopalnenetzin iyaho ohuia.

Ye no quelehuia in tlatoani in Axayacaton xicualitta noxochitlacuilolmaton xicualitta noxochitlacuilolchichihualtzin oohuia.

Macazoc an onnenhuetztiuh ye moyollotzin tAxayacaton izca ye momatzin ma no matitech xinechonantiuh a ayyahayiaho xonahuiacan etcétera.

Moxochinpetlapan moyeyeyan xolotzin ihuian xoncocochi xonyayamani noconetzin titlatohuani tAxayaca yao ohuaya.

2. Tradução para o português⁶⁰

Canto de mulheres sobre a ressurreição de Nosso Senhor

Foi composto por Dom Baltazar Toquezcuauihyo⁶¹, governante de Colhuacan, aqui em Azcapotzalco, Tepanecapan, em homenagem ao governante Dom Diego de León Tocnotlatemol⁶² no ano de 1536.

Ticoticotico tico tocotico tocotico tocotico tocoticon.

Durante quarenta e oito⁶³ dias jejuou-se,
esperou-se com confiança.
Todos vocês, criaturas divinas,
se entristeceram, se afligiram no mundo todo, *oouia*.

Estamos a tempo, estamos a tempo!
Vamos, minhas irmãs, preciosas donzelas!
Vamos ver Jesus Cristo!
Ele ressuscitou, renasceu, reviveu, *ouia!*

⁶⁰ A versificação é de nossa autoria.

⁶¹ Literalmente “o comprimento do nosso fêmur”.

⁶² Literalmente “nossa miserável procura”. Trata-se do nome em náuatle de Dom Diego de León.

⁶³ Chamam a atenção os oito dias a mais acrescentados à Quaresma, os quais provavelmente foram dedicados à preparação anterior à Páscoa.

O precioso canto do Nosso Senhor veio para calar a serpente:
vamos entoá-lo para, com ele,
alegrar a nossa alma durante a sua chuva, São Francisco.
Estejam alegres! Já chegamos ao grande lava-pés, *ouia!*

O precioso plantio de milho vem brotando,
a espiga de milho amarela se esparrama.
Vamos comê-la para, com ela,
alegrar a nossa alma durante a sua chuva, São Francisco.
Estejam alegres! Já chegamos ao grande lava-pés, *ouia!*

Tocoto tocoto tocoto tocoto
chega no meio do canto, depois acaba
tiquiti ticoto tiquiti tocoto.

Vamos, minhas irmãs!
O amado filho de Deus renasceu, ressuscitou!
Que só ele seja invocado, exaltado!
Nós o esperamos,
ele chegou aqui, *iia ouia.*

Toque seu *mecahuehuetl*⁶⁴:
que com ele nós o esperemos.
Ele chegou aqui, *ouia.*

Que, em primeiro lugar,
clamemos a Ela, à Virgem,
à nobre senhora, nossa mãe Santa Maria.
Talvez um pouco, por amor a nós pecadores,
ela rogará a Deus Nosso Senhor, *iio aiiio.*

Somente Santa Maria é a nossa verdadeira intercessora,
Ela⁶⁵ certamente acalma o coração dele, seu amado filho.

Tocotico tocoti tocotoco tocoto ticotico ticoti ticotico ticoti, tocotoco tocoti.

Na grande Páscoa nos redimiu,
Nosso Senhor ressuscitou.
Que nós regozijemos, criaturas divinas!
Meu filho amado, aquele que queima a cabeça com ouro.
Estamos a tempo, roguemos a ele agora mesmo, *ouia.*

Que todo homem seja lembrado que,

⁶⁴ Literalmente “tambor de corda”. Neologismo criado para a viola espanhola e a harpa, instrumentos introduzidos com a inserção da música ocidental na colônia da Nova Espanha.

⁶⁵ Colocamos o pronome em maiúscula devido ao sufixo reverencial “-tzin” de “yehuatzin”.

por essa causa, por amor a nós,
você foi ressuscitado, Jesus Cristo.
Meu filho amado, aquele cujo perfume é precioso.
Estamos a tempo, roguemos a ele agora mesmo, *ouuia*.

Agora digo eu, Dom Francisco:
minhas companheirinhas, *oo*,
por acaso vejo Deus, o pai de todos,
que criou toda a terra? *Ouia*.

Certamente nossas mães,
vocês, nossas irmãzinhas, *oo*,
talvez foram para o lugar da bonança [e] viram Deus,
o pai de todos, em cujas mãos estamos.

[43f] *Tocoti tocoti tocotititi i tototititi tototiti tocotititi*
e assim vai minguando...

Que aqui comece, que ressuscite:
já chegamos para a Páscoa.
Deus verdadeiramente já chegou aqui,
redimiui a Terra, *uia*.

As flores das pequenas espigas de milho são multicoloridas,
as penas do papagaio estão caindo.
Suas preciosas flores estão chovendo sobre nós.
Que com elas vocês, minhas irmãzinhas,
sejam vestidas aqui na terra;
cada uma de uma forma diferente.

Dom Francisco, eis aqui suas florzinhas:
flor de papagaio, *çaquan*⁶⁶ e mulher-borboleta.
Dance e cante! O canto pouco a pouco se dispersa
sobre a sua preciosa saia florida,
[sobre] o meu precioso vestido, *aia*.
Que você faça dançar suas filhas, preciosas donzelas, as quais alegram.
Por acaso você estará sempre aqui?
Só viemos para ser um empréstimo aqui na Terra;
cada um de uma forma diferente, *iouia*.

Ouçam, por favor, minhas irmãzinhas:
amanhã, depois de amanhã o Deus único nos esconderá.
Nós, preciosas donzelas, iremos para lá, para Ximohuayan⁶⁷.

⁶⁶ Pássaro do centro do México muito apreciado pelos Nahua.

⁶⁷ Literalmente “no lugar onde se permanece”. Local para onde iam as mulheres que morriam honradamente (LELIS; MÁYNEZ, 2023, p. 122).

Dois cantos de mulheres ao toque do *teponaztli* dos *Cantares mexicanos*

Por isso o canto permanecerá, a flor dançará aqui na Terra...

Titicoto tocoto tocoto titicoto titicoto titicoto
e assim vai mingando...

Vocês são minhas companheiras,
com as mãos modelamos as plumas.
Aqui nós somos as donzelas,
com preciosos cordões envolvemos o nosso canto
durante a chuva de Deus, nosso amado pai, *ouíia*.

Irmãzinhas receosas, minhas companheirinhas,
somos um precioso papagaio que rodopia,
somos flores multicoloridas.
Eu carrego você, minha filhinha.
Tocnotlatemol, Dom Dieguinho, te faço dançar:
eis aqui a sua preciosa flor e o seu precioso canto que eu entoo,
que está preciosamente envolto, assustado...

Para que você suspira o canto?
Você geme poeticamente, Tocnotlatemol:
suas irmãzinhas mais velhas se foram.
Você se maravilha com Tetlepanquetzatzin e Ilhuicaminatzin⁶⁸.
Eis aqui a sua preciosa flor e o seu precioso canto que eu entoo,
que está preciosamente envolto, assustado...

Você se entristece, surucuá-da-montanha.
Nosso precioso coração vai se revigorando com a palavra divina;
com preciosos cordões envolvemos a nossa alma...

[72f] Canto de mulheres Chalca

Composição Chalca; com ela vieram para alegrar o governante Axayacatzin⁶⁹,
pois ele os conquistou como se fossem mulherzinhas⁷⁰

⁶⁸ Tetlepanquetzatzin foi governante (*tlahtoani*) de Tlacopan na época da Conquista. Ilhuicaminatzin, Moctezuma I, foi o quinto governante (*tlahtoani*) de México-Tenochtitlan, por volta de 1440. Isto é, embora governassem povoados política e militarmente vinculados, são personagens históricos de períodos distantes.

⁶⁹ Neto de Itzcóatl, fundador da Tríplice Aliança, e sexto governante de México-Tenochtitlan.

⁷⁰ Segundo a *Séptima Relación* do cronista mais conhecido como Chimalpahin e uma estrofe deste canto em questão, trata-se de um sucesso histórico de 1473, o qual esclarece que o objeto direto desta nota explicativa (“os”) se refere aos Tlatelolca. Neste opúsculo, a partir da tradução de Josefina García Quintana, relata-se que o governante Axayacatzin, com a ajuda dos Chalca, conquistou os Tlatelolca como se fossem suas concubinas: “*Y a Tepecoca y Teconal les hizo pintar las pantorrillas el tlahtohuani Axayacatzin porque fueron enredadores; fueron marcados sus rostros [para que] nunca en ellos se perdiera que habían sometido a los tlatilulca como a concubinas; entonces fue cuando completamente pereció el tlahtocáyotl de Tlatilulco. [...] Y los pipiltin nuestros ancestros, a quienes hemos mencionado, a ellos llegó la orden de Axayacatzin para que los chalcas fueran a auxiliar a los mexica tenochca; también los chalca fueron a destruir la tlatilulcáyotl en este mencionado año [1473]*” (CHIMALPAHIN

Toco tico tocoti, tocotico tocoti tocotico tocoti.

Levantem-se, oo, minhas irmãzinhas!
Vamos, vamos, buscaremos as flores.
Vamos, vamos, cortaremos as flores.
Aqui permanece a flor de guerra, oo,
aqui permanecem o escudo, a flor desejada.
A flor de guerra⁷¹ é muito regozijada, a ouuia.

As flores estão em um belo lugar, ieuuaia.
Que as flores estejam sobre mim,
que com diversas flores eu me vista, aia.
Sou mulher Chalca, auaiiao ouaia.

Anelo as flores,
assustada eu desejo o canto no lugar onde urdimos,
no mesmo lugar que é nosso, ouaie.
Estou entoando o canto do governante Axayacatzinho,
entrelaçando-o com flores,
envolvendo-o com flores, ouaiao ouiaa.

O canto dele é como se fosse uma bela pintura,
como se fosse uma deliciosa e cheirosa flor.
Meu coração sente isso na Terra, auaiiao ouiaa.

Aliás, o quê sei eu sobre a sua preciosa palavra,
meu querido amante?

CUAUHTLEHUANITZIN, 2003, p. 139, colchetes nossos). Com efeito, as concubinas estão presentes em todo o canto. Porém, elas ao mesmo tempo remeteriam a um acontecimento de 1479, igualmente relatado por Chimalpahin, no qual o cantor desse mesmo canto é exaltado e ironizado por Axayacatzin ao resgatá-lo de tempos anteriores, da época do reinado do *tlahtoani* Chalca Ayocuantzin. Nas palavras de Chimalpahin: “*en seguida [Axayacatzin] dice a las cihuapipiltin, sus mujeres: ‘mujeres, levántense, recíbanlo entre ustedes, asíéntenlo, aquí viene vuestra concubina, véanlo bien, conózcanlo, pues yo lo he seducido; que vuestro corazón esté satisfecho, mujeres, pues él lo hizo; me hizo bailar, me hizo cantar este Quecholcóhuatl’*” (CHIMALPAHIN CUAUHTLEHUANITZIN, 2003, p. 149, colchetes nossos). Isto é, o próprio cantor é tratado como uma concubina, e o canto é ocupado e reelaborado pelo governante Mexica: “*Pero él mismo, el de de nombre Axayacatzin hizo que introdujeran allí el canto en el mencionado año; hizo suyo el canto, se lo apropió el mencionado tlahtohuani Axayacatzin*” (CHIMALPAHIN CUAUHTLEHUANITZIN, 2003, p. 149). O canto, a propósito, começa com “levantem-se, oo, minhas irmãzinhas”. Cabe mencionar, ainda, que Diego Durán relata o mesmo episódio de 1473 com mais detalhes, explicitando que o desencadeamento desta e outras guerras entre os Mexica (ou Tenochca) e Tlatelolca deveu-se ao estupro de mulheres Tlatelolca por parte de filhos da nobreza Tenochca, as quais foram se queixar com seus familiares (DURÁN, 1995, p. 306). O canto, em consequência, adquiriria um tom irônico de revanche.

⁷¹ Existe, em náuatle, o conceito *xochiyaoyotl*, em tradução “guerra florida”. Esta consiste em um combate cujo objetivo era capturar as próximas vítimas para os sacrifícios, no qual a flor metaforicamente constituía a guerra, os guerreiros, e os cativos. A flor, ademais, no campo semântico Nahuatl, designava o prazer sexual tanto de homens e mulheres, proporcionando neste canto uma analogia entre a guerra e o ato sexual. No contexto em questão, o divertimento do governante Axayacatzin referir-se-ia à lembrança de uma antiga conquista Chalca por meio de uma batalha que se propõe travar, agora, com o sexo.

Você é o Axayacatzinho...
Que eu dê a ele muito prazer *ailili aililili iih*,
sabugozinho, sabugo *oiaie aiao...*

Só eu faço subir a nossa minhoca,
só eu meço a sua altura,
ooo iee que eu dê a ele muito prazer...

Cotiti tototototo cotiti tototototo.

Prisioneiro, prisioneiro...
Você é o governante,
você é o Axayacatzinho, *ouia*,
nosso homem de verdade.
Aqui é dado, verdadeiramente você é nomeado.
Por acaso é verdade que você não vai mais buscar a lenha? *Aiie*.
Levanta a minha tigela cheia de milho⁷² e depois acende o fogo⁷³!

Traz, traz de lá,
dá o menininho aqui para mim.
Deita aqui comigo,
nós vamos morrer de rir!
No final seremos felizes, estaremos contentes;
gozaremos no final,
eu o farei devargarzinho, *oo*.

Não, não, não se lance sobre mim, prisioneiro;
você é o governante Axayacatzinho.
Eu estou possuída, minha mãozinha já está coçando, *o aiee*.
Você quer apalpar os meus peitinhos mais uma vez,
mais uma vez, do jeito que você gosta,
e o meu coraçãozinho também, *uia*.

Talvez você mesmo arruinará a minha pintura, *uia*;
oh, com flores velará o *xiuhquechol*⁷⁴, *ouaie*.
Te encaixarei dentro de mim:
aí estará a sua barbinha,
eu te envolverei em meus braços.

[72v] Como a bela flor de milho tostado,
como o *tlauhquechol*⁷⁵,

⁷² Em náuatle, “necomitl”, vocábulo que em sentido metafórico remete à vagina.

⁷³ À margem direita consta a seguinte nota: palavra de origem Chalca⁷³ que quer dizer “acende o fogo”. Trata-se do verbo “toquia” da frase “xocontoquio”, em tradução “acende o fogo”.

⁷⁴ Literalmente “quechol turquesa” ou “quechol precioso”. Ave do centro do México.

⁷⁵ Variedade de quechol; sua cor é vermelha.

como a flor de maio você se deita sobre a manta florida como se ela fosse um petate⁷⁶.

Já não está mais aí dentro, ai, ai! Eh! *Iao ailili...*

Você se deita sobre o petate de ouro,
já não está mais dentro da caverna preciosa,
dentro da casa de pintura, ai! ai! Eh! *Iao ailili...*

Assim eu já me entristeço no lar dela.
Você é minha mãezinha;
por acaso eu urdo bem?
Por acaso eu teço bem?
Nesta vida, sou só uma criança, uma menina.
Então dirão assim de mim: “aquela que tem rapaz”.

Na Terra, lugar de angustiar as pessoas,
de deixar as pessoas irritadas,
eu me entristeço muito algumas vezes;
me zango, chego a desesperar-me,
digo “ai, tomara que eu morra ainda criança”, *iiio*.

Toco tico tocoti tocotico tocoti toco tico tocoti.

Ai, mãezinha, eu morro de tristeza aqui onde eu tenho rapaz.
Não posso fazer o malacate⁷⁷ dançar,
não posso lançar o meu *tzotzopaztli*⁷⁸.
Você zomba de mim, meu menininho, *iao ouia*.

E então, o que eu farei?
Por acaso sou entregue com um escudo emplumado?
No lugar ermo eu me entregarei,
a aiii ooo você zomba de mim, meu menininho, *iao ouia*.

Meu menininho, prisioneirinho,
você é o governante Axayacatzinho.
Você só se engana,
você ensaia vestir o escudo para mim.
Você já se vê homem, *ouaie*.
Por acaso eu sei o caminho para a guerra?
Eu reconheço a *sua* guerra, meu menininho,
você só se sente zombado por mim, *ouia*.

⁷⁶ Do náuatle, “petlatl”. Espécie de esteira confeccionada com palma; possui vários usos no cotidiano, especialmente para dormir. A palavra foi incorporada ao léxico do espanhol mexicano como *petate*, a qual também pretendemos introduzir no português.

⁷⁷ Do náuatle, “malacatl”. Espécie de fuso para fiar algodão e outras fibras.

⁷⁸ Instrumento companheiro do malacate; sua função é acomodar os fios no tear de cintura.

Talvez você seja, de fato, afeminado.
Ah, você guerreará na cama com mulher,
de forma que haverá concubinato:
será a preciosa flor e o belo canto do meu menininho, *iiiao*.

Rapazinho, meu senhor,
você é o governante,
você é o Axayacatzinho.
Talvez você conquiste, oh,
se zangue, prisioneirinho.
Eu também vou embora para a minha casa, meu menininho, *iao ouia*.

Portanto, só aqui você me ridiculariza.
Você compõe o seu belo discursinho aqui, agora, bêbado.
Embora você esteja embriagado,
talvez também haja regozijo em nossa casa, *iao ouia*.

Por acaso você me comprou de novo,
me comprou para você, meu menininho?
Por acaso minhas tias e meus tios vieram para permutar algo?
Você castiga qualquer um de maneira justa,
você se zanga, prisioneirinho.
Eu também vou embora para a minha casa, meu menininho, *iao ouia*.

Tocotico tititi tocotico tititi tocotico tititi.

[73f] Você é minha irmãzinha,
você é mulher-*tlamacazqui*⁷⁹.
Observe, minha sobrinha,
o canto se estende em Coatepec,
em Cuauhtenampan,
se deitou sobre nós em Panohuayan, *ouaia iiiao*.

Só faço as obrigações de mulheres;
meu coraçãozinho se adoenta.
Por acaso não as farei e serei igual a um homem valoroso?
Ainda que sejam muitas as saias e os vestidos dos nossos homens,
dos nossos amantes, *iiiao ouia*.

Tire daí o meu nistamal⁸⁰, governante Axayacatzinho, por favor.
Eu dou um para você:
toma, meu menino;
toma, meu menino.
Brinca com ele, faz subir a nossa minhoca,

⁷⁹ Trata-se de um título divino, um cargo ocupado por homens.

⁸⁰ Milho cozido em água com cal que constitui a massa para a elaboração de *tortillas*.

o sabugozinho, *ololo aiie aiio*.

Por acaso você é uma águia, um ocelote?
Difícilmente você seja visto assim, meu menininho.
Por acaso você se vangloria diante dos seus inimigos?
Toma, meu menino.
Brinca com ele, faz subir a nossa minhoca,
o sabugozinho, *ololo aiie aiio*.

Como essa ainda não é minha saia?
Como esse ainda não é meu vestido?
Sou uma menininha;
até aqui ele veio entregar os seus belos cantos,
até aqui veio entregar o escudo, a flor.
Como é possível que sejamos dois?
Sou mulher Chalca, sou uma Ayoquan⁸¹, *ouia*.

Eu cobiço as minhas companheiras acolhuas;
cobiço as minhas companheiras tepanecas.
Como é possível que sejamos duas?
Sou mulher Chalca, sou uma Ayocuan, *ouia*.

As concubinas pouco a pouco
estão ficando envergonhadas, meu menininho.
Por acaso você também fará comigo a mesma coisa
que fez com os outros governantezinhos?
Seja como for, Tlatelolcas imundas,
soltem as suas saias pouco a pouco, fiquem nuas.
Abram os olhos aqui em Chalco, *auaiia ouia*.

Estou fedida, minha mãezinha,
me arrume, *oo*.
Como o meu amante me verá?
Talvez nós vamos parar na frente deles,
Xayacamachan cobiçará alguém em Huexotzinco⁸².

Como o canto é entoado pelo *quauhquechol*⁸³ no lugar onde cantamos?
Sendo assim, Xayacamachan desejará alguém em Huexotzinco.

Em Tetzmolocan,
eu mulher me unjo as mãos, me unjo os pés.
Venho para pegar minha saia de fibra de maguey,

⁸¹ Antigo governante de Itztlacoauhcan Amequemecan, Chalco, época da qual foi resgatado o canto.

⁸² Referente a um sucesso de 1465, no qual os Chalca foram subjugados pelos Mexica (CHIMALPAHIN CUAUHTLEHUANITZIN, 2003, p. 169).

⁸³ Variedade de quechol; sua cor é branca.

meu vestido de fibra de maguey.
Encontrarei cada uma delas, medrosinho, medrosinho.

Em Xaltepetlapan,
desejei os Huexotzinca;
seus cordões de couro, seus enfeites de couro.
Encontrarei cada um deles, medrosinho, medrosinho.

Tocotico, tocotico, tocotico, tocotico, tocotico.

Como o menino ainda se sente?
O governante Axayacatzinho me pediu em casamento, ai, nossa!
Tomara que me coloque para ser a concubina dele, *ouaie* [73v].
Por mim, você terá mais de uma mulher, meu menininho.
Talvez seu coração assim desejará:
suas mulheres em seus braços, eh! *Iao ouia.*

Por acaso não é o desejo do seu coração, meu menininho?
Você coloca uma concubina dentro do seu lar, *ahaiiioo.*
Talvez seu coração assim desejará:
suas mulheres em seus braços, eh! *Iao ouia.*

Como você fez isso comigo, meu querido amante?
Não, por isso não se enfeite bem ainda não.
Você não é homem?
Para quê você agita o meu coraçãozinho?
Você entrelaça a sua palavra com flores, *iao ouia.*

Eu te vejo no lugar onde eu urdo;
onde eu teço eu lembro de você, prisioneirinho.
Para quê você agita meu coraçãozinho?
Você entrelaça a sua palavra com flores, *iao ouia.*

Tocotico Tocoti.

Eu, velha necessitada, sou sua mãe.
Sou uma concubina idosa que quer ser uma virgem anciã.
Sou homem Chalco, *aha a ili;*
vim para divertir você,
minha bonequinha florida,
minha boneca florida roxinha, *iao ouia.*

Ela também deseja o governante Axayacatzinho.
Veja a minha mãozinha pintada com flores,
veja os meus peitinhos pintados com flores, *oouia.*

Não seja inconsequente, meu coraçãozinho.
Axayacatzinho, eis aqui a sua mãozinha;
que ela esteja junto à minha.
Agarra-me! *Aiiahaiaho*.
Alegrem-se!

No seu petate florido,
aí mesmo, prisioneirinho, durma de mansinho!
Acalme-se, meu menininho, você é o governante Axayacátl.

REFERÊNCIAS

BIERHORST, John. **Cantares mexicanos**. Songs of the Aztecs. Stanford: Stanford University Press, 1985.

Cantares mexicanos [manuscrito]. In: **MS 1628 bis**. México: Biblioteca Nacional de México, 85 f.

Cantares mexicanos. Paleografía, traducción y notas de Miguel León-Portilla. México: UNAM, Coordinación de Humanidades, Instituto de Investigaciones Bibliográficas, Instituto de Investigaciones Filológicas, Instituto de Investigaciones Históricas, Fideicomiso Teixidor, 2011.

CHIMALPAHIN CUAUHTLEHUANITZIN, Domingo Francisco de San Antón Muñón. **Séptima relación de las *Différentes histoires originales***. Introducción, paleografía, traducción, notas, índice temático y onomástico y apéndices de Josefina García Quintana. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2003. Disponível em: https://historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/septima_relacion/405_04_05_1451-1500.pdf Acessado em: 28/02/2023.

DURÁN, Diego (fray) (1581). **Historia de las Indias de Nueva España e Islas de la Tierra Firme**. Tomo II. México: Cien de México, 1995.

GARIBAY, Ángel María (1940). **Llave del Náhuatl**. Ciudad de México: Porrúa, 10. ed., 2013.

LELIS, Sara; MÁYNEZ, Pilar. **Libro Tercero del Códice florentino**. Proyecto Paleografía y Traducción del *Códice florentino*, 2023, 189p.

SAHAGÚN, Bernardino (1577). **Historia general de las cosas de la Nueva España, I.** Introducción, paleografía, glosario y notas de Alfredo López Austin y Josefina García Quintana. México: Dirección General de publicaciones del Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1989.

THOUVENOT, Marc. La normalización gráfica del *Códice Florentino*. In: Pilar Máynez e José Rubén Romero Galván (coords.). **El universo de Sahagún, pasado y presente 2008**. México: UNAM, 2011.

TURRENT, Lourdes. **La conquista musical de México**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

Data de envio: 03/03/2023

Data de aprovação: 23/05/2023

Data de publicação: 14/07/2023

Morte de Actêon (Ovídio, *Metamorfoses*, 3. 143-252)

João Angelo Oliva Neto
Universidade de São Paulo (USP)
olivanet@usp.br

RESUMO: Apresento a tradução dos 109 hexâmetros datílicos em igual número de versos, característica que chamo “isostiquia”, do episódio sobre a morte de Actêon, dilacerado por seus cães. Para tanto, dado que o hexâmetro é verso longo e de andamento variável conforme as cesuras, servi-me do dodecassílabo, que é o segundo mais longo dos versos mais usuais na língua portuguesa e dotado também ele de grande variedade, já que pode ter três andamentos: 1) com acento principal na sexta sílaba com sinalefa, ou seja, o verso alexandrino; 2) com acento principal na sexta sílaba sem sinalefa; 3) com acentos incidentes na quarta e oitava sílaba. O episódio, diferentemente do que costuma ocorrer nas *Metamorfoses*, não é etiológico, e não sê-lo concorre para que seja patético, condição que no caso é corroborada pelo estranhamento causado pela longa e ostensiva série dos nomes gregos dos cães. O modo de verter esses nomes em português não é obvio, mas impõe decidir: mantê-los aportuguesados, como fiz (“Melampo” para *Melampus*, por exemplo) ou traduzi-los de fato em português (“Negras-Patas”, pois *Melampus* provém de μέλας, “negro, + πούς, “pata”), como exemplifico com a tradução que Jaa Torrano fez dos nomes das Musas na *Teogonia*, de Hesíodo? A decisão, por sua vez, pressupõe análise do poema e reflexão teórica sobre a implicação de cada possibilidade.

Palavras-chave: tradução poética; hexâmetro datílico; dodecassílabo; Ovídio; *Metamorfoses*.

Acteon's death (Ovid, *Metamorphoses*, 3. 143-252)

ABSTRACT: I present the translation of the 109 dactylic hexameters of the episode about the death of Actaeon, torn apart by his dogs, in an equal number of verses, a characteristic that I call “isosticheia”. For this purpose, given that the hexameter is a long verse and of variable tempo according to the caesuras, I used the dodecasyllable, which is the second longest of the most common verses in the Portuguese language and endowed with great variety, since it can have three tempos: 1) with main stress on the sixth syllable with synalepha, that is, the Alexandrian verse; 2) with main stress on the sixth syllable without synalepha; 3) with accents rarely incident on the fourth and eighth syllable. The episode, unlike what usually occurs in the *Metamorphoses*, is not etiological, and not being

so contributes to it being pathetic, a condition that in this case is corroborated by the strangeness caused by the long and ostensible series of the Greek names of the dogs. The translation of these names is not obvious, but it is necessary to decide: to keep them in their Portuguese form, as I did (“Melampo” for *Melampus*, for instance), or in fact to translate them into Portuguese (“Negras-Patas” / “Black-Paws”, for *Melampus* comes from μέλας, “black”, + πούς, “paw”), as I exemplify with the translation that Jaa Torrano made of the names of the Muses in Hesiod’s *Theogony*? The decision, in turn, presupposes an analysis of the poem and theoretical reflection on the implication of each possibility.

Keywords: poetic translation; dactylic hexameter; Portuguese dodecasyllable; Ovid; *Metamorphoses*.

1. Sobre o episódio

O episódio da morte de Actêon notabiliza-se primeiro por diferir da maioria dos episódios contidos nas *Metamorfoses*, porque a transformação de Actêon em cervo não é propriamente etiológica, bem entendido, não é a narração de um fato anterior que exhibe a causa, a origem inteira (o *áition*) de um objeto ou de um costume ou de um nome que está diante de nossos olhos, como demonstram os fragmentos supérstites das *Origens*, de Calímaco, que, embora compostas em versos elegíacos, são modelo imediato do poema hexamétrico de Ovídio. À guisa de exemplo e comparação, se tomarmos aqui o antológico episódio de Dafne (1.490-567), verificamos que, quando a ninfa é transformada em loureiro (δάφνη, como se sabe, significa “loureiro” em grego), é narrada ali a origem primeira e completa desta árvore, que até então, no contexto mítico da criação do mundo exposta por Ovídio, ainda não existia: assumindo a perspectiva mítica e poética da narrativa, só podemos hoje contemplar um loureiro porque no passado a ninfa Dafne foi transformada em loureiro, que, na condição de árvore, só então, passou a existir. Assim também ocorre com o costume de celebrar os Jogos Píticos (1.434-451) e o próprio nome que possuem, que são realidades já consumadas no presente da narrativa: ambos se devem a Apolo ter matado a terrível serpente Píton e de se terem instituído jogos em lembrança do fato. Dá-se a um só tempo a causa de existir os jogos e do nome que possuem. Ora, não ocorre a mesma coisa no episódio de Actêon, cuja morte pelos seus próprios cães não é a origem de um objeto inteiro, como o loureiro, ou de um costume, como celebrar jogos, ou do nome “píticos”. A morte de Actêon é apenas a causa do sofrimento de Cadmo, seu avô, em meio a muitas alegrias, conforme Ovídio explica logo antes de iniciar a narração (3.138-142):

*Prima nepos inter tot res, Cadme, secundas
causa fuit luctus alienaque cornua fronti
aditta uosque, canes, satiatae sanguine erili.
At si bene quaeras, Fortuna, crimen in illo
non scelus inuenies: quod enim scelus error habebat?*

A causa primeira de teu luto, Cadmo, em meio a tantas coisas favoráveis,
foi teu neto e os alheios cornos em sua cabeça acrescentados
e os cães que se saciaram no sangue do dono.
Mas se procurares bem, vais encontrar nisso o Acaso,
não um crime dele, pois que crime havia no erro?

A metamorfose, que no poema sempre há, não é aqui espetacularmente arrematada por uma etiologia, pois o estraçalhamento que sofre Actêon não é

causa absoluta da existência de nenhum objeto, costume ou nome. O remate etiológico da transformação costuma ser nas *Metamorfoses* um dos maiores fatores de deleite, do *delectare* da poética, bem entendido, e a falta dele aqui poderia ser frustrante.

Entretanto, o que à primeira vista parece frustrar por imperícia do poeta é na verdade intencional, haja vista o quase *spoiler*, por assim dizer, que Ovídio dá nesses três versos, pois o deleite que sentiria o leitor ao descobrir a causa remota de um objeto, costume ou nome que ele vê no presente Ovídio substitui pela comoção (o *commouere* da poética) que se sente ao assistir a um caçador ser dilacerado por seus próprios cães, situação para a qual ele na verdade prepara o leitor nos versos citados: sabemos que algo acontecerá com o neto de Cadmo (Ovídio ainda não nomeia Actêon) e sabemos que se relaciona com cornos acrescentados na cabeça e com cães, mas nada mais. O caso é própria e particularmente patético porque os animais que com violência estroçam Actêon não apenas lhe pertencem, mas são eles mesmos símbolo de fidelidade e de brandura para com os donos. Os cães já não reconhecem Actêon transformado: no excerto, embora Ovídio mencione possíveis erro e crime (*error, scelus*, v. 142) de Actêon, o que se tematiza ali é o estranhamento: *per ora non sua*, “pela face que não era a sua”, diz o narrador (vv. 202-203), e *Actaeon ego sum, dominum cognoscite uestrum*, “Sou Actêon, reconheci o dono”, diz o próprio Actêon (v. 230)¹. A metamorfose produz estranhamento no próprio Actêon e nos cães, e daí decorre a ferocidade deles, argumentos que Ovídio articula no que bem se pode chamar “catálogo dos cães” (antecipado, aliás, pelo pequenino catálogo das ninfas serviçais de Diana, vv. 168-171): a deliberada sequência dos nomes gregos, cuja sonoridade ostensivamente gutural era tão estranha aos ouvidos romanos quanto é aos nossos é a segunda razão por que o episódio é notável. Há para os cães e o próprio Actêon um estranhamento que é visual, que Ovídio *narra*, mas para o leitor e sobretudo para o ouvinte do poema há um análogo estranhamento sonoro, que Ovídio *produz*. Sim, os nomes são a onomatopeia do feroz latir e rosnar dos cães associados ao ruído de seus passos na vegetação da montanha. Sendo verdade que o significado que têm em grego diz respeito a sua ação ou a suas características – como se vê por exemplo em Pânfago (πᾶς, παντός + φεύγω), “o que devora tudo”, em Nebrófono (νεβρός + φόνος), “o que mata a cria da corça”, Melampo (μέλας + πούς), “o de negros pés”, Oríbaso (ὄρος + βαίνω), “o que caminha nas montanhas” etc. – os nomes, porém, pela estranha sonoridade que possuem, afetam antes os ouvidos do que o pensamento e importam neste poema mais pelo som, que é coisa concreta, do que pelo conceito, que é coisa

¹ Este e o verso 200 foram postos entre colchetes por Tarrant (2004) por serem talvez interpolados, mas Lafaye (1928) os abona.

abstrata. Por isso, manifestam-se como uma questão que a tradução do poema, como se verá a seguir, não pode ignorar.

2. Sobre a tradução

O hexâmetro datílico contém entre 12 e 17 sílabas e é, assim, verso longo. Por esta razão, que é a primeira, traduzi-o por um dodecassílabo vernáculo, que, contando até 14 sílabas, também é longo. Com efeito, dentre os metros mais usuais em português, isto é, excetuando-se aqueles extensos versos formados pela junção de versos menores (os chamados “assinartetos”²), o dodecassílabo só não é mais longo do que o alexandrino espanhol, formado de dois hemistíquios de seis sílabas sem a cesura na sexta³, o que faz com que possa conter 13 ou até 14 sílabas.

Verter um verso longo pelo dodecassílabo possibilita manter na tradução aquilo que alhures chamei “isostiquia”⁴, designação cunhada no grego para significar “mesma quantidade de versos” (ἴσος, “mesma quantidade”, + στίχος, “verso”), assumindo, então, não apenas que o verso é a unidade do poema – aquilo de que o poema é imediatamente formado –, mas também que é importante manter na tradução o mesmo número de unidades, como traço da elocução. Essa é a segunda razão por que verti hexâmetro datílico por dodecassílabo.

Ademais, o hexâmetro datílico latino, segundo a incidência das cesuras trimímera, pentemímera e heptemímera, possibilita grande variedade de andamentos, podendo vir dividido em duas partes, quando contém uma cesura heptemímera, ou em três partes, quando contém uma cesura trimímera e outra heptemímera. Por esta razão, que é a terceira, traduzi-o pelo verso dodecassílabo, que é analogamente variável, pois pode apresentar 1) acento principal na sexta sílaba com sinalefa (é o verso alexandrino); 2) pode apresentar acento principal na sexta sílaba sem sinalefa e 3) pode apresentar acentos incidentes na quarta e oitava sílaba. Em outras palavras, à unicidade hexamétrica respondi com unicidade dodecassilábica, e à variedade de andamentos produzida pelas diferentes cesuras respondi com variedade de andamentos produzida pela diferente incidência das sílabas tônicas.

Quanto aos nomes próprios em geral gostaria de consignar em artigo que, mesmo tratando-se aqui de poesia e de tradução, com o grau de liberdade que permitem, eu houve por bem cuidar de manter a forma correta, digamos ortodoxa, em português, explicada e arrolada no *Índice de nomes próprios gregos e*

² Carvalho, 1981, p. 41, chama-os “versos compostos”, e Rogério Chociay, 1974, p. 142, “versos não ortodoxos”.

³ Azevedo Filho, 1971, p. 38.

⁴ Oliva Neto, 2015, p. 164.

latinos e assim evitar aqui o que lá se denuncia⁵, situação que, creio, infelizmente também ocorre nas dissertações, teses, livros e artigos sobre letras clássicas publicados no Brasil. No que tange ao nome dos cães em particular, lembro que, por mais importantes que sejam na narrativa, como vimos, não são figuras humanas cujo nome não poderia ser outro senão aquele que têm, como “Diana”, “Cadmo” e “Actêon”. Por isso, entre duas possibilidades – manter a forma grega apenas aportuguesada ou traduzir de fato os nomes ao português –, decidi pela primeira por causa do já referido estranhamento sonoro que os nomes produzem, que é funcional no poema e, portanto, a meu ver, intencional por parte do poeta. Para deixar patente que era questão de escolha, que obriga a fazer reflexão teórica e crítica sobre como e por que traduzir de certo modo e não de outro, cito um notável exemplo de escolha diferente da minha, que é a efetiva tradução de nomes gregos ao português realizada pelo professor Jaa Torrano ao verter a *Teogonia*, de Hesíodo, vv. 75-79:

ταῦτ' ἄρα Μοῦσαι ἄειδον Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι,
ἐννέα θυγατέρες μεγάλου Διὸς ἐκγεγαῦται,
Κλειώ τ' Εὐτέρπη τε Θάλεια τε Μελπομένη τε
Τερψιχόρη τ' Ἑρατώ τε Πολύμνια τ' Οὐρανίη τε
Καλλιόπη θ'· ἡ δὲ προφερεστάτη ἐστὶν ἀπασέων.

108

Isto as Musas cantavam, tendo o palácio olímpio,
nove filhas nascidas do grande Zeus:
Glória, Alegria, Festa, Dançarina
Alegra-coro, Amorosa, Hinária, Celeste
e Belavoz, que dentre todas vem à frente.

Torrano decidiu traduzir de fato os nomes gregos em vez de mantê-los aportuguesados: preferiu “Glória” a “Clio”; “Alegria” a “Euterpe”; “Festa” a “Talia”; “Dançarina” a “Terpsícore”; “Alegra-coro” a “Melpômene”; “Amorosa” a “Érato”; “Hinária” a “Polímnia”; “Celeste” a “Urânia”, e “Belavoz” a “Calíope”. Não é o caso aqui de dizer se gostamos ou não da escolha de Torrano, mas de analisá-la e tentar entendê-la. Parece-me claro que num poema etiológico sobre a origem dos deuses como a *Teogonia*, bem entendido, num poema em que se quer mostrar o ser, a substância de cada deus, que é dada de imediato por seu nome, ao tradutor lhe importava expor perfeitamente em português o conceito contido na denominação de cada Musa, de modo que quis antes traduzir o significado e

⁵ Maria Helena de Teves Costa Ureña Prieto (1995, p. V) afirma: “Dia a dia, em textos portugueses escritos e impressos no séc. XX, se lê, mal aportuguesado, o antropónimo, o mitónimo ou topónimo que, nos sécs. XVI a XIX, apareciam na sua mais correcta forma, em textos de prosadores e de poetas, de historiadores e de juristas, mesmo de segunda ou terceira ordem. Verifica-se entre nós um nítido retrocesso neste campo. É pena”.

até cunhar compostos em nossa língua do que, no aportuguesamento, manter a sonoridade dos nomes originais, por mais belos que possam ser. Assim como as escolhas que a tradução descortina obrigam ao exame crítico do poema por parte do tradutor (traduzir implica fazer crítica do poema), a verdadeira crítica de tradução (não a explicitação do mero gosto) pressupõe verificar as consequências do que foi escolhido e do que foi preterido. Os nomes gregos das Musas não são guturais e duros, mas, ao contrário, são suaves, de modo que mantê-los aportuguesados concorreria já não para estranhamento, mas para algo, digamos, “exótico”: produziriam agradável sonoridade, mas perder-se-ia, porém, a imediatez dos conceitos “glória”, “festa”, “dançarina” etc, que ali é o que mais importa. Os nomes gregos dos cães são duros e guturais em latim e em português, de modo que vertê-los por seus conceitos eliminaria a onomatopeia e transformaria em pensamento o que é, antes de tudo, som, que é o mais importante ali. Parece-me que foi tão coerente traduzir os nomes gregos na *Teogonia*, quanto mantê-los aportuguesados nas *Metamorfoses*. Julgue o leitor.

Passo à tradução do excerto. O texto latino utilizado é da Oxford, elaborado por R. J. Tarrant (2004), que cotejei com o de Lafaye (1928), da edição “Les Belles Lettres”.

2. Tradução

Um monte havia, tinto do cruor de várias
feras, e o dia ao meio as sombras encurtava,
e o sol era distante igual de um lado e doutro, 145
quando o jovem beócio os companheiros chama
em branda voz, que erravam em desvãos silvosos:
“À rede e ao ferro, amigos, já banhou o sangue
e o dia foi de sorte sim: quando outra Aurora,
em carros de açafraão, a luz trouxe, tornemos 150
ao trabalho, que, igual, de um lado e doutro agora
Febo está distante e do calor já fende
o chão: cessai a lide e os nós puxai da rede”.
Cumprem as ordens os varões, cessam a faina.
Um vale havia ali de pinhos e ciprestes, 155
Gargáfia, dom de Diana, a de encurtadas vestes,
e uma gruta se abria no último recanto
por arte alguma elaborada: a natureza
imitou com engenho a arte, e uma abóbada
fez, natural, de pomes vivo e leves tufos. 160
Uma fonte murmura e no arroio reluz,
cingida, onde se alarga, de relvosa margem.

Farta da caça, ali soía a sílvia deusa
banhar os membros virginais de água translúcida.
Assim que entrou, à ninfa d'armas dá o dardo 165
a aljava dá e dá o arco distendido;
outra recolhe ao braço o manto que despiu;
duas soltam-lhe os pés. Mais destra, a ismênia Crócale
os cabelos, ao colo derramados, prende-lhe
em coque, enquanto os seus eram revoltos. Néfele, 170
Híale, Rânis, Psécade, Fíale buscam
água, que, após, entornam dos repletos potes.
Banhava-se a titânia à linfa de costume,
quando o neto de Cadmo, suspensa a labuta,
por selva ignota errando com incerto passo, 175
penetra o nicho: assim levou-o seu destino.
Na gruta assim que entrou, que a fonte umedecia,
tal como estavam, nuas, à visão de um homem,
batem no peito as ninfas, enchem de alarido
o bosque inteiro e com os corpos circunfusos 180
a Diana enlaçam, que, porém, mais alta é
que todas, deusa, cujo rosto as sobrepuja.
A cor que ao raio as nuvens têm do oposto sol,
que tem a Aurora purpural, era a que Diana
tinha no rosto quando vista sem a veste. 185
Cercada embora pela grei de companheiras,
põe-se de lado e vira para trás a face,
e, desejando prontas ter à mão as setas,
águas, que tinha, lança ao rosto do rapaz
(espalham-se, inundando-lhe o cabelo todo) 190
e ao jato vingador palavras junta, signo
da perdição por vir: "Vai, conta que sem véu
me viste, se puderes". Mais não disse: à testa
úmida cornos dá de vivedeiro cervo,
alonga-lhe o pescoço, afila-lhe as orelhas, 195
em pés transmuda mãos; pernas, em longas patas,
e o corpo envolve com malhado pelo e dá-lhe
também pavor, pois foge o herói, filho de Autônoe.
Na correria a própria ligeireza o espanta.
[Assim que os cornos vê no espelho d'água e o rosto,] 200
"Triste de mim", diria, mas a voz não veio;
gemeu: eis sua voz; no rosto, não mais seu,

correm lágrimas: só lhe resta a mente antiga.
 Que fazer? Torna a casa e ao régio paço ou mete-se
 na mata? A isto o medo impede, àquilo o pejo. 205
 Hesita e os cães o avistam: logo vão Melampo
 e Icnóbates, sagaz, e o aviso dão latindo,
 Melampo, grei lacônia, Icnóbates de Creta.
 Correm outros mais rápidos que o vento célere
 Pânfago, Oríbaso e Dorceu, da Arcádia todos. 210
 Nebrófono fatal, Téron, atroz, com Lélape,
 Ptérela, bom nas patas, Agre, bom de faro,
 Hileu, de javali feroz recém-ferido;
 filha de lobo, Nape; guarda de rebanho,
 Pemênide, e Harpia, com o par de crias; 215
 Ládon siciônio, magro nos ilhais. E Drômade
 e Cãnaca e também Esticte, Tigre e Alce;
 de pelo branco Lêucon, Ásbolo, de negro;
 robusto Lácon, forte na corrida Aelo.
 Too, veloz Licisca e Cíprio, seu irmão; 220
 notável pela marca branca em negra fronte,
 Hárpalo; Melaneu e mais a hirsuta Lacne;
 filhos de pai cretense, mas de mãe lacônia,
 Labro, Agríodo e Hilactor, de aguda voz. Mais outros
 que é longo referir. Com avidez da presa 225
 o bando vai por lapas, rochas, inacessas
 penhas, onde é inviável, e onde não há via.
 Foge o rapaz por onde perseguiu, foge
 das crias que criou. Quis gritar [“Sou Actêon,
 reconheci o dono”]: faltam à vontade 230
 as palavras, no ar ecoam só bramidos.
 Melanquetes no dorso o fere primeiríssima,
 depois Terodamante; Oresítrofo a espádua
 morde (partindo após, por sendas da montanha
 chegam primeiro, cercam o senhor). Eis chega 235
 outro bando, no corpo a lhe encravar os dentes:
 lugar não resta às chagas. Ele geme e o som –
 que, se humano não é, não é de cervo – os cumes
 tão conhecidos enche de queixumes tristes.
 E de joelhos, súplice, como quem reza 240
 a muda face envolve como se com braços.
 Os sócios, néscios, os berros dão de praxe, o fero

bando assanham e Actêon, rivais, com os olhos
buscam, “Actêon!”, chamam, como se distante;
(ao nome vira a face); queixam-se do ausente, 245
que lerdo não contempla a presa que lhe ofertam.
Queria estar distante, não está; queria
ver, não sentir, cruéis façanhas de seus cães,
que o cercam e, imergindo-lhe na carne o rosto,
sob a imagem de um cervo falso o dono estroçam, 250
e só após findar-se a vida em tantas chagas
Diana, a do carcás, se diz, saciou a ira.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, L. A. de. **A técnica do verso em português**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

CARVALHO, A. de. **Tratado de versificação portuguesa**. 4ª ed. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1981.

CHOCIAY, R. **Teoria do verso**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1974.

LAFAYE, G. **Ovide, Les metamorphoses**. Tome I. Paris: Les Belles Lettres, 1928.

OLIVA NETO, J. A. 11 poemas de Propércio traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. In: Oliva Neto, João Angelo (org.), **Cadernos de literatura em tradução**, São Paulo, v. 15, p. 151-184, 2015.

TARRANT, R. J. P. **Ovidi Nasonis Metamorphoses**. Oxford: University Press, 2004.

UREÑA PRIETO, M. H. de T. C.; UREÑA PRIETO, J. M. de T. C.; PENA, A. do N. **Índices de nomes próprios gregos e latinos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1995.

Data de envio: 05/02/2023

Data de aprovação: 19/06/2023

Data de publicação: 14/07/2023